



o Samba é um Grande detator

REPRESENTATIVIDADE E RESISTÊNCIA CULTURAL
AFRO-BRASILEIRA NA OBRA DE NELSON SARGENTO
JULIANE MERENCIANO GAMBOA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES | ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE HISTÓRIA DA ARTE

eba ESCOLA DE
BELAS ARTES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE HISTÓRIA DA ARTE

**O SAMBA É UM GRANDE DELATOR:
REPRESENTATIVIDADE E RESISTÊNCIA CULTURAL AFRO-BRASILEIRA
NA OBRA DE NELSON SARGENTO**

Juliane Merenciano Gamboa


RIO DE JANEIRO
2022

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Escola de Belas Artes
Curso de História da Arte


O Samba é um Grande Delator:
Representatividade e resistência cultural afro-brasileira
na obra de Nelson Sargento

Juliane Merenciano Gamboa

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de
bacharelado em História da Arte na
Universidade Federal do Rio de
Janeiro como requisito parcial à
obtenção do título de Bacharel em
História da Arte.

Orientador: 
Prof. Dr. Valci Rubens Oliveira de Andrade | EBA/UFRJ

Aprovado por: 
Prof^a. Dra. Débora Santana Oliveira


Prof. Me. Thiago Fernandes

AGRADECIMENTOS

Agradeço e dedico este trabalho à minha ancestralidade e a todas as mulheres que vieram antes de mim e não tiveram liberdade, não foram ouvidas, lidas ou graduadas, mas mesmo assim construíram um caminho que me levou a chegar até aqui. Dedico também ao meu mano-anjo Juninho, que ainda me inspira a alçar voos muito altos.

Gostaria de agradecer e dedicar este trabalho ao mestre Nelson Sargento e toda sua família, ao seu amigo Agenor de Oliveira, que me cedeu uma importante conversa em um momento tão sensível de saudade.

Agradeço ao meu pai, Marcio Gamboa, por inserir minha criação à afetividade dos momentos coletivos cercados pela musicalidade do samba e por me ensinar a tocar pandeiro e violão.

Agradeço à minha mãe, Nádia Gamboa, por desde sempre me estimular a liberdade, a criatividade e o olhar sensível para a arte.

Agradeço a toda a minha família pelo enorme apoio e compreensão de ter me afastado em prol de novos caminhos. Aos meu companheiro Lucas, por todo carinho e parceria, por ser um homem disposto a construir um amor que nos impulsiona e alegra.

Agradeço aos meus e minhas colegas da turma 2014.2 por cada momento de trocas, aprendizados e descontração.

Agradeço ao meu orientador, Rubens Andrade, que me motivou a não desistir da graduação por diversas vezes ao longo do curso e que me acompanhou e impulsionou até este “fim”.

RESUMO

O samba e seus atravessamentos no campo das artes visuais percorre um território rico e potente. Enquanto gênero musical e dança, possui sonoridades e ritmos que, ao ganharem fisicalidade e movimento através dos corpos, reforçam o vigor da ancestralidade da cultura negra; enquanto arte visual indica caminhos que expõem a complexidade de um tecido sociocultural afro-brasileiro que, historicamente no Brasil, viveu a dor da desumanidade e resiste ao racismo estrutural, entretanto, segue redimensionando o seu *status quo* ao resgatar e ampliar suas formas de apropriação do mundo através da construção constante e renovada de outras identidades, sobretudo aquelas relativas às visualidades do seu cotidiano, considerando os seus símbolos e signos. O samba como patrimônio da cultura imaterial brasileira movimenta a inventividade de artistas que nele encontram a essência imagética para dar conta da história cultural afrodescendente e seu campo ampliado. Diante de tal prerrogativa, a proposta desta pesquisa é traçar um panorama da obra de Nelson Sargento considerando a sua trajetória histórica como pintor desde as suas vivências. Essa tarefa busca analisar e compreender como sua arte esteve atrelada às identidades raciais, à luta de classe social precarizada, à paisagem dos morros cariocas e à esfera de produção de artistas negros invisibilizados na estrutura sociocultural e das artes no país. Faz-se necessário problematizar a categorização da obra de Nelson Sargento como arte “Naïf” ou “primitiva” e, desse modo, dimensionar o valor da contribuição enquanto artista negro e a legitimação do seu acervo para os estudos da História da Arte no Brasil. Por fim, importa ainda pensar a representatividade cultural afro-brasileira em contraposição à retratação do negro defendida por movimentos da arte hegemônica.

Palavras-chave: Samba, Cultura afro-brasileira, Carnaval, Nelson Sargento, Arte Naïf.

ABSTRACT

Samba and its crossings in the field of visual arts travel through rich and powerful territory. As a musical genre and dance, it has sounds and rhythms that, by gaining physicality and movement through bodies reinforce the vigor of the ancestry of black culture; As a visual art, it indicates ways that expose the complexity of an Afro-Brazilian sociocultural fabric that historically lived in Brazil, and resists structural racism, however, continues to resize its status by rescuing and expanding its forms of appropriation of World through the constant and renewed construction of other identities, especially those related to the visualities of their daily lives, considering their symbols and signs. Samba as a heritage of Brazilian immaterial culture moves the inventiveness of artists who find the imaginary essence in it to account for the African descent cultural history and its expanded field. Given this prerogative, the proposal of this research is to draw an overview of Nelson Sargento's work considering his historical trajectory as a painter from the point of view of his experiences. This task seeks to analyze and understand how its art has been linked to racial identities, the precarious social class struggle, the landscape of carioca hills and the sphere of production of uninhibited black artists in the sociocultural structure and the arts in the country. It is necessary to problematize the categorization of Nelson Sargento's work as "naïf" or "primitive" art and thus scale the value of the contribution as a black artist and the legitimation of his collection for studies of art history in Brazil. Finally, it is also important to think of Afro-Brazilian cultural representativeness as opposed to the retraction of black people defended by hegemonic art movements.

Keywords: samba, Afro-Brazilian culture, carnival, Nelson Sergeant, naïf art.

AKOPO IORUBA

Samba ati awon irekoja re ni aaye ti awon ona wiwo, sise nipase agbegbe oloro ati agbara. Gegebi orin ati ori si ijó, o ni awon ohun orin ati awon rhythms ti, nipa gbigba ti ara ati gbigbe nipase awon ara, se okunkun agbara ti iran-ara ti asa dudu; gege bi aworan wiwo, o tokasi awon ona ti o safihan idiju ti aso asa awujo Afro-Brazil kan ti itan-akole ni Ilu Brazil, ti gbe irora ti aisedeede ati koju eleyameya igbekale, sibesibe, tesiwaju lati se iwon ipo ise re nipa gbigba ati faagun awon fomu ti isunmo ti aye nipase awon ibakan ati lotun ikole ti miiran idamo, paapa awon jemo si awon visualities ti won ojoojumo aye, considering won aami ati ami. Samba gegebi iteriba ti asa aibikita ara ilu Brazil n gbe idawole ti awon osere ti o wa ninu re ni pataki aworan lati se akole fun itan-akole asa ti Afro-iran ati aaye ti o gbooro. Ni idojuko pelu iru ase be, idi ti iwadii yii ni lati fa atoko ti ise ti Nelson Sargento se akiyesi itopa itan-akole re bi oluyaworan lati oju-ona ti awon iriri re. Ise-sise yii n wa lati se itupale ati loye bawo ni a se sopo aworan re si awon idanimu ti eda, ijakadi kilaasi awujo ti o buruju, ala-ile ti awon oke Carioca ati agbegbe ti selopo ti awon osere dudu ti a se alaihan ni awujo ati eto ise ona ni orile-ede naa. O je dandan lati se isoro ti isori ti ise Nelson Sargento gegebi "Naif" tabi "akoko" aworan ati, ni ona yii, lati se iwon iye ti ilowosi gegebi olarin dudu ati eto ti gbigba re fun awon oko ti Itan-akole ti Aworan ni Brazil. Nikehin, o tun se pataki lati ronun nipa asoju asa Afro-Brazil ni ilodi si ifihan ti awon eniyan dudu ti o daabobo nipase awon agbeka aworan hegemonic.

koko: Scara, Cultura Afro-Dutura, Carnaval, Nelson Sargento, Arte Naif.

*Feliz é aquele que
pode expressar
na arte as suas emoções.*

Nelson Sargento

SUMÁRIO

	Prólogo	13
1	O PENSAR DOS ARTISTAS E DA ARTE NEGRA NO BRASIL: NOTAS INICIAIS E DO QUE É FEITO ESTA PESQUISA	24
2	O ENCANTO DAS PAISAGENS DECOLONIAIS ATRAVÉS DA ARTE DE NELSON SARGENTO	31
3	DE RESISTÊNCIAS, AFRO-CULTURALIDADES E BRASILIDADES	40
4	NELSON SARGENTO – NEGRITUDE, FORÇA E DETERMINAÇÃO: A ARTE NAÏF COMO ESTRATÉGIA DECOLONIAL	49
	4.1. Notas de um artista atento às suas paisagens	50
	4.2. Samba, pintura e paisagem: as fronteiras entrecruzadas na arte de Nelson Sargento	55
	4.3. A pintura Naïf como estratégia decolonial na obra de Nelson Sargento	69
	4.4. Cronologia da obra de Nelson sargento: obras, exposições, retrospectivas	71
5	O SAMBA É UM GRANDE DELATOR: PONTES PARA O RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DOS ARTISTAS NEGROS	86
6	REFERÊNCIAS	89
7	ANEXOS REGISTROS JORNALÍSTICOS DE UM ARTISTA NEGRO, NELSON SAGENTO	92

PRÓLOGO

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra
Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500
Tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não tá no retrato¹

“Compositor. Cantor. Escritor. Pintor. Músico. Ator”, essas são as palavras que Cravo Albin (2021), musicólogo e pesquisador de Música Popular Brasileira, utiliza em seu Dicionário da MPB para definir Nelson Sargento, nome de destaque no cenário artístico musical do Brasil. As referências dos múltiplos predicados desse artista foram por mim descobertas em 2017, período em que surgiu o interesse de pesquisar temas relacionados a artistas ligados ao campo das artes visuais, em particular pintores, que abordavam temas nos quais o samba despontava como eixo central de suas composições pictóricas.

Pensar o entrelaçamento de dois campos representativos distintos, como as artes visuais e a música, não

¹ Samba-enredo da Mangueira para o desfile do carnaval de 2019, na qual a escola foi campeã. Compositores: Luiz Carlos Maximo Dias/Silvio Moreira Filho/ Danilo De Oliveira Firmino/Deivid Domenico Ferreira Lima/Marcio Antonio Salviano/Ronie De Oliveira Machado/Tomaz Disitzer Carvalho De Miranda/Manuela Trindade Oiticica.

foi um movimento isolado ou mesmo esteve apenas atrelado ao pragmatismo da escolha de um tema de pesquisa para a conclusão do Curso de História da Arte. De fato, a descoberta de Nelson Sargento e sua trajetória histórica como artista que manifestou distintas ordens de compreensão e interpretação daquilo que estava ao seu redor adquiriu uma dimensão significativa na minha compreensão de que o binômio artes visuais e música é um campo fértil a ser explorado e tem no país um representante de genuíno valor que, a meu ver, possui uma obra artística que precisa ser abordada.

O teor de uma pesquisa envolvendo Nelson Sargento colocou em questão aspectos próprios da cultura afrodescendente, percebi nas suas telas uma abordagem vigorosa de temáticas nas quais paisagens, objetos, personagens, manifestações cotidianas indicam a ordem de um mundo particular, de um ambiente que destaca elementos de uma negritude que continua solicitando que seus símbolos e signos sejam compreendidos e valorizados na sua essência pela sociedade.

Conhecido muito mais pela sua arte de músico e compositor, Nelson Sargento expressa uma série de saberes artísticos, como afirma Cravo Albin. Dentre tantas possibilidades criativas no campo das artes, o que precisa ser demarcado é sua vertente como pintor. Tive a oportunidade de perceber como ele consegue traduzir suas ideias e, por que não dizer, sua música em cores e tintas. O encantamento tomou meus sentidos ao explorar os poucos registros que pude descobrir na internet sobre sua história.

Ao mesmo tempo que descobria as singularidades de sua biografia, *pari passu* à sua obra como pintor autodidata, surpreendia-me negativamente com o exíguo volume de informações. A escassez de entrevistas e a rara presença do artista em exposições coletivas ou individuais aparentemente

soam como um alerta de que ainda persiste um sistema desfavorável para a criação de espaços e valorização de artistas que desfrutam das benesses de um sistema segregador e racista. O encantamento referido atingiu outro patamar e transformou-se em um convite para ir além e me aprofundar no estudo sobre o conjunto das obras em artes visuais de Nelson Sargento.

Eu, que saí de Petrópolis para cursar História da Arte no Rio de Janeiro, recordo o que aprendi nas rodas de samba que fizeram parte da minha infância e tornaram-se hoje um combustível eficaz para o que eu buscava compreender na faculdade. Foi interessante perceber como essas memórias ganharam potência e se tornaram elementos essenciais nas narrativas que me interessava construir como Historiadora da Arte, sobretudo, a partir da cultura que vivenciava no meu dia a dia, como as minhas tradições afrodescendentes, o samba, os referências religiosos e a história oral de um grupo social que ainda hoje precisa dar conta de estar continuamente resgatando suas heranças, como também lutando pelo fortalecimento das bases raciais e étnicas que, por sua vez, também se apresentam como um norte para que eu possa entender as formas de representação e as visualidades que atravessaram e forjaram minha existência.

Se o percurso teórico e conceitual trilhado na Escola de Belas Artes criou um arcabouço científico para olhar o mundo de forma mais analítica, importa destacar que as rodas de samba que voltei a frequentar quando vim morar no Rio de Janeiro também me ofereceram possibilidades de compreender minhas origens e o contexto cultural do samba e sua zona de atuação no cotidiano da cidade e como ele influencia aqueles que habitam o campo das representações visuais, nesse caso em particular a pintura de Nelson Sargento.

O samba esteve ativamente presente em minha vida nesse movimento de mudança de cidade e busca por autonomia, bem como no meu reencontro com minha ancestralidade. Acho interessante pensar que precisei **sair de casa** e ver o mundo bastante desprotegida e sem preparo para percorrer um caminho que me ensinou “a voltar”. Um caminho que me ensinou que eu preciso olhar para trás para construir e seguir adiante. Isso quer dizer e tem relação com a *Sankofa*, ou seja, um símbolo que faz parte de um conjunto de ideogramas chamados Adinkra, representado por um pássaro que volta a cabeça à cauda. O símbolo é traduzido como: “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”.

Quando meu caminho me levou de volta para casa, eu notei que meu corpo era negro e repleto de sentido, de beleza e de história. Entendi a raiz de muitas dores que me atravessaram e tratei de buscar canais de cura. Um desses canais foi a música. Quando a ordem das sonoridades, que funde uma pauta musical, um ritmo, uma harmonia e uma letra, e tudo isso junto começa a criar distinções no meu modo de interpretar o mundo, as mudanças efetivamente se materializam no meu ser e estar na paisagem. Tal prerrogativa me faz recordar dos versos de Jorge Aragão em sua composição que tem o título “Identidade” (1992). Ele afirma nesses versos cantados:

Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história (Jorge Aragão, 1992)².

Também em 2017, no mesmo ano em que descobri as obras de pintura do sambista mangueirense, meu encontro com

² IDENTIDADE. Intérprete: Jorge Aragão. In: CHORANDO ESTRELAS. Intérprete: Jorge Aragão. Rio de Janeiro: Som Livre, 1992. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/jorge-aragao/77012/>. Acesso em: 29 jul. 2022.

a música atingiu outro patamar: começava a fazer meus primeiros shows no Rio de Janeiro. Envolvida pela energia das noites de samba nas ruas do Centro, da Saúde e da Gamboa, região que hoje ainda habito, desponta um processo real de resgate da minha ancestralidade, da musicalidade que vivenciei em minha infância. Recordo com frequência quando meu pai era percussionista de um grupo de samba em Petrópolis. A memória pinta com cores fortes os domingos em família, um momento dedicado não apenas para comer, mas, sobretudo, para se fazer música! Para ouvir música!

Desde o início da graduação, interpretei que queria agrupar meu interesse musical com a pesquisa em História da Arte. Entretanto, importa advertir o leitor que durante esse trajeto meu empenho pela música cresceu e, em contrapartida, o tempo e atenção à História da Arte não apresentava mais o mesmo protagonismo no meu cotidiano.

A razão? Eu não encontrava meios de me enxergar na versão que me foi apresentada da História da Arte. Foi conflituoso percorrer esse território e dar conta de questões nas quais não era possível reconhecer narrativas ou elementos que não se aproximavam ou representavam o que era familiar. Nos slides, textos e arcos teóricos que pautaram os debates, era raro estabelecer encontros ou construir debates com a realidade que se aproximava do mundo que eu vivenciava com boa parte dos colegas de turma ao protagonizarmos a escuta de determinados cânones da História da Arte.

Esse sentimento que interpretamos como uma forma de invisibilidade fez com que nos enxergássemos uns aos outros. Ou seja, Arcasi, Thuanny Reis, Marielen Romão, Claudio Marques, May Agontinmé e eu, estudantes negras e negros da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fomos capturados por um movimento que buscou investigar nossa presença na universidade e em que esfera

aquela história da arte que nos era apresentada teria meios conceituais, teóricos e práticos de representar e dar sentido às narrativas, pautas e representatividades que acolhessem corpos, vivências ou uma cultura que está à margem do cânone apresentado no escopo central do curso.

Nesse contexto, criamos *Afroresistências: estética negra e novas narrativas*, um evento aberto ocorrido na Escola de Belas Artes entre 11 e 13 de maio de 2016 que reuniu artistas, estudantes, afroempreendedores, educadores, mestres, portadores de diversos saberes da cultura negra, com o objetivo de promover debates e apresentar trabalhos acadêmicos, bem como também sinalizar a produção de uma economia criativa. A mostra coletiva de arte organizada tinha uma pauta bastante clara e indicava questões fundantes para serem repensadas. O teor central do debate e da oposição ao status quo estabelecido para pensar a história da arte a partir do contexto afrodescendente era:

Afroresistências, para nós, é o acúmulo presente da consciência imemorial vivida pelos corpos negros até hoje. Queremos fortalecer conexões com os conhecimentos e tradições - que resistem e re-existem - da diáspora africana à resistência dos povos nativos de nosso continente americano. O que propomos surge como nova demanda no contexto da recente entrada de estudantes negros e indígenas, periféricos e pobres na universidade, uma instituição historicamente excludente, que agora se converte em espaço de disputa e resistência diária. Por isso, vale questionar: qual o lugar do conhecimento não eurocêntrico na trajetória de 200 anos da Escola de Belas Artes? Qual será o impacto deste novo protagonismo na produção historiográfica e estética acadêmica? Da arte consagrada nos Axés dos Terreiros ancestrais, nas ladainhas, nos cantos indígenas, nas mãos e vozes dos Babá-eguns, das saias rodadas do coco, jongo, carimbó e maracatu, dos corpos torneados pelo aprendizado da capoeira, da produção cinematográfica de Pernambuco e da Baixada Fluminense, dos gritos de expressão nos muros da cidade, como o piche e o grafite, da produção contemporânea oriunda das diversas quebradas do Brasil: um encontro.³

³ Chamada para o evento Afroresistências: Estética Negra e Novas Narrativas, cf. APRESENTAÇÃO. In: *Afroresistências: Estética Negra e Novas Narrativas*. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://afroresistencias.wixsite.com/afroresistencias/blank-c1ppg>. Acesso em: 29 jul.2022.

Foi a partir desse encontro que foram gerados diversos atravessamentos intelectuais, emocionais, psicológicos e físicos. Nesse processo foi possível começarmos a perceber que nossa trajetória acadêmica necessitava cada vez mais de encontros e de um tipo de escuta que não se submete às nossas vozes. Fazia-se necessário outros marcadores que, genuinamente, indicassem o não silenciamento das nossas formas de interpretar a culturalidade que nos é inerente. Fomos curadores, produtores, mediadores, montadores, financiadores da nossa própria História da Arte durante aqueles dias. Produzimos, criamos, montamos, ou seja, fomos curadores de uma mostra que foi a primeira exposição de alguns dos artistas que ali passaram. Dentre eles, Elian Almeida⁴.

Participar da gestão do Afroresistências me possibilitou caminhos diversos e um entendimento maior sobre minha identidade, e sobre corpos negros como foco na produção e na representatividade, em especial, das artes visuais. O sentimento de que nossos corpos eram invisíveis para os tratados e convenções hegemônicas daquela instituição nos fez resgatar a prática ancestral de aquilombamento⁵. Ao resgatar essa prática, entendi que nós precisamos contar a história dos nossos, retomar o poder de fala, tirar a mordaca

⁴ Elian Almeida baseia sua prática na convergência de diferentes linguagens, como pintura, fotografia, vídeo e instalação, tornando-se expoente de uma nova geração de artistas produtores de objetos e imagens que reivindicam protagonismo para agentes e corpos usualmente marginalizados em nossa sociedade e na tradição da arte, cf. COSTA, Bruno. Elian Almeida: sobre apagamento e protagonismo feminino negro. *Vogue*, São Paulo, 3 set. 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/Arte/noticia/2021/09/elian-almeida-sobre-apagamento-e-protagonismo-feminino-negro.html>. Acesso em: 29 jul. 2022.

⁵ Aquilombar-se é compreender a nossa história, nossas origens, nossa cultura, resgatar nossas memórias, é lembrar o passado para entender o presente e construir o futuro. Isso nos faz perceber o quanto a ação cultural e ação política caminham juntas e formam uma tecnologia poderosa de organização e intervenção social. Aquilombar-se é também saber se comunicar, organizar conceitos, construir fundamentos, narrativas e estabelecer diálogo com o conjunto da sociedade. É a batalha das ideias. Além de descolonizar o nosso corpo, precisamos descolonizar nossas mentes. O aquilombamento é uma necessidade histórica, um chamado, uma reconexão com nossa ancestralidade para atuar no presente, é construir esperança, força, sonho, é construir um futuro melhor!

que insistem em nos colocar, como fez o artista Yhuri Cruz em sua obra *Anastácia Livre* (2019).

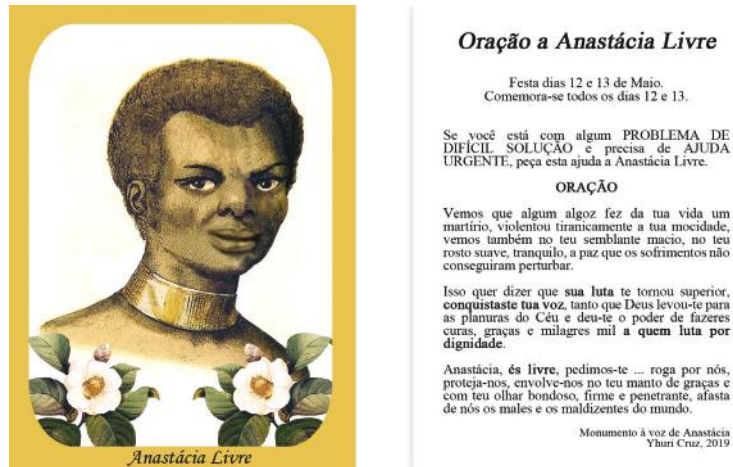


Figura 1: Frame da obra *Anastácia Livre*.

Fonte: Cruz (2019).

Mais que contar nossa própria história, através da nossa produção, somos impelidos de lutar contra o epistemicídio⁶, a falta de consideração e o apagamento dos métodos de registro e expressão das ancestralidades africanas. É necessário citar e criar historiografias que falem sobre as histórias do povo afro-brasileiro de maneira factual e digna, criticando e combatendo as narrativas racistas e classistas provindas de autores brancos que seguem sendo homenageados, quase sempre presentes nos programas dos cursos escolares e universitários e nas bibliografias de trabalhos acadêmicos.

O Brasil é um país que desde o início de sua história abolicionista não se esforçou politicamente o suficiente para cicatrizar os danos sociais, políticos, econômicos e culturais causados pela escravização de negros e negras africanas. Esse processo se reflete em todas as áreas da sociedade,

⁶ Por epistemicídio, Souza Santos (2009, p. 183) se refere “à destruição de algumas formas de saber locais, à inferiorização de outros, desperdiçando-se, em nome dos desígnios do colonialismo, a riqueza de perspectivas presente na diversidade cultural e nas multifacetadas visões do mundo por elas protagonizadas”.

ocasionando a marginalização de pessoas negras e apartando-as de seus direitos básicos.

Artistas negras e negros como Nelson Sargento, normalmente, não gozam de privilégios. A história dele foi marcada por problemas financeiros estruturais que prejudicaram sua produção e pela ausência de autoestima para se reconhecer como artista, tal como ainda acontece com outros artistas negros e negras e ainda temos que lidar na prática com o fato de que poucos são absorvidos pelo mercado de arte.

O racismo estrutural presente em diferentes espaços da sociedade brasileira alcança Nelson Sargento, mesmo que ele seja um artista reconhecido no contexto nacional.

Em entrevista ao site **Agenda Bafafá**, Nelson Sargento afirmou determinados aspectos que demonstram como sua obra musical é valorizada de forma seletiva, ou seja, ela ganha destaque a partir de determinadas narrativas, através de uma crítica especializada, de entrevistas, livros, publicações, no entanto, a mídia e determinados grupos “formadores de opinião” têm seus interesses calcados em uma pauta mercadológica e aparentemente não demonstram interesse em entregar ao público um material que forje aos seus padrões.

O artista vai além na sua análise e acrescenta: “se você chegar numa Universidade, não vai encontrar ele”. Ou seja, os artistas que não se adequam às pautas culturais vigentes ao mercado estão expostos ao ostracismo. Pode-se então pensar que, se reconhecimento e prestígio da música de Nelson Sargento, um artista quase centenário, encontra resistência, o que se dirá sobre sua trajetória como artista no campo das artes visuais?

Quando conheci as obras de Nelson Sargento, tive a certeza de que seria eu uma das primeiras pessoas a colocar sua pintura em debate dentro da academia. Logo, me candidato

com esse trabalho a ser mais uma voz a fim de socorrer a arte de Nelson Sargento. Minha postura é resiliente e minha narrativa está forjada pela resistência e o enfrentamento ao racismo estrutural que insiste em golpear artistas e coletivos que defendem suas matrizes raciais e étnicas. A arte das bordas, da periferia e de corpos subalternizados não irá agonizar e menos ainda morrer. Portanto, a possibilidade que surge com este trabalho de ser mais uma voz que se junta a outras para calar o preconceito e afirmar a pintura de Nelson Sargento está nas mãos de uma mulher preta, musicista e Historiadora da Arte.

1. O PENSAR DOS ARTISTAS E DA ARTE NEGRA NO BRASIL: NOTAS INICIAIS E DO QUE É FEITO ESTA PESQUISA



Figura 2: Reportagem sobre a morte de Nelson Sargento.
Fonte: Fernandes (2021).



Figura 3: *Printscreen* da reportagem sobre a morte de Nelson Sargento
Fonte: Fernandes (2021).

LUTO NA MÚSICA BRASILEIRA >

Nelson Sargento, ícone do samba, morre aos 96 anos por complicações da covid-19

Um dos principais nomes da Mangueira e da música popular brasileira, o artista havia sido internado na sexta-feira, 21 de maio. Músico também tratava um câncer



O mestre do Samba, Nelson Sargento.
REPRODUÇÃO / R

Figura 3: Reportagem sobre a morte por Covid-19 de Nelson Sargento.
Fonte: Oliveira (2021).



ARTES VISUAIS

Nelson Sargento

Por Editores da Enciclopédia Itaú Cultural

Última atualização: 20.05.2022

25.07.1924 Brasil / Rio de Janeiro / Rio de Janeiro

27.05.2021 Brasil / Rio de Janeiro / Rio de Janeiro



Nelson Mattos (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1924 - Idem, 2021). Compositor, cantor, artista plástico, escritor e ator. Seu envolvimento com o samba desde os anos 1940, especialmente na escola de samba Estação Primeira de Mangueira, fazem dele uma figura importante para as transformações do gênero, para a evolução do Carnaval carioca e para a ...

Texto



Outras grafias do nome

Nelson Mattos

Obras 1



Habilidades

Artista plástico

Ator

Cantor/Intérprete

Compositor

Escritor

Pintor

Exposições 2



Fontes de pesquisa 6



Como citar



Espaço do professor

Compartilhando ideias e conhecimentos



Construa a Enciclopédia com a gente

Mande suas sugestões para nossa equipe



Sobre a enciclopédia

De onde vem o conteúdo que você lê aqui

ISBN - 978-85-7979-060-7

© 2001 - 2022 Itaú Cultural

[Termos de uso e política de privacidade](#)

O Itaú Cultural utilizou recursos de incentivo fiscal por meio da Lei Rouanet até 2016. [Saiba mais](#)

Realização



Este site utiliza cookies de acordo com os nossos [Termos de Uso e Política de Privacidade](#) e, ao continuar navegando nele, você declara estar ciente dessas condições.

OK

Figura 4: *Printscreen* da página do artista na Enciclopédia Itaú Cultural
Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural (2022).

As imagens que abrem este trabalho trazem questões urgentes e emergentes que vão além dos relatos de uma vida que chega ao fim, de referências de um artista cuja importância revela-se para além das fronteiras nacionais, de um nome que hoje ocupa um espaço em acervo enciclopédico que busca mapear a produção artística e cultural do Brasil.

Essas representações em veículos midiáticos amplamente reconhecidos abrem caminhos para pensar não apenas as dimensões da obra de Nelson Sargento e sua potência enquanto artista múltiplo, mas também quais fronteiras ele cruzou, como de fato se deu a sua trajetória e qual a ordem de contribuição desse homem negro como artista visual para a História da Arte no Brasil. Além disso, como ele e sua arte expõe a necessidade de se pensar a produção de artistas negros que ao longo de suas vidas são invisibilizados pelo racismo estrutural estabelecido historicamente no Brasil.

Poucos artistas plásticos negros e negras têm alcançado visibilidade por uma forte demanda que o mercado atual apresenta, a de apelar para políticas de diversidade que demonstrem solidariedade às causas raciais, dentre outras. Entretanto, a mera visibilidade de poucos artistas negros não é suficiente para suscitar transformações.

A cena artística brasileira ainda privilegia artistas brancos e suas histórias da arte estáticas de movimentos periodicizados com início, meio e fim. Por outro lado, a arte afro-brasileira mostra-se em movimentos contrastantes e, por que não dizer, pautada por anacronismos: algo demarcado como daqui para frente e daqui para trás, formulando assim deslocamentos orgânicos de existência e re-existência.

O modernismo, em particular, colocou a arte afro-brasileira em um patamar que, a meu ver, gera muitos questionamentos, devido a que as leituras e narrativas realizadas trazem uma perspectiva primitivista e, em alguns momentos, ingênua, uma leitura descontextualizada

entre as partes e o todo e vice-versa. Nesse sentido, avalio como salutar delinear questões e formalizar debates que visam contribuir para que arte produzida pela cultura afrodescendente seja colocada no seu lugar de valor definido, não necessariamente tratada à margem ou apropriada por aqueles que não possuem a real compreensão, a essência dos signos e símbolos da história de vidas negras, assim como as trajetórias de sofrimentos e de ações que subtraíram tantas vidas pela opressão que lhe foram submetidas.

A arte negra, seus artistas e obras, portanto, surge como fundamento das questões que aqui proponho exercitar. Para tanto, a história e a historiografia são elementos essenciais para promover a escuta e, conseqüentemente, a escrita pelas mãos negras, pois se faz urgente desvincular-se das narrativas produzidas pela visão unilateral branca que nem sempre está atenta às singularidades da história do povo negro, das imagens que foram ao longo do tempo produzidas e que sofreram apagamentos ou foram castradas na escolha de determinadas narrativas para escrever a história de um Brasil que, em muitos momentos, não estava atendendo aos povos que, de fato, contribuíram para a construção dessa nação.

Diante de tais questões, este trabalho tem por objetivo discutir aspectos da arte afro-brasileira e suas condições de existência, produzir olhares mais amplos sobre a produção plástica de Nelson Sargento e seus métodos, interpretando suas obras através de análises de suas vivências no universo do samba e territórios correlatos, e fomentar o interesse da academia por sua obra – um desejo declarado pelo próprio artista.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo *O pensar dos artistas e da arte negra no Brasil: notas iniciais e do que é feito esta pesquisa* faz as apresentações gerais sobre a pesquisa. O segundo capítulo *O encanto das paisagens decoloniais através da arte de Nelson Sargento*, além de trazer aspectos introdutórios, aborda questões relativas ao racismo estrutural e a paisagem do morro que tanto é aclamado por Nelson em sua obra plástica e musical. No capítulo seguinte, *De resistências, afro-culturalidades e brasilidades: no tempo contemporâneo*, faço uma contextualização histórica sobre a presença negra no Brasil, a formação e as tentativas de deformação da cultura afro-brasileira ao longo dos séculos. Neste capítulo, questiono a visão de brasilidade vinculada pelo movimento modernista e sua apropriação da imagem da mulher negra como fetiche exótico. Para tanto, somo à discussão trabalhos de artistas negras contemporâneas que propõem a revisão crítica da história da arte brasileira e se impõem com literal protagonismo. O quarto capítulo *Nelson Sargento – negritude força e determinação: a arte naïf como estratégia decolonial* foca inicialmente na história de vida do artista e em sua obra desde o princípio de seu interesse plástico. Neste capítulo também

são propostas análises das fases abstrata e figurativa de suas pinturas, contemplando a visão de artistas referenciados por Nelson, bem como sua relação com a Mangueira – território de moradia e Escola de Samba, e por último, proponho um olhar contemporâneo e subversivo sobre a arte naïf proposta por Renata Felinto na 15ª Bienal Naïfs do Brasil de 2020/2021. Por fim, em *O samba é um grande delator: pontes para o reconhecimento e valorização dos artistas negros*, faço considerações gerais e finais sobre o caminho percorrido neste trabalho e meus anseios de reverberação deste.

2. O ENCANTO DAS PAISAGENS DECOLONIAIS ATRAVÉS DA ARTE DE NELSON SARGENTO

Meu nome é favela
É do povo do gueto a minha raiz, becos e vielas
Eu encanto e canto uma história feliz
De humildade verdadeira
Gente simples de primeira (Arlindo Cruz, 2011).⁷

A fratura aberta pela escravização de corpos negros no horizonte das questões que envolvem a cultura afro-brasileira é uma das causas que impacta de forma negativa e direta a paisagem cultural, aqui interpretada pela produção no campo das artes visuais concebida por artistas negras e negros como Nelson Sargento.

Apesar dos movimentos que buscam a afirmação das pautas que envolvem a discussão do racismo estrutural⁸ no Brasil, o apagamento de registros daqueles que ganharam visibilidade no país ainda é recorrente no campo cultural em diferentes manifestações, no âmbito material ou imaterial na paisagem e na arte. Em particular, tal perspectiva se volta diretamente neste trabalho à cultura material produzida a partir de uma arte engajada em pensar a racialidade e a etnia negra.

Diante dos desafios impostos por um tempo e espaço que requer atenção para tais questões, é urgente a necessidade de fortalecimento de movimentos sociais e o exercício da escuta de vozes negras e aquelas engajadas em subtrair da paisagem cotidiana os ecos de uma colonialidade que ainda insiste em expor sua face mais cruel nas relações socioculturais firmadas

⁷ MEU nome é favela. Intérprete: Arlindo Cruz. *In*: BATUQUES e romances. Intérprete: Arlindo Cruz. Rio de Janeiro: Sony Music, 2011. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/arlando-cruz/1921351/>. Acesso em: 25 jul. 2022.

⁸ Sobre a concepção de racismo estrutural, Almeida (2019, p. 27) nos diz: “O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. (...) O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistêmica. Ainda que os indivíduos que cometam atos racistas sejam responsabilizados, o olhar estrutural sobre as relações raciais nos leva a concluir que a responsabilização jurídica não é suficiente para que a sociedade deixe de ser uma máquina produtora de desigualdade racial.

no tecido urbano. Daí o interesse de valorizar o processo de descolonização do conhecimento, da atualização de uma estética conceitual que abrigue a diversidade de olhares e vozes pertencentes a artistas e autores não-brancos a fim de contribuir para o refazimento da história de sua existência.

Dito isso, assumo uma pauta de análise que reforça a relevância de tratar do tema deste trabalho a partir de uma perspectiva decolonial ⁹e antirracista, no interesse de compreender a produção de artistas e suas vivências, buscando, portanto, dimensionar os referenciais específicos que lhes são inerentes para pensar a sua existência, o seu ser e estar em uma paisagem afetada, em diversas instâncias, por um racismo estrutural que na contemporaneidade reafirma seus signos e símbolos sociais. Portanto, há a necessidade real de apontar marcadores e demarcar outros que consigam desconstruir o arco de posicionamentos ideológicos e, na prática, o uso e a circulação de termos pejorativos comumente associados ao trabalho do artista, que não podem ser interpretados a partir de cânones tradicionais utilizados para se analisar, avaliar e dimensionar obras que não seguem os padrões e as leituras pré-estabelecidas por uma tradição *status quo* que precisa ser lida a contrapelo.

Importa destacar que, essencialmente, a construção deste trabalho e o andamento desta pesquisa se devem à disponibilidade de Agenor de Oliveira (Figura 5), cantor e compositor, braço direito de Nelson Sargento por mais de trinta anos. Essas essencialidades provêm, entre outras coisas, de uma longa e potente entrevista que ele me concedeu. O marcador em si oferecido foi fundamental e permitiu o desenho de arcos conceituais e o encontro com uma parte da obra de Nelson Sargento.

⁹ A decolonialidade é um conceito desenvolvido por estudiosos como Aníbal Quijano (2005), Catherine Walsh, Edgard Lander (2005), Enrique Dusseil (2000), Nelson Maldonado-Torres (2017) e Walter Mignolo, que integram o grupo MCD (Modernidade, Colonialidade e Decolonialidade). O conceito surge como uma proposta para enfrentar o pensamento moderno e colonial, é apresentado como um novo caminho de resistência e desconstrução de padrões e perspectivas produzidas e impostas aos povos subalternizados durante o processo de exploração capitalista.



Figura 5: Entrevista com Agenor de Oliveira.
Fonte: Acervo da Autora. Fotografia de Patrícia Blasón.

Nessa ocasião, não apenas exercitei com redobrada atenção a escuta, mas também pude fotografar todas as obras do acervo pessoal de Agenor de Oliveira. Ou seja, esse encontro único abriu muitos pontos de fuga para a jornada que havia decidido fazer pela história e obra do artista.

Após a realização das escutas e do exercício visual, foi possível compreender que é importante defender a legitimação de artistas negros e negras que retratam a cultura afro-brasileira, destacando sua importância representativa para o imaginário social brasileiro e sua diversidade. Nesse sentido, a paisagem capturada por esses artistas indica camadas de tempos e espaços que deixam expostas visões de mundo contrastantes não apenas com o universo pictórico ou paisagístico ao qual somos educados para pensar a arte no seu campo ampliado.

É interessante que as formas, a composição temática e toda a visualidade materializada a partir do encontro entre o artista, a tinta, a tela e seu imaginário capturam uma atmosfera que se opõe pelo vértice de toda a cultura visual que a História da Arte *stricto sensu*, ao longo dos tempos, estabeleceu como visão hegemônica.

Em entrevista, Agenor de Oliveira revelou que Nelson Sargento se queixava da falta de referências de imagens da favela nas pinturas e tomou esse incômodo como um disparador para pensar as paisagens que ele habita e transformá-las como elemento que poderia se tornar um caminho a ser perseguido pelas visualidades que ele gostaria de exercitar na sua pintura. Diante de tensões e demandas que eram impostas ao seu ímpeto de artista, o potencial embate entre o que era oferecido pela arte institucionalizada na academia, nos museus e na galeria, e a arte

produzida à margem dessa esfera de ação potencializava, não apenas a Nelson Sargento, mas também a outros artistas que viviam situações semelhantes, a necessidade de um posicionamento que ultrapasse fronteiras artísticas e culturais criadas, a romper as linhas que limitavam a visibilidade que sua arte deveria ter.

No caso de Nelson Sargento, Agenor de Oliveira resgatou situações que revelavam essa visão de luta e resistência à forma que um negro interpretava a paisagem na qual ele construía seus dias e concebia suas composições abstracionistas ou figurativas, sendo a segunda a que perdurou toda sua vida. Considerando tal perspectiva, é oportuno destacar sua obra *Sem título* de 2003.

A composição em si destaca uma série de elementos que se repetem na maior parte das obras de Nelson. Quase sempre o artista traz a paisagem da favela como plano de fundo, plano principal ou detalhe. Ao percorrer cada um desses elementos compositivos, nota-se que o ambiente descrito na pintura indica não apenas a diversidade cultural que é possível ser encontrada no morro, afinal, os morros cariocas são um retrato de várias regionalidades do país, mas também oferece ao observador uma leitura atenta do lugar que, apesar do colorismo presente nas casas, mostra-se devastado, sem vegetação a não ser uma árvore seca, talvez morta, que ocupa uma linha de visão próxima a um poste de luz que, por sua vez, não conecta seus cabos a nenhum dos barracos coloridos. Seria essa uma alusão à ausência da energia elétrica que esses corpos não teriam acesso? Estaria Nelson Sargento dando voz às agruras que é a vida no morro?

Diante desse contexto, não deve ser esquecido que o artista era morador do Morro da Mangueira. Nessa comunidade ele cresceu, começou sua história artística e por que não afirmar que estabeleceu um processo de autoafirmação ao optar por pintar a paisagem na qual os seus sentidos estavam imersos. Era o ambiente da Mangueira que capturava suas práticas inventivas e alimentava a inspiração estética e crítica que conduziu em grande parte sua obra e deixou como marcador referências às obras de negras e negros no campo das artes visuais.



Figura 6: *Sem título*, de 2003, obra de Nelson Sargento que já indica seu compromisso em revelar as formas e cores das favelas.

Fonte: Acervo da Coleção de Agenor de Oliveira. Fotografia de Patrícia Blason.

No diálogo que se busca estabelecer sobre as intercessões entre a paisagem encantada e a decolonialidade, erguem-se muitas questões importantes na produção artística contemporânea, especificamente, sobre temas que discutem etnia e racialidade no campo das artes visuais, e como ambas se manifestam nas paisagens lidas a partir da obra de Nelson Sargento.

No interesse de avançar o debate de tais questões, recorro aos versos de Nelson Sargento presentes na canção “Encanto da paisagem” para vislumbrar as peculiaridades geradas por esse viver em uma comunidade forjada a partir dos contrastes manifestos em grupos sociais historicamente expostos a processos que subalternizam o lugar onde vivem e a cor de seus corpos, assim como também provocam tensões para a cultura e a arte por eles criadas.

Morro és o encanto da paisagem
Suntuoso personagem
De rudimentar beleza
Morro, progresso lento e primário

És imponente no cenário
Inspiração da natureza
(Nelson Sargento)

Se na visão de Nelson Sargento o morro possui as características apontadas em seus versos, como dimensionar que ao longo de mais de cem anos, no espaço urbano carioca, a denominação “bairro” para as favelas foi contestada pela sociedade e pelo poder público? Afinal, as favelas carregavam uma série de representações que estigmatizam o *locus* favela. Na tentativa de ligar alguns pontos desse debate, destaco inicialmente as ideias apresentadas por Pizotti (2010, p. 21) ao ressaltar que a vida no morro poderia ser lida como uma “instalação provisória”, “área insalubre”, “moradia de pessoas sem alma e preguiçosas”. Tais representações apontam posturas socioculturais pejorativas em relação aos grupos sociais que não por escolha, mas por necessidade, se instalaram nas favelas.

Os marcadores mencionados precisam ser contrastados quando analisados na esfera de ação do Estado, uma vez que tal prerrogativa oferece elementos que não apenas reforçam a estigmatização desses corpos sociais, como também contribuem, no campo ideológico, para retroalimentar padrões culturais que realçam ainda mais o racismo estrutural no Brasil. A remoção de algumas comunidades localizadas em áreas nobres da cidade pode ser um exemplo para entender a dinâmica de uma política estatal para criar espaços de exceção na cidade.

Ao contrastar tais aspectos com a visão dos compositores mangueirenses e o modo de vida da favela, ficam muitas indagações com vista a entender de que modo a visualidade da favela adquire uma matriz analítica distinta tanto nas representações construídas pelos moradores dos morros como na interpretação da sociedade. Segundo Mello (1991, p. 62): “O bairro, no qual se habita, não é conhecido em sua totalidade”.

Todavia, os laços de afinidade são muito expressivos nestes centros de significância, onde não há tabuletas indicando sua designação. Mas a experiência repetida dos homens, transformada em fraternidade, identifica ou traça os limites do seu território. Porém, esse dia a dia pode ser também avaliado a partir de outro viés que não diz respeito a corpos preguiçosos, mas sim a uma rede de solidariedade, identidade, crítica, alegria e qualidades de um lugar vivido único, que apesar de todas as subtrações que afetam estes copos tem a sua *poiésis*, o seu encanto.

A convivência com a escassez de recursos e serviços básicos na favela contrastada com a abundante força da comunidade torna esse espaço um lugar de resistência. Tal fato cria dinâmicas sociais que organicamente consubstanciam práticas de troca, que aqui devem ser

analisados os seus fluxos e contrafluxos, sem cair na banalização desse processo, avaliando-o como um viés romantizado.

Nas pinturas de Nelson Sargento, é possível ver as casas dos moradores em cores vivas e iluminadas, elementos que são importantes na composição, surgem de forma repetitiva, como o poste de iluminação pública cujos fios não se ligam aos barracos. O elemento vegetal é apresentado por uma árvore de galhos secos sinalizando aridez e a rusticidade dessa paisagem.

Cada um desses elementos compositivos, por um lado, releva parcas condições de vida material, por outro, traz indicativos de que aquele território possui luz e vida própria, gerada pela motivação da comunidade que ali fincou as bases de sua relação sociocultural. Essa base de trocas cria zonas de pertencimento, interesses mútuos e unidade desse corpo social. Tal perspectiva pode ser lida pelo colorismo que invade a composição da paisagem. São grandes manchas de tons amarelos que envolvem um morro de casas multicoloridas, tendo o verde que gera contraste tonal, bem como a ideia de uma paisagem verdejante, que mesmo tímida se mostra presente.

No mosaico a seguir, apresento *frames* de mídias que envolvem a favela desde a perspectiva de quem vivencia suas mazelas e potencialidades. Essas vozes reverberam futuros possíveis para a população das comunidades que precisam ser ouvidas não apenas por elas mesmas, mas sobretudo por aqueles que não têm a dimensão do valor desses corpos. Delineando o discurso sobre os territórios que esses corpos habitam, trago em imagem-texto do mosaico um trecho da canção “Eu Só Quero É Ser Feliz”, de Cidinho e Doca, pertinente à cada discussão.

Deve ser destacado que o recurso iconográfico definido para o trabalho atua a partir do conceito narrativo no qual a *matriz-mosaico* incorpora aspectos sensíveis das representações visuais em seu campo ampliado, para dar conta do que ganha representatividade e resistência cultural afro-brasileira nos cantos e recantos de um ambiente urbano. De fato, o que interessa é o que são essas paisagens, o que elas revelam, quais os seus limites territoriais e as fronteiras que precisam ser cruzadas.

MOSAICO I - FAVELA: PAISAGEM, POLÍTICA E PERTENCIMENTO



Frame do vídeo: Portais Para o Futuro
Rio de Janeiro, março, 2021
Artista: Airá O Crespo
Imagens: Thiago Moraes, Birth Filmes.

*Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar.*
(Cidinho e Doca)

Portais Para o Futuro é um projeto do artista MC e grafiteiro Airá O Crespo, realizado através da Lei Aldir Blanc durante a pandemia do Covid-19, em março de 2021, na comunidade Cerro Corá no Rio de Janeiro. A ação consiste em uma intervenção artística que envolve a participação dos moradores como protagonistas de seus sonhos e produtores de sua expressão artística através do grafite em muros de casas numa região específica da comunidade, que antes era cinza e possuía buracos. Airá se envolve como facilitador dessa mobilização comunitária, aplicando processos criativos que prezam pelo autoconhecimento de seus atores e seus desejos sobre a comunidade. Embora se diga o contrário em muitos meios, a favela não é uma “instalação provisória” (PIZOTTI, 2010), mas um lugar de pertencimento, onde há desejo de vitalidade e futuro.



Fotografia de Marielle Franco, 1979-2018.
Fonte:

*Minha cara autoridade, eu já não sei o que fazer
Com tanta violência eu sinto medo de viver
Pois moro na favela e sou muito desrespeitado
A tristeza e alegria aqui caminham lado a lado
Eu faço uma oração para uma santa protetora
Mas sou interrompido à tiros de metralhadora
Enquanto os ricos moram numa casa grande e bela
O pobre é humilhado, esculachado na favela
Já não aguento mais essa onda de violência
Só peço a autoridade um pouco mais de competência.* (Cidinho e Doca).

A favela é um lugar de resistência, onde apesar de poucos recursos nascem atores solidários e críticos responsáveis com a transformação e a vida no território. Um exemplo foi Marielle Franco, vereadora eleita para a Câmara do Rio de Janeiro com 46.502 votos. Marielle nasceu e cresceu em uma favela no Complexo da Maré, coordenou a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) e construía diversos coletivos e movimentos feministas, negros e de favelas. Ela tinha convicção de que a guerra às drogas era fonte de violência, desigualdade e corrupção. Era contrária à lógica do confronto armado, que mata negros, pobres e favelados todos os dias. Apesar de seu trágico assassinato no dia 14 de março de 2018, o ímpeto e a história dessa mulher continuam reverberando no presente através de vozes que se inspiraram em sua luta e também através do Instituto Marielle Franco, responsável por defender sua memória e multiplicar seu legado.



Fonte: Foto de Saulo Nicolai para o projeto Favelagrafia.

*Nunca vi cartão postal que se destaque uma favela
Só vejo paisagem muito linda e muito bela
Quem vai pro exterior da favela sente saudade
O gringo vem aqui e não conhece a realidade. (Cidinho e Doca)*

Favelagrafia é um projeto que busca dar visibilidade para o dia a dia das favelas, suas histórias, paisagens e personagens – detalhes que só quem mora lá conhece, recriando, assim, o olhar da cidade sobre as comunidades. Na segunda fase do projeto, os fotógrafos retratam os talentos das comunidades cariocas ligados a várias áreas artísticas e esportivas. A foto de Saulo Nicolai mostra Rafael Silva, um jovem negro, trompetista, tocando seu instrumento com adorno de asas em suas costas, à beira da laje de uma casa na favela. Esta imagem traz a favela como um lugar possível da existência, da arte e da subjetividade. O encanto da paisagem favelada é a possibilidade que o jovem tem de voar com asas construídas através do seu sonho em cima do palco de tijolos, sua casa. Um lugar onde a arte pode ecoar por cima de toda a cidade, revelando a realidade de sua potência.

3. DE RESISTÊNCIAS, AFRO-CULTURALIDADES E BRASILIDADES

A cultura e o folclore são meus
Mas os livros foi você quem escreveu
Quem garante que Palmares se entregou?
Quem garante que Zumbi você matou?
Perseguidos sem direitos nem escolas
Como podiam registrar as suas glórias
Nossa memória foi contada por vocês
E é julgada verdadeira como a própria lei
Por isso temos registrados em toda história
Uma mísera parte de nossas vitórias (Natiruts, 1999)¹⁰.

A partir da perspectiva da resistência cultural afro-brasileira, de uma leitura racializada de seus trabalhos em pintura, pensando a construção da arte e do artista afro-brasileiro e seus atravessamentos, importa colocar no debate sobre a resistência a afro-culturalidade e brasilidade no contexto das artes visuais. Para tanto, o foco inicial se dará no contexto da resistência.

Inicialmente, saúdo o orixá Exu, o princípio dinâmico, a comunicação e o conceito de subversão que atravessa milênios, que permite, auxilia e vinga a continuidade da existência de corpos negros e suas expressividades ao redor do mundo. *Laroyê!*

Exu é o princípio dinâmico, a comunicação, o movimento. Senhor da reciprocidade, da sociabilidade e de todas as relações. Mensageiro entre todos os mundos. Exu fala todas as línguas, come tudo que a boca come, bebe tudo que a boca bebe. Ordem e desordem do universo. Exu faz o erro virar acerto e o acerto virar erro. O mais humano dos Orixás vive nas encruzilhadas e mata um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje. Exu é memória, é história, é vida (WILLIAM, 2019 p. 15)¹¹.

¹⁰ PALMARES. Intérprete: Natiruts. Composição: Alexandre Carlo Cruz Pereira. *In: POVO BRASILEIRO*. Intérprete: Natiruts. Rio de Janeiro: Universal Music, 1999.

¹¹ WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. São Paulo: Pólen, 2019. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Apropria%C3%A7%C3%A3o_cultural_%28Feminismos_Plurais%29_-_Rodney_William.pdf?1599239025. Acesso em: 31 jul. 2022.

Em primeiro lugar, é preciso considerar a cultura afro-brasileira, contextualizando-a historicamente em uma época que contém a marca de uma sociedade arrancada de suas raízes. Não é uma questão meramente semântica, já que envolve uma série de complexidades que remetem à história dos africanos escravizados em território brasileiro, sua condição social, política e econômica, bem como sua cosmovisão e religiosidade. Como diz Roger Batisde (1971, p. 95): “o problema, em primeiro lugar, é compreender como tantos elementos culturais africanos puderam resistir ao rolo compressor do regime servil”¹². É evidente a profundidade do valor desses elementos culturais que, mesmo diante da condição de despersonalização de seus portadores, sobreviveram e formaram a cultura e as artes afro-brasileiras.

Nessa direção, Kabengele Munanga (2000, p. 144) afirma: “para que os elementos culturais ou artísticos possam ser retidos na memória de um indivíduo cortado de suas raízes, é preciso que eles pertençam ao núcleo de sua existência, pois é este último que sobrevive à ruptura”.¹³ No contexto tradicional africano, a arte era produzida funcionalmente por integrantes especiais da comunidade que acreditavam receber instrução neste ofício dos espíritos. Essa função era reservada especialmente à linhagem de certas famílias.

Por causa das novas condições de vida dos escravizados no Brasil, a continuidade e a recriação das formas artísticas africanas não foram integrais, como nos diz Kabengele Munanga (2000, p. 144), “a continuidade de algumas formas de sua arte só foi recriada parcialmente, em função das novas condições de vida”¹⁴.

No Brasil, o fenômeno da continuidade dos elementos culturais africanos pode ser observado principalmente no campo da religiosidade. Destaco a afirmação de Abdias do Nascimento (2022, p. 46): “o candomblé perseverou com energia e vitalidade, tornando-se a fonte da resistência cultural e o berço da arte afro-brasileira”.¹⁵ Tal aspecto faz toda diferença para se pensar em perspectiva as matrizes que constituíram a cultura afro-descendente, sobretudo sua influência no universo pictórico de artistas que buscam tais conexões com suas raízes ancestrais.

¹² BATISDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição para a sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1971.

¹³ MUNANGA, Kabengele. Arte afro-brasileira: o que é afinal? In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). *Histórias afro-atlânticas*. São Paulo: MASP, 2022. p.142-156.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ NASCIMENTO, Abdias. Arte afro-brasileira: um espírito libertador. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (org.). *Histórias afro-atlânticas*. São Paulo: MASP, 2022. p. 44-53.

A Igreja Católica durante o período colonial tratou de exercer projetos de catequização com os escravizados, buscando justificar para eles e para a sociedade o sentido de sua escravização. As catequeses seguiam ensinamentos da obediência e submissão, com o objetivo de doutrinar e evitar revoltas dos negros contra os colonizadores. Segundo Luís Felipe de Alencastro (2000), os jesuítas e a Companhia de Jesus foram fundamentais para a disseminação de argumentos que justificariam a escravidão africana e o tráfico negreiro como resultado da vontade divina.

Um dos argumentos dos jesuítas era que o comércio negreiro seria um elo fundamental para que a África se inserisse no mercado mundial. Outra justificativa dizia que, com a escravização na América, as almas dos negros poderiam alcançar a salvação ao invés de se perderem no “paganismo dos sertões africanos” (ALENCASTRO, 2000, p. 178).

Os negros escravizados eram impedidos pelos senhores de realizar cultos ou expressar plenamente sua religiosidade trazida de África, do contrário poderiam sofrer castigos severos ou até morrer. Mas os africanos resistiram a tal imposição, pois o impedimento de sua espiritualidade significaria sua morte total. Aos poucos, eles começaram a perceber as vidas dos santos católicos, bem como elementos estruturais e sociológicos da religião colonizadora, que, por aproximação, compartilham algumas semelhanças fundamentais que funcionam para manipular e dissimular suas verdadeiras crenças.

É no contexto dessa correspondência baseada nas semelhanças funcionais entre santos católicos e orixás que devemos historicamente situar a questão da continuidade das formas artísticas plásticas africanas e o surgimento de uma linguagem plástica afro-brasileira. Uma linguagem sem dúvida religiosa, praticada por causa da repressão ideológica e política (MUNANGA, 2000, p. 146).

Os escravizados souberam resistir estrategicamente para evitar sua total desumanização e o apagamento de suas raízes. Mesmo apesar de todas as violências e proibições ao longo dos séculos, a arte e artistas afro-brasileiros seguem vivas, enraizadas e fundamentadas nessa mesma re-existência exordial. Como nos diz Abdias do Nascimento:

(...) concretizando nossos mitos e lendas em manifestação artística, (...) estamos historicizando um potencial mítico que não se reduz à imobilidade arcaica; estamos tornando as fundações prístinas em contemporâneas forças de transformação social. Pois arte africana é precisamente a prática da libertação negra – reflexão e ação/ação e reflexão em todos os níveis da existência humana (NASCIMENTO, 1976, p. 49).

A resistência negra é um desejo pela liberdade. Podemos pensar na história do samba e outras manifestações de origem africana que foram sistematicamente perseguidas pelas instituições governamentais e pela polícia, e em algum momento se tornaram símbolos nacionais de brasilidade após passarem por um processo de apropriação e embranquecimento. Nesse sentido, Muniz Sodré nos oferece uma referência esclarecedora sob tal aspecto em sua obra *Samba: o dono do corpo* (1998):

Nesse momento, através do disco e do rádio, o samba fez seu ingresso no sistema de produção capitalista. O poder econômico e político emergente de um modelo escravagista multiseular, que reprimia culturalmente a população negra começava a criar papéis sociais (como o de músico profissional) capazes de acomodar uma certa margem de competição entre negros e brancos. Ao mesmo tempo, a música negra, que tinha preservado as suas matrizes rítmicas através de um longo processo de continuidade e resistência cultural, passou a ser considerada fonte geradora de significações nacionalistas (SODRÉ, 1998, p. 39).

Em 1922, enquanto uma elite intelectual de artistas e escritores paulistas vociferavam novas ideias sobre brasilidade, ainda vigorava a lei da vadiagem¹⁶, que, dentre muitas violências, prendia pessoas negras por aparente ócio por carregarem um instrumento musical ou até por possuírem calos na mão. Enquanto negras e negros ainda sofriam maus-tratos, sem direito à plena liberdade, o grupo modernista entendeu que a entrada do país no cenário moderno dependia da afirmação dos traços nacionais da cultura brasileira, para isso, utilizou da imagem de corpos e de aspectos culturais negros e indígenas de forma exótica, romantizada e servil para conquistar tal lugar.

Do ponto de vista político, o fenômeno se ajustava às aspirações nacionalistas que percorriam o país desde o final da I Grande Guerra. Do ângulo das vanguardas culturais (Modernismo) da classe dirigente, o negro constituía, ao lado do índio, um elemento de autenticidade local, algo a ser retrabalhado artisticamente. E na perspectiva ideológico-urbana, a valorização da música negra recalvava a interrogação crucial que a condição humana do negro fazia pairar sobre as bases socioeconômicas da vida brasileira (SODRÉ, 1998, p. 39).

¹⁶ A Lei da Vadiagem surgiu dois anos após a abolição da escravatura (Lei Áurea) e durou até o governo de Getúlio Vargas – que regulamentou as manifestações a fim de exercer controle das massas e embranquecer as manifestações culturais negras.

A ideia de brasilidade foi construída pelos modernistas sob um olhar romântico e se mostra contraditória quando percebemos que a aristocracia branca paulista tinha liberdade para representar a imagem e elementos culturais de pessoas que sequer podiam viver e se expressar com dignidade. A pessoa negra servia de propaganda exótica para os países europeus na visão desses artistas, que não vivenciaram nem de longe um décimo de sua realidade.

A brasilidade criada pelo modernismo deve ser questionada, pois é excludente e repleta de estereótipos; para tanto artistas negros e negras, que promovem sua própria história através da arte, vêm criticando e reconstituindo essa ideia.

Importante destacar que tais questões incorporam o *Mosaico II: Representação Mulher Negra: Da Casa-Grande à Ala das Baianas*. As imagens selecionadas ampliam a discussão sobre arte, brasilidade e raça. Para indicar a potência desse debate, citamos a obra *A Negra*, pintura de Tarsila do Amaral de 1923.

A obra em questão apresenta a mulher negra a partir de uma perspectiva que abre possibilidades para dimensionar qual o contexto que definia o olhar de artistas da fase modernista brasileira para a questão racial no Brasil. Correndo o risco em propor uma leitura descontextualizada e anacrônica dos referenciais históricos que cercam a história da obra, é interessante perceber que determinados elementos compositivos da pintura reforçam, *grosso modo*, visões estereotipadas do corpo negro.

Cabe fazer uma advertência devido à polêmica que a questão suscita, afinal, esta é uma obra icônica da arte brasileira, entretanto, existe a necessidade de se aprofundar os estudos históricos sobre a representação dos negros na História da arte, para que seja entendido, entre outras questões, quais eram os referenciais que os artistas modernistas, em especial, tinham sobre a herança negra no país e qual a importância da cultura e tradição negra na formação do povo brasileiro. É preciso colocar em evidência tal questão para que se possa desnaturalizar análises cristalizadas de um grupo de artistas que, em grande medida, eram também representantes de uma elite letrada e de um grupo social de destaque na esfera cultural paulista.

Para além desse aspecto, afirmo que o contexto da obra aponta para singularidades que precisam ser debatidas à luz da história, o que diz respeito a uma leitura que aparenta evocar a subalternização da raça negra, em especial, devido a uma composição pictórica que fortalece elasticidades fundamentadas por escolhas, formais ou ideológicas, representadas por exemplo por características que definem uma leitura zoomórfica, ou seja, uma representação que aparentemente desumaniza a figura da mulher negra. Ou seja, é importante frisar que a

questão trazida não tem interesse em deslegitimar a obra em si, todavia, interpreto que há aspectos sensíveis a serem analisados para que de fato se possa ter uma compreensão ampliada dessa obra e de outras narrativas que suscita, outros significados que, necessariamente, não dizem respeito somente a um discurso que celebra a artista e seu legado.

O campo da história da arte tem justamente esse compromisso, ir além e buscar ampliar esse debate. O *Mosaico II* apresenta ainda duas obras: a performance *Axexê da Negra ou o Descanso das Mulheres que Mereciam Ser Amadas* (2017), de Renata Felinto, artista e pesquisadora contemporânea, que busca conferir dignidade e afeto à imagem da ama de leite representada por Tarsila, num movimento cíclico e ritual de entrega à terra; vale ainda destacar que, em 1972, Maria Auxiliadora em seu *Autorretrato com Anjos* demonstra conectada com a autoestima de ser uma mulher negra plena de seu ofício-espírito criativo. Por fim, a terceira obra se refere a um trabalho de Nelson Sargento, *Sem título* (2002), que retrata uma Baiana, figura feminina negra com traje carnavalesco característico da Ala das Baianas, uma das alas mais importantes e fundamentais do carnaval e da história da resistência cultural africana no Brasil.

Revisitando e analisando essas obras desde uma perspectiva afrocentrada, é possível perceber que a arte afro-brasileira não se configura como um movimento de vanguarda que teria em grande medida o foco de romper com a tradição. Ao contrário, há nessa dinâmica de leitura da própria história sociocultural e socioespacial de nossa brasilidade uma espécie de deriva que ora tende para uma visão cíclica e eivada de cânones que remontam uma perspectiva colonial, ora apoia-se em uma visão de arte e de cultura afro-brasileira que aponta para uma arqueologia da memória histórica, pautada na resistência, na luta e no interesse de transcender a tradição que subalterniza a raça negra.

O próximo mosaico é enredado por trechos da canção “Pra Matar Preconceito”, de Manú da Cuíca e Raul DiCaprio¹⁷. Recomenda-se atenta audição dessa música antes ou após a leitura do texto e imagens.

¹⁷ PRA MATAR PRECONCEITO. [S.l.: s. n.], 2016. 1 vídeo (3:12 min). Publicado pelo canal Mundaréu Filmes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pwbl78cFf1o>. Acesso em 07 ago 2022.

MOSAICO II - REPRESENTAÇÃO MULHER NEGRA: DA CASA-GRANDE À ALA DAS BAIANAS



À esquerda: Fotografia da ama de leite (autor e ano desconhecidos)

À direita: obra de Tarsila do Amaral *A Negra*, óleo sobre tela, 100 cm × 81,3 cm, 1923;

*Na rua me chamam de gostosa
E um gringo acha que eu nasci pra dar
No postal mais vendido em qualquer loja
Tô lá eu de costas contra o mar*

*Falam que meu cabelo é ruim
É bombril, toin-oin-oin, é pixaim
O olhar tipo porta de serviço
É um míssil invisível contra mim.*
(Manú da Cuíca e Raul DiCaprio)

Em 1923, Tarsila do Amaral pintou em óleo sobre tela a obra *A Negra*, trazendo a figura de uma mulher negra com um dos seios bem grande e caído sobre um dos braços. Seus lábios são como dois cilindros sobrepostos, eles escapam à face da personagem retratada, que é totalmente desproporcional e quase não humana. Seus olhos expressam ausência e cansaço. O corpo centralizado preenche quase todo o quadro. Em segundo plano, há uma folha de bananeira, e ao fundo algumas linhas de diferentes formas e cores. Essa obra fez com que Tarsila se inserisse no mercado internacional, visto que a artista conseguiu identificar em seu tempo de estudo na Europa (retornando após a semana de 1922) o interesse da classe artística europeia por temas negros, africanos e afro-diaspóricos. Interesse este, diga-se de passagem, exploratório e apropriador, pois a referência para construção da figura feminina da obra foi a ama de leite da artista que a acompanhou durante a vida, e da qual existe uma fotografia em que está em uma posição corporal bastante parecida com a figura da obra. Um olhar romantizado sobre esses fatos poderia enxergar um sentido de homenagem ou afeto da artista para com a mulher que a amamentou e cuidou, no entanto, a partir do momento que a artista opta por despir essa mulher – que na fotografia está vestida – ela também se despe, segundo Renata Felinto (2019, p. 362), “como a mulher que não consegue humanizar aquela que lhe conferiu dedicação e educação”.



Renata Felinto, *Axexê da Negra ou o Descanso das Mulheres que Mereciam Ser Amadas*, 2017.

Fonte: Renata Felinto (2017)

*Sou crioula, neguinha,
mulata e muito mais, camará
Minha história é suada igual dança no ilê
Ninguém vai me dizer o meu lugar.* (Manú da Cuíca
e Raul DiCaprio)

Transforma essa mulher vestida numa mulher nua e extremamente embrutecida na qual acentua traços faciais próprios do fenótipo negro; retira-lhe também as vestimentas e os cabelos. Exotiza essa mulher, de maneira que se alinhe à concepção que se forjava sobre populações e pessoas negras-africanas, que é a de selvagens, exóticas e incivilizadas (FELINTO, 2019, p. 363).

Renata Felinto na performance *Axexê da Negra ou o Descanso das Mulheres que Mereciam Ser Amadas* (2017) ressignifica – num ato de entrega à terra – a obra *A Negra*, de Tarsila do Amaral. O *Axexê* é a cerimônia de enterro da espiritualidade de uma pessoa que foi iniciada no Candomblé nagô como se fosse um “desfazimento” dessa iniciação, segundo as palavras da própria artista, na descrição do ato em seu site. Renata utiliza essa palavra como um conceito, propondo o enterro coletivo de mulheres negras que foram amas de leite no Brasil escravocrata a partir de reproduções impressas. Uma dessas reproduções é essa obra de Tarsila do Amaral que, na intenção da mulher que ali foi desumanizada e violada, é enterrada juntamente “com um culto infinito aos modelos modernistas que carregam em si a gênese racista das elites escravocratas” (FELINTO, 2017, s.p).



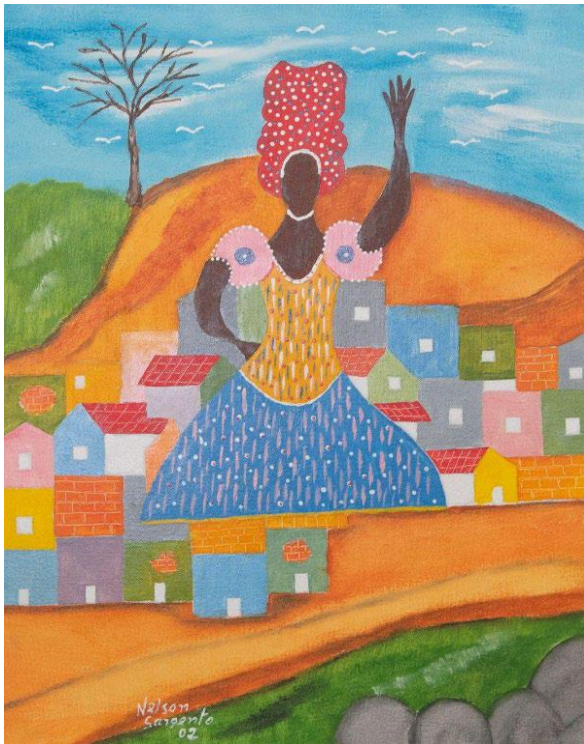
Maria Auxiliadora, *Autorretrato com Anjos*.

Técnica Mista, 70 cm x 50 cm, 1972

Fonte: Assis (n.d.)

*Sou Zezé, sou Leci, Mercedes Baptista, Ednanci
Aída, Ciata, Quelé, Mãe Beata e Aracy.*
(Manú da Cuíca e Raul DiCaprio)

Tarsila desumaniza essa mulher e expropria a identidade desta, deixando-a sem nome para ser reconhecida apenas como “A Negra”. Esse fato é muito latente quando pensamos no trato social para com as mulheres negras no Brasil, exploratório e excludente. Nesse sentido, temos uma artista negra como Maria Auxiliadora (um pouco posterior às atividades de Tarsila), que não recebeu o mesmo valor. Com uma trajetória de vida completamente diferente de Tarsila, Maria Auxiliadora mudou-se de Minas Gerais para São Paulo, onde trabalhou como doméstica e costureira, tendo paralelamente realizado estudos informais em artes visuais a partir dos aprendizados em costura e bordado com sua mãe. *Autorretrato com anjos* (1972) é uma das pinturas de Maria Auxiliadora que se contrapõe à pintura de Tarsila, ao substituir a mulher negra no lugar de um objeto observado para o lugar da retratação, onde a artista se mostra em seu ofício criativo, sem deformações corporais e com vestes detalhadas com renda em vermelho, que combinam com o turbante nos cabelos. Uma obra que indica um olhar terno sobre a mulher negra.



Nelson Sargento
Sem título, acrílica sobre tela, 2002

*Pele preta nessa terra é bandeira de guerra
 porque eu vi
 Se é Conceição ou Dandara pra matar
 preconceito, eu renasci.* (Manú da Cuíca e Raul
 DiCaprio)

A figura feminina negra está muito presente nas obras de Nelson Sargento que retratam o carnaval, com destaque para aquelas que remetem à ala das baianas das escolas de samba. A vestimenta delas é geralmente composta por saia rodada, bata, torso e pano da costa. Na obra de Nelson, a roupa é adornada por padrões pontilhados e linhas coloridas. A baiana faz um gesto significativo de cumprimento, muito observado nos desfiles de carnaval. Na obra de 2002, Nelson representa a baiana em primeiro plano, desproporcionalmente maior em relação aos elementos do segundo plano, onde se vê o morro e a paisagem da favela já analisados anteriormente. A grandiosidade da figura da baiana na imagem pintada por Nelson pode ter uma leitura bastante significativa se pensarmos na relevância histórica das chamadas “tias baianas” no contexto cultural afro-brasileiro e carioca. Sodré (1998) demonstra que há uma dimensão de resistência também no corpo representado do carnaval. O samba, ainda hoje, pode ser instituído como uma prática de resistência da cultura afro-brasileira e popular. Ele não é um mero espetáculo que propicia o capital, mas um “meio e o lugar de uma troca social, da expressão de opiniões, fantasias e frustrações, de continuidade de uma fala (negra) que resiste à sua expropriação cultural” (SODRÉ, 1998, p. 58). Neste sentido, as tias baianas têm um papel muito relevante neste rito que alicerça a cultura do carnaval carioca. Elas constituem o elo com o sagrado, cuidando de todo o “axé” da escola de samba, são responsáveis por benzer e trazer boas energias para os desfiles através da lavagem do sambódromo. Donato (2007) em sua tese de doutorado aponta que no interior dos valores carnavalescos mora a essência da cultura brasileira, que é preservada pela cultura do samba. A autora afirma que essa cultura se baseia numa relação com o sagrado, em que a mulher tem papel primordial.

4. NELSON SARGENTO - NEGRITUDE, FORÇA E DETERMINAÇÃO: A ARTE NAÏF COMO ESTRATÉGIA DECOLONIAL

Durante muito tempo, o olhar ideológico viu com suspeita essa manifestação que veio da margem e se impôs ao centro, saiu da clandestinidade para conquistar a ordem. A classe média rejeitou primeiro, aderiu, depois. A direita sonhava em reprimi-lo; a esquerda em domesticá-lo. A esquerda intelectual achava que aquilo era uma alienação, o ópio do povo. Em vez de tomar consciência da sua força e usá-la na transformação de sua própria condição social, o povo fica jogando fora essa energia revolucionária na orgia (VENTURA, 1995, p. 1).



Figura 7: Frame do documentário *Fala Mangueira*, de Frederico Confalonieri.

A obra de Nelson Sargento, como afirmado no prólogo, suscita muitas leituras devido às múltiplas vocações desse artista. Entre as informações que chegaram a esta pesquisa, a partir do mapeamento de arquivos, entrevistas e pesquisas, uma gerou bastante interesse justamente pelo olhar panorâmico não apenas para a obra desse artista, sambista, mas pela forma como o cineasta Frederico Confalonieri optou em tratar a trajetória da vida no Morro da Mangueira, tendo como pano de fundo o cotidiano de paisagens que revelam a essência de um viver na favela com todas as nuances que esse lugar tem a oferecer. *Fala Mangueira!*, documentário produzido em 1981, trata sobre a Estação Primeira e o Morro da Mangueira no início dos anos 1980. Nelson aparece com seu violão em frente à paisagem da favela real, que se mistura com a paisagem da favela da pintura de sua autoria.

As cenas gravadas com exclusividade para o filme mostram a preparação da escola de samba para os carnavais de 1981 e 1982, incluindo entrevistas aos moradores. Com a narração

do ator e comediante Grande Otelo (*in memoriam*), o documentário traz uma crítica com imagens cruas sobre a realidade da fome, da miséria e escassez de serviços públicos básicos que os moradores enfrentavam, mas também fala da Mangueira como um lugar de criação de arte e resistência.

Fala Mangueira! demonstra a união dos moradores, uma de suas fortes características, lembrando que em 1974 enquanto o governo municipal realizava um processo de remoção das favelas cariocas próximas ao Centro, a união do povo impediu o fim do morro.

É bastante interessante perceber que na academia ou nos espaços onde as artes visuais se destacam (Galerias, Centros Culturais, Coletivos de arte), o nome de Nelson Sargento e sua arte não é uma referência corrente quando o assunto é artistas pintores, sobretudo os cronistas com tinta e pincel que retrataram as cores, formas e cotidianos da paisagem carioca.

Thomas Ender, Di Cavalcanti, entre outros, são nomes frequentes e renomados quanto o assunto é paisagem carioca, em especial um ambiente no qual a racialidade negra é o elemento protagonista, um espaço plástico em que negros e negras ganham destaque, em que periferias e morros e todas as suas mazelas sociais adquirem destaques.

Na mesa de debate e nas rodas de conversas de especialistas, curadores ou pesquisadores de História da Arte, Nelson Sargento é um nome não dito, um nome que necessariamente não vem à baila como um artista das artes visuais de destaque de sua geração. Qual seria a razão?

Muitas são as questões para entender o porquê do esquecimento ou o apagamento desse artista considerando a sua ambivalência criadora no campo das artes e da cultura carioca. Assim como muitos artistas negros e negras, considero que Nelson Sargento sofreu e, em grande medida, ainda sofre um processo de invisibilização no decurso da história da arte brasileira que, apesar de alguns esforços, ainda se movimenta a passos lentos no processo de reconhecimento e valorização da arte produzida por pessoas negras, periféricas e não acadêmicas.

4.1. Notas de um artista atento às suas paisagens

Resgatar a biografia de Nelson Sargento é um exercício que exige um olhar cuidadoso para os pontos de inflexão que surgem em sua trajetória como sambista e artista dedicado à pintura. Filho de Rosa Maria da Conceição, cozinheira, lavadeira e empregada doméstica, e Olympio José de Matos, cozinheiro-chefe do Armazém Dragão Secos e Molhados que ficava na Rua Hadock Lobo, no Estácio, Nelson Mattos, nascido em 1924 no Rio de Janeiro, no seu devido

tempo despontou como sambista carioca¹⁸ de destaque no cenário musical carioca devido à qualidade de seu trabalho como cantor e compositor.

Remontando detalhes de sua história, vale lembrar momentos que demarcam como seu corpo e seus sentidos foram forjados em uma paisagem na qual o samba e as tradições afrodescendentes eram pujantes e, conseqüentemente, deixaram marcas indelévels na cultura material e imaterial produzida por um corpo social que nem sempre encontrava, fora do ambiente que vivia, os ecos de práticas religiosas e socioculturais que forjaram os corpos de sua ancestralidade.

Aos 9 anos de idade, por exemplo, a sinestesia carnavalesca já capturava o cotidiano de uma criança que experimentava a performatividade no desfile na Escola de Samba Azul e Branco com mais dezessete irmãos com quem morava no Morro do Salgueiro. Aos 12, devido a uma mudança para o Morro da Mangueira, foi adotado por Alfredo Lourenço, pintor de paredes nascido em Portugal que fixara residência no local, onde foi apelidado de Alfredo Português.

É possível considerar que essas primeiras referências são importantes para entender a obra do artista que surgiria com o passar dos anos, afinal, a vivência nos morros cariocas e os atravessamentos que se deram em seu cotidiano nesses lugares dizem respeito à precariedade que viveu e a um contexto familiar de mudanças que certamente são pontos relevantes na sua trajetória como músico e artista.

A história com a música em particular começou quando Alfredo Português passou a levar o pequeno Nelson para os ensaios da antiga escola Unidos da Mangueira. Nessas visitas, mais uma carga de experiências foram vivenciadas. Experiências sensíveis com nomes que em breve se tornariam reconhecidos pela relevante contribuição que deram à cultura do samba carioca. O olhar atento e a escuta aguçada lhe renderam o aprendizado ao dedilhar as cordas do violão na presença de compositores como Aluísio Dias, Cartola, Nelson Cavaquinho e Geraldo Pereira. O aprendizado e intimidade que firmou com o violão renderam suas primeiras experiências na música quando fez as primeiras composições em parceria com o pai adotivo, musicando os versos de poemas portugueses.

A relação com o pai não se limitou a trocas poéticas e musicais. Nelson Sargento, certamente por questões relacionadas à sobrevivência, tornou-se também pintor de parede e aos 17 anos trabalhou na Fábrica de Vidros José Scarrone, em Vila Isabel. No bojo desses

¹⁸ Nelson foi contemporâneo de Nelson Cavaquinho, Cartola, Noel Rosa, Zé Kéti, Ismael Silva, Donga, Geraldo Pereira e Carlos Cachaca – seu primeiro parceiro – alguns nomes nascidos nas três primeiras décadas do século XX que consolidaram o samba como a mais importante expressão da nossa cultura popular.

acontecimentos, aos 18 anos, devido ao aprofundamento das relações com a Ala de compositores da Mangueira, passou a integrar o grupo, o que o colocou em um ciclo virtuoso de possibilidades.

Percorrendo um pouco mais o tempo de sua juventude, importa destacar o episódio de sua estada no Exército entre 1945 a 1949 quando foi sargento. A efeméride em si é um elemento relevante em sua biografia, afinal, foi dessa fase que surgiu o apelido que acabou tomando como nome artístico: Nelson Sargento.

Em contato com a biografia, é inegável que sua raiz, inspiração e força se centralizam no samba e no raio de ação que a música gestada nos morros cariocas possui. Devido à sua humilde origem e à vivência nas comunidades do Rio de Janeiro, lugar onde as classes menos privilegiadas encontram espaço para se estabelecer, Nelson vivenciou de perto a marginalização, a criminalização e, posteriormente, em um movimento de compressão dessa paisagem, conseguiu dar conta dos aparatos simbólicos desse lugar e as distintas camadas que forjaram essa população, o que, aliás, se tornou um manancial para sua trajetória artística nos campos que atuou. Múltiplas possibilidades de narrativas poéticas e visuais tinham na paisagem do morro, na dinâmica das agremiações de samba, em um cotidiano repleto de rugosidades sociais, o combustível que retroalimenta o imaginário de Nelson Sargento em cada um dos segmentos artísticos que praticou ao longo de sua vida.

Em suas músicas, é possível notar elementos de afirmação cultural e musical do samba, assim como elementos de transformação estilística que o samba viveu ao longo dos anos dando conta de como as suas raízes potencializaram tantas ramificações. A cultura afro-brasileira que pulsa nos morros e comunidades segue oferecendo caminhos sonoros e *poiésis* visuais que, ao seu próprio modo, influenciam a cultura negra contemporânea, seja na passarela do samba, nos enredos carnavalescos, seja nas formas de afirmação da sua negritude.

No sentido da manifestação popular, o sambista se faz um verdadeiro repórter, retratando cenas cotidianas sobre qualquer tema: o amor, a natureza, problemas sociais; como um cronista do cotidiano denuncia a marginalização, a violência e as condições de vida das pessoas mais pobres. É interessante notar que essas questões, de fato, atravessavam o imaginário poético de sargento, era uma espécie de compromisso, um encontro com a própria história de sua ancestralidade. Na opinião do sambista, quando o assunto era samba, agremiações carnavalescas e a paisagem que estava ao seu redor, ele afirmava: *a escola de samba é uma fonte de denúncias sociais. É a função do artista e da música fazer denúncia.*

A prerrogativa que invade os pensares de Nelson Sargento ganha cor, textura e narrativa visual ao analisar suas músicas; nota-se isso nos versos das canções “Encanto da Paisagem” (1986) “Muito tempo depois” (1979), “Fundo Azul” (2002) e “Conversando com o Brasil” (2002). A ideia registrada nesses sambas é colocar a ironia para retratar a favela e, assim, encarar as dificuldades da vida. Mesmo os versos tratando de verdadeiras desgraças, essas dores aparecem, muitas vezes, de uma forma amena e satírica. O humor é utilizado como um paliativo para o sofrimento amoroso e os problemas sociais. Para se dar conta dessas filigranas de ironia de Nelson Sargento, vejamos a letra de “Encanto da Paisagem”. Fica patente a sintonia do compositor em retratar a paisagem que se descortina em sua retina, mas não no seu sentido apenas fiscalizado. A letra amplia sua noção do mundo e não aparta essa paisagem daquilo que o progresso da cidade oferece para territórios que têm ganhos de ordem cultural, política, nas esferas da saúde e da higiene que não chegam ao povo da favela.

Encanto da paisagem

Morro
És o encanto da paisagem
Suntuoso personagem
De rudimentar beleza

Morro
Progresso lento e primário
És imponente no cenário
Inspiração da natureza
Na topografia da cidade
Com toda simplicidade
És chamado de elevação
Vielas
Becos e buracos
Choupanas, tendinhas, barracos
Sem discriminação

Morro
Pés descalços na ladeira
Lata d'água na cabeça
Vida rude alvissareira
Crianças sem futuro, sem escola
Se não der sorte na bola
Vai sofrer a vida inteira

Morro
O teu samba foi minado
Ficou tão sofisticado
Já não é tradicional

Morro

És lindo quando o sol desponta
E as mazelas vão por conta
Do desajuste social
Morro
És lindo quando o sol desponta
E as mazelas vão por conta
Do desajuste social

Em “Muito Tempo Depois” e “Fundo Azul”, outra de suas importantes composições, a desilusão com o cotidiano da vida deixa claro quais os territórios que ele habita e como eles são desérticos quando o assunto é o mínimo encontro com os prazeres da vida. No último verso ele afirma que essa natureza-paisagem, talvez esfera dessa vida, poderia suavizar a sua existência. O caso de “Fundo Azul”, a natureza, representada nas passagens pela fauna, flora, estação do ano e condições atmosféricas, cria o contraste a que me referi anteriormente, indicando que essa tensão entre a beleza da paisagem caracterizada por diferentes movimentos desse corpo social que vive as agruras da vida, mas também não abre mão da religiosidade, das ludicidades, das contravenções desse viver como dito nos versos “No campo santo, alguém reza por alguém, Vinte e dois homens disputando a mesma bola, Joga no bicho eu e ela e você também”. A seguir apresento as letras dessas duas composições para que se tenha um entendimento mais acurado da narrativa e desse ambiente temático de cores, formas, lutas, desilusões, presente e futuro que Nelson Sargento capturou em suas telas.

Muito Tempo Depois

Muito tempo depois foi que eu descobri
Que o mundo para mim nunca foi nada bom
Eu vivo sofrendo desde que nasci
A somar desenganos e desilusões
Os amores que arranjo morrem prematuros
É uma luta tremenda para sobreviver
Eu não tenho passado, presente ou futuro
Mesmo assim, lhe asseguro que quero viver.

A humanidade não é tão humana
Cada qual se defende com mais avareza
Ninguém se ajuda, ninguém se irmana
Busco lenitivos na mãe natureza

Fundo Azul

Borboleta esvoaçando em fundo azul
Flores desabroçam, é primavera
Brisa leve sopra do norte e pro sul
No espaço um foguete busca 'nova era'

O vigário empunha a estola
No campo santo, alguém reza por alguém
Vinte e dois homens disputando a mesma bola
Joga no bicho eu e ela e você também

O cão ainda é fiel amigo
Crianças continuam a nascer
Uma velhice imensa e sem abrigo
Quanta gente à procura de lazer

Ninguém é de ninguém
Esta é a frase padrão
Salve-se quem puder
Neste mundo de ilusão

Em 1930, com a criação do samba-enredo, um novo estilo foi criado pelos compositores das escolas de samba. Amarrado por uma narrativa, um fato histórico, literário ou biográfico passa a ser fonte de inspiração para o tema do samba-enredo que dará tom ao desfile da escola, com suas cores, alegorias, adereços durante sua evolução na avenida. Nelson é autor de diversos sambas-enredo, dentre eles “Vale do São Francisco”, “Plano Salte” e “As Quatro Estações do Ano”. Alguns homenageiam grandes sambistas e escolas de samba, como “Berço de Bamba”, “Sonho dum Sambista”, “Homenagem ao mestre cartola” e “Velho Estácio”.

4.2. Samba, pintura e paisagem: as fronteiras entrecruzadas na arte de Nelson Sargento

Aos 17 anos, Nelson passou a pintar paredes, habilidade bastante valorizada à época. E novamente Alfredo incentivou-o: “Gajo, vais às obras comigo!”. Desenvolveu tão bem o aprendizado, que no decorrer da vida trabalhou nas casas mais elegantes do Rio: na de Raphael de Almeida Magalhães, vice-governador do Estado da Guanabara, no governo Carlos Lacerda; da “Divina” cantora Elizete Cardoso; da família Munhoz da Rocha; da atriz Leila Diniz; dos cineastas Cacá Diegues e Domingos de Oliveira e dos jornalistas Sérgio Cabral e Armando Nogueira.

A pintura de parede abriu espaço para Nelson pensar a sua lógica de conhecimento de mundo. Mesmo com a carreira de sambista afirmada e consolidada, Nelson ainda trabalhava como pintor para sustentar sua família quando, exercendo a função, o artista passou a investigar a si mesmo, com olhar sensível e interessado por movimentos e gestualidades com o pincel. Descobre a aptidão pela pintura que também foi responsável pelo seu sustento. Em entrevista, Agenor de Oliveira conta que as obras de Nelson se tornaram, além de patrimônio familiar, uma

fonte de renda até o fim de sua vida. A história de Nelson Sargento com a pintura começa aqui por um processo de experimentação e curiosidade.

Exercendo o trabalho de pintor de paredes, ele diz que a descoberta com os pincéis aconteceu “por acaso”, espalhando restos de massa acrílica num pedaço de madeira e colorindo-o. O interesse foi tamanho que o artista seguiu com a produção até realizar, em 1973, sua primeira exposição na casa de Sérgio Cabral, que foi seu grande incentivador. Na ocasião, foram expostos seis quadros, sendo um deles intitulado *Os Macacos*, adquirido pelo compositor Paulinho da Viola. Nelson conta em entrevista à Diniz (2015):

Como pintor de parede aprendi a lidar com as tintas. Lembro do episódio que deu origem a isso. Estava emassando uma parede e a massa que caía no chão não poderia ser usada novamente. Mas servia para tapar buracos. Então comecei a colocar esse resto de massas em cima de uma madeira para aproveitar mais tarde. Depois, ao espalhá-la, observei que havia formado um desenho. Resolvi pintar este desenho e mostrei ao Sérgio Cabral, que me incentivou a produzir outros. (DINIZ, 2015, p. 80)

Nelson troca a parede pela superfície eucatex (inicialmente), mas as tintas continuam as mesmas das paredes, acrílicas, preferencialmente da marca Suvnil, como relatado por Agenor de Oliveira. Seu trabalho se divide em duas fases, abstrata e figurativa. Na primeira fase foram produzidas poucas obras, a segunda foi a mais representativa e perdurou toda sua vida.

No plano da fase abstrata, destaco três obras que permitem entender quais eram as perspectivas pictóricas de Nelson Sargento nesse período que começava a ter outras experiências com as tintas e os pincéis para além da pintura de parede. O início da trajetória de Nelson em artes visuais é certamente bastante intuitivo, aos poucos foi se tornando um trabalho consolidado, com uma identidade visual intransferível e temas sempre recorrentes.



Figura 8: Pintura da fase abstrata de Nelson Sargento, acrílica sobre Eucatex.
Fonte: Acervo de Agenor de Oliveira. Fotografia de Patrícia Blasón.

A primeira obra selecionada data de 1985 e guarda em si uma experiência pessoal bastante distinta, uma vez que tive um contato direto com este trabalho, que faz parte do acervo de Agenor de Oliveira. Fotografada em junho de 2021, foi possível entender a esfera de ação visual abstrata de Nelson Sargento.

Optando pela superfície de madeira sintética, Nelson tinha sempre que preparar primeiro o fundo da tela para depois adicionar outras cores. Nessa fase, segundo Agenor de Oliveira, Nelson não misturava os pigmentos, utilizando majoritariamente as cores primárias. Sendo assim, esta obra ainda remonta fortemente à informação em pintura de paredes, pois o preparo da superfície é como a primeira “demão” que se fixa e possibilita a chegada das outras cores com mais uniformidade.

Ao mesmo tempo, nessa obra parece que a tinta do fundo se confunde com os outros tons que foram aplicados, mostrando assim um despreparo dessa preparação, um exercício de não espera durante o processo criativo, um movimento de mudança brusca que nos leva a ver o aspecto e a textura do fundo.



Figura 9: Pinturas abstratas de Nelson Sargento, *Sem título*, sem data.
 Fonte: Boeckel (2021)

Não obtive informação sobre o período das obras anteriores, mas ela possui alguns pontos em comum em relação ao processo: desta vez o fundo é preparado em amarelo, havendo predominância do azul e em alguns pontos o fundo se mescla com as tonalidades sobrepostas. Desta vez, as gestualidades do pincel são mais diversas do que na primeira obra analisada.

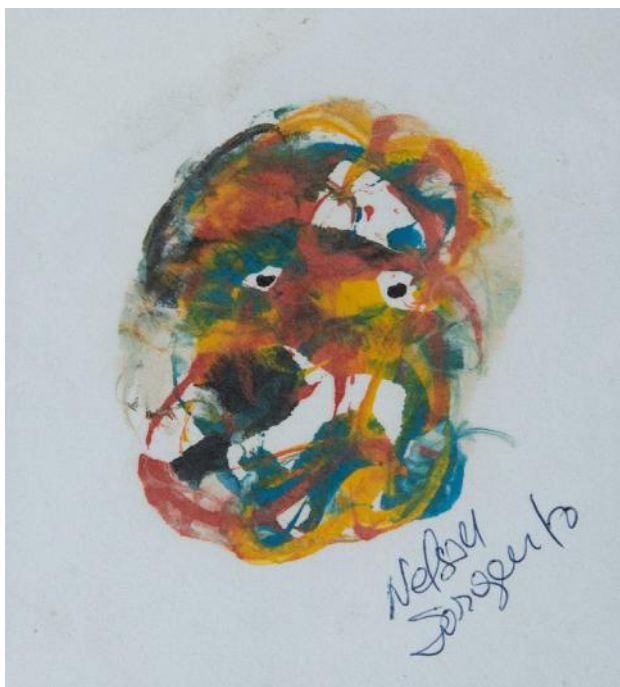
As Figuras 10 e 11 apresentam duas obras abstratas, em acrílica sobre papel. Ambas resultam da limpeza de pincéis durante o processo criativo do artista. Esse exercício deixa aberto uma perspectiva instigante da inventividade de Nelson, uma vez que Agenor de Oliveira ganhou essas obras revelou que a natureza do artista era de não desperdiçar “as cores”, “as tintas”, afinal, antes de lavar os pincéis, Nelson utilizava dos resíduos de tintas que ainda se mantinham presentes nas cerdas. Era uma espécie de “limpar o pincel” de uma forma inventiva, uma possibilidade de pensar que dessa “limpeza das cerdas” algo poderia surgir aos seus sentidos. Aparentemente havia algo nesse fazer que talvez o levasse a pensar que daqueles resíduos de tintas, que seriam diluídos em água e correriam para o ralo, ainda era possível criar algo que de fato seduzisse seu olhar.

Nessa ordem dos fatos e transitando pela trajetória do artista, reflito que esse exercício visual da pintura abstrata de Nelson talvez não fosse somente um mero jogo de “descarte de cores, de tintas” de fato, e isso faz surgir no horizonte algumas indagações: Seria

uma estratégia compositiva? Uma prática habitual que estabelecia uma relação com o residual? Um acordo tácito com o resto? Com a sobra? Ou haveria alguma relação de autorreferência a sua própria existência, marcada ao longo da vida pelo mínimo, pela precariedade, pela ausência, por situações de uma vida com poucos recursos?

Considero essa invenção de reutilizar “as cores” e “as tintas” na lavagem dos pincéis como algo dado, como uma possibilidade criativa que se alinha à própria trajetória de vida de Nelson, na qual o desperdício não parecia ser uma escolha no seu cotidiano, algo que era permitido em um cotidiano de escassez.

Nesse caso, essas pinturas abstratas, muitas vezes, eram oriundas de uma limpeza de pincéis que transformava resíduos de tintas em um exercício lúdico e criativo que, ao final, potencializava composições visuais que marcam parte dessa fase da obra de Nelson Sargento. Vale destacar que se tornou um hábito de Nelson presentear as pessoas com esses trabalhos e, segundo Agenor de Oliveira, ele adorava.



Figuras 10 e 11: Pinturas abstratas de Nelson Sargento. *Sem título*, sem data. Acrílica sobre papel.

Fonte: Acervo da Coleção de Agenor de Oliveira. Fotografia de Patrícia Blasón.

A fase abstrata de Nelson Sargento foi marcada por um processo gradativo de pesquisa pictórica e um movimento de afirmação pessoal como artista plástico em seu universo particular, haja vista que ele era um artista autodidata; e suas experiências com as tintas e os suportes, um exercício solitário.

O trabalho como pintor de paredes o levou à arte e pode ser assumido como parte do processo de afirmação ou como uma fase-piloto em sua carreira, pois a gestualidade da parede se apresenta em seus trabalhos iniciais, expressando nessas superfícies outras que o preparavam através da experiência com os pincéis para fase figurativa.

Após o período abstracionista, o artista passa a retratar o cotidiano das favelas, as festas, rodas de samba e o carnaval, temas que já eram presentes em sua música e que fizeram parte de sua trajetória como homem negro, morador da favela, compositor e vivenciador visceral do ambiente das escolas de samba.

Agenor de Oliveira ajuda a dimensionar como se deu essa transição e como a figuração estava intimamente regida pelo seu universo enquanto sambista. E afirma que *quando ele descobriu a forma, quando ele começou a retratar aquilo que ele efetivamente via, que era a Escola de Samba e os elementos do morro. Um dia a gente conversando, eu o perguntei: “Nelson, como é que começou isso? Ele me falou: é que eu via essas pinturas (naifs) e não via, nessas pinturas, nenhum elemento do morro.*¹⁹

O testemunho de Agenor de Oliveira ainda oferece muitas pistas sobre como o olhar de Nelson na prática era “educado” ao se deparar com cenas pintadas da favela. Na perspectiva do entrevistado, de fato havia uma sedução do olhar de Nelson por aquele universo.

Nesse sentido, Agenor destaca a obra de autoria do artista Nahul (Figura 12), que pertence ao seu acervo, e diz que Nelson se encantava com a pintura sempre que chegava em seu apartamento e comentava: *Você vê? Ele pintou o barraco e pintou os pretos.*

¹⁹ Entrevista com Agenor de Oliveira.

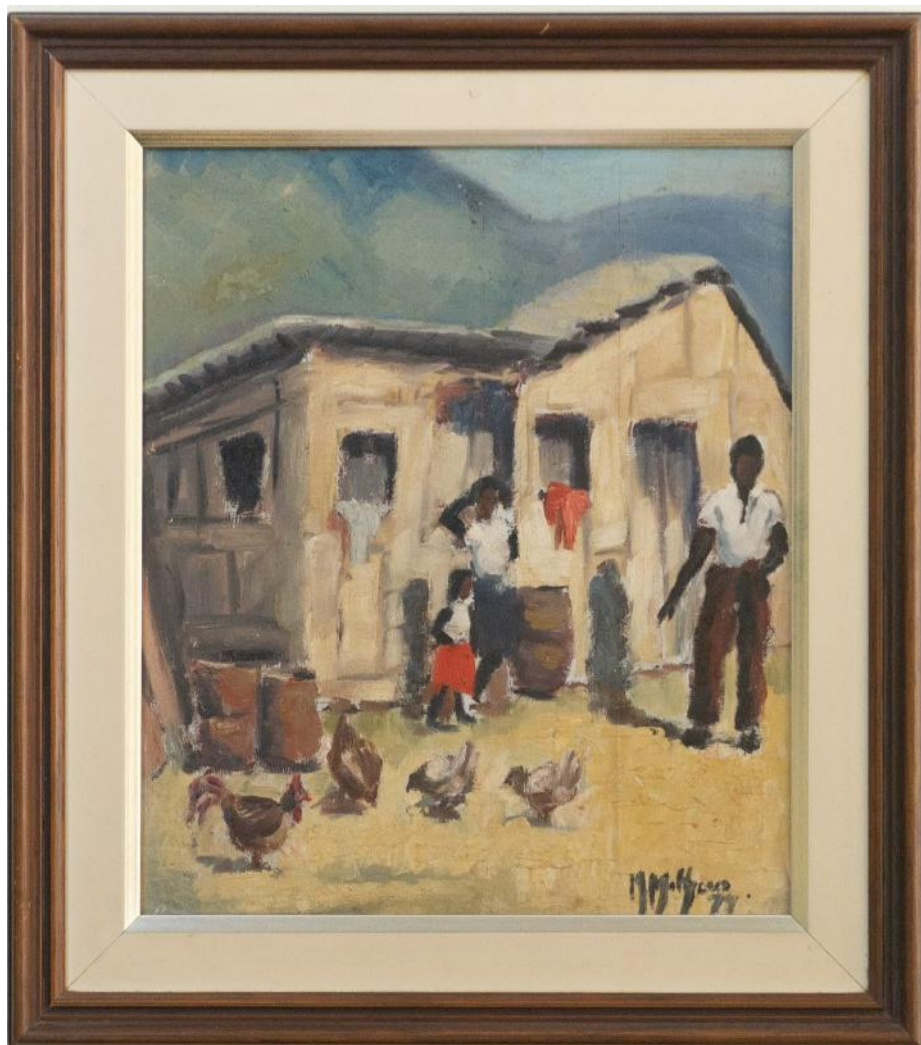


Figura 12: Nahul. Óleo sobre tela. Sem título, sem data.
Fonte: Acervo pessoal de Agenor de Oliveira. Fotografia de Patrícia Blasón.

O comentário de Nelson que faz alusão à paisagem da favela não pode ser considerado banal, afinal, ele se queixava da baixa representatividade do morro na sua essência na pintura Naïf. Mesmo conhecendo Heitor dos Prazeres e Guilherme de Brito, outros pintores sambistas, Nelson sentia que a realidade da favela precisava ser visualizada de uma forma mais robusta e vigorosa nesta modalidade de arte: *Se a gente não conta aquilo que a gente vê, a história não anda e, nesse sentido, o samba é um grande delator.*²⁰

²⁰ Nelson Sargento em entrevista à escritora Juliana Barbosa para *Alma Preta Jornalismo*, cf. CAMARGO, Roberta. Nelson Sargento deixa legado de amor e respeito ao samba. *Alma Preta Jornalismo*, [S. l.], 27 maio 2021. Disponível em: <https://almapreta.com/sessao/cultura/nelson-sargento-deixa-legado-de-amor-e-respeito-ao-samba#:~:text=%E2%80%9CNelson%20dizia%20que%20'se%20a',.E2%80%9D%2C%20lembra%20Juliana>. Acesso em: 22 jul. 2022.

Talvez aí esteja o centro nevrálgico da obra de Nelson Sargento. Ele se interessa em delatar, descrever, delinear, confessar, deixando indicadas as singularidades de uma paisagem que reincidentemente revela processos de apagamento e subalternização. Para ele essa paisagem precisa ser amplificada, colorizada em todas as suas nuances, com todos os seus predicados, sejam essas paisagens belas ou degradadas pelo signo de precarização, da escassez, da pobreza e do preconceito. Essa visão que está nas notas e letras de seus sambas transcende essa sonoridade e adquire forma e colorismo da tela.

Retomando as referências de Nelson Sargento, vale destacar que Heitor dos Prazeres foi de fato um nome relevante, sobretudo pela ligação marcante com o universo do samba, de modo geral. Entre as referências que se pode traçar entre Heitor e Nelson, o ponto em comum era a forte relação que ambos possuíam com o morro da Mangueira, em especial para composição de sambas.

É possível constatar essa peculiaridade na canção “Lá em Mangueira”, de Heitor dos Prazeres em parceria com Herivelto Martins. Interessante que nos versos e na paisagem que surgem na obra *Morro da Mangueira* (1965) (Mosaico III), o observador consegue estabelecer relações entre os versos e o contexto da pintura, algo sensivelmente associado. Vejamos os versos e a obra e busquemos tais conexões.

Lá em Mangueira

Lá em mangueira
Aprendi a sapatear
Lá em mangueira
É que o samba tem seu lugar
Foi lá no morro
Um luar e um barracão
Lá eu gostei de alguém
Que me tratou bem
Eu dei meu coração
No morro a gente
Leva a vida que quer
No morro a gente
Gosta de uma mulher
E quando a gente
Deixa o morro e vai embora
Quase sempre chora
Chora, chora

Devo destacar que ao longo desta pesquisa foi também instigante perceber como, em particular, o Morro de Mangueira se destaca na narrativa visual sobre a paisagem das favelas cariocas. Evidente que a história do morro se entrelaça com a história da agremiação da Escola

de Samba Mangueira que, por sua vez, já foi vencedora muitas vezes dos Desfiles de Escolas de Samba Carioca na Marquês de Sapucaí.

No *Mosaico III: in(con)fluências entre pintores sambistas/mangueira fonte de inspiração*, proponho uma análise das obras de Nelson Sargento, buscando também alinhá-las aos trabalhos de outros pintores sambistas, a partir da perspectiva de que a paisagem do morro é a referência, é nela, em grande medida, que surge o elemento seminal que se consubstancia na composição da tela.

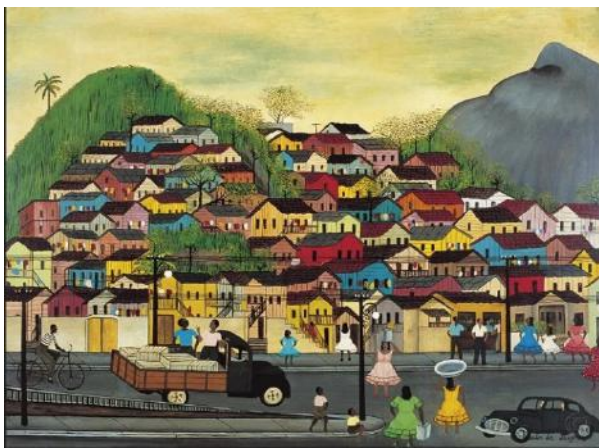
O morro já foi cenário no qual se entrelaça alegrias e asperezas da vida, como já sinalizado neste trabalho. Daí a relevância de se pensar como a paisagem se torna um fenômeno sociocultural que formaliza uma visão privilegiada no imaginário desses artistas que não apenas usaram esse lugar como um laboratório efêmero de suas leituras desse ambiente, mas vivenciaram, foram atravessados pela atmosfera de um lugar que somente eles saberiam de fato como capturar o *genius loci*.

Ao explorar tais características, observo que na obra *Morro da Mangueira* de 1965, Heitor dos Prazeres revela uma paisagem marcada por distintos personagens do cotidiano e sua convivência no morro. Uma análise aprofundada mostra que cada agrupamento de pessoas demonstra ou denuncia o abandono daquele espaço pelo poder público, além de tensionamentos raciais. As mulheres carregam latas d'água, sinalizando a falta de um serviço básico, homens exercem trabalho braçal em cima de um pequeno caminhão, e o movimento contrário de um carro de passeio com as únicas pessoas brancas da composição que é observado pelos meninos próximos ao poste.

Destaca-se uma miríade de elementos com um forte apelo colorístico que se formaliza na arquitetura da paisagem de casas com telhados em duas águas, que, por sua vez, contrastam com o morro verdejante e o outro com total ausência de vegetação, talvez uma topografia rochosa, talvez uma aridez resultado do desmatamento, ou seja, questões de ordem ecológica também despontam nessa imagem. Por outro lado, a obra de Sargento aparentemente utiliza as mesmas dicotomias do trabalho de Heitor, mas em uma composição que não tem nenhuma preocupação com uma leitura em camadas estratificadas. Não há as minúcias e detalhes da composição de Heitor. Nelson é direto e eficaz em sua composição, suas cores são mais luminosas e a composição não está comprometida com a escala de uma “paisagem arquitetônica”. Ela quer ser lida em sua inteireza. Apesar dos dois morros criarem uma associação visual, esta deve ser lida apenas como uma mera referência, porque na sua essência são bem distintas e têm uma autonomia que as difere substancialmente.

Num plano aberto, as duas pinturas mostram a paisagem do morro com casas coloridas entre uma colina com vegetação e outra completamente seca, dura e sem vida. Uma dualidade que transparece na vivência dos próprios sambistas e de quem habita o morro. Quem resiste às ameaças, de remoções e guerras, e em meio ao caos de violências cotidianas, mantém a força para construir vida e memória junto e através daquele lugar físico. Se Prazeres traz denúncias através das personagens em sua pintura, Nelson torna o morro o próprio personagem da denúncia dos versos da canção “Encanto da Paisagem”: *Morro/És o encanto da paisagem/Suntuoso personagem/De rudimentar beleza.*

Mosaico III: IN(CON)FLUÊNCIAS ENTRE PINTORES SAMBISTAS/MANGUEIRA COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO



Morro da Mangueira, Heitor dos Prazeres, 1965.
Óleo sobre tela.
Fonte: LuDiasBH (2016).



Sem título, Nelson Sargento, 2006. Acrílica sobre tela.
Fonte: Nelson (2012).

A partir dessas pinturas de Heitor dos Prazeres e de Nelson Sargento, é possível criar conexões com a própria história das favelas, o ambiente precário dos morros cariocas, mas também a sinergia positiva que seus moradores produzem. As Figuras 13 e 14, por exemplo, mostram a paisagem do morro da Mangueira em diferentes épocas e perspectivas. A Figura 13 remonta ao ano de 1963 e registra o morro do alto. Nela é possível ver os barracos de pau a pique, e logo abaixo a avenida principal Visconde de Niterói, cercada pelo bairro da Tijuca. A Figura 14, registrada em 2015, apresenta uma vista a partir do asfalto até o alto do morro, revelando a predominância de casas de diferentes formatos e cores, construções em alvenaria e sem acabamento de fachada. É interessante perceber uma formação triangular criada pelo complexo de casas na centralidade da paisagem, e como essas características imbuíram o

imaginário compositivo de Heitor dos Prazeres e Nelson Sargento. Ambos criaram singularidades distintas para pensar a paisagem que têm os pontos em comum destacados anteriormente.



Figura 13: Panorama do Morro da Mangueira em 1963.

[Fonte](#)



Figura 14: Morro da Mangueira e ocupação na paisagem contemporânea, 2015. Fonte: Morro da Mangueira (2015)

Nas pinturas de Nelson Sargento e Heitor dos Prazeres, o morro da Mangueira habitado por resistência ou morro-personagem veste cores vivas e diversas. O prisma pelo qual estes artistas representavam o território a partir das pinturas e músicas aponta para o desejo de vê-lo prosperar em vivacidade, criatividade e dignidade, não só no território, mas também na avenida e na história do Brasil.

História para ninar gente grande
Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre-alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, Jamelões
São verde e rosa as multidões.²¹

²¹ *Ibidem.*

Mosaico III: IN(CON)FLUÊNCIAS ENTRE PINTORES SAMBISTAS/MANGUEIRA COMO FONTE DE INSPIRAÇÃO - PARTE 2



Sem título, Nelson Sargento, Sem data.
Acrílico sobre tela.
Fonte: Acervo de Agenor de Oliveira. Fotografia de Patrícia Blasón.



Paulo Moreira, 1987.
Subindo o morro. Feliz com o desempenho da escola na avenida, a baiana Nininha retorna ao morro da Mangueira,
Fonte: Em Foco... (n.d.).



Sem título, Nelson Sargento, Sem data.
Acrílico sobre tela.
Fonte: Nelson (2012).



Otávio Magalhães (1986).
Baianas. Com o enredo "Caymmi mostra ao mundo o que a Bahia e a Mangueira têm", a Estação Primeira homenageia o compositor baiano e conquista o título do carnaval.
Fonte: Acervo O Globo (n.d.).

Na foto de Paulo Moreira, podemos ver o registro da baiana Nininha ao voltar da avenida para a Mangueira repleta de alegria após o sucesso do desfile. Nininha Chochoba²² é uma personalidade do carnaval carioca, que iniciou as atividades aos 5 anos de idade, chegando a se tornar porta-bandeira da Estação Primeira de Mangueira atuando entre 1941 e 1953. Após um período de afastamento do carnaval, é convidada a retornar como personagem de honra da escola, passando a fazer parte da Velha Guarda da escola em 1958, atuando na ala das baianas. Ao lado de Dona Neima e Cecéia, outras duas baianas essenciais para a escola, organizou a ala infantil que começou a desfilar nos anos 1960 com mais de cinquenta crianças.

Destaco a história de Nininha para trazer à tona um traço muito importante nas esferas da cultura e manifestações socioculturais afro-brasileiras: o respeito pela ancestralidade, pela sabedoria da pessoa mais velha que veio antes e construiu parte do caminho para a geração seguinte. Este aspecto se revela principalmente nas práticas religiosas afro-brasileiras. Na escola de samba, este respeito é verificado na presença da ala das baianas e da velha guarda.

O carnaval é intrínseco à obra de Nelson. Nesse sentido, é natural perceber que elementos e personagens que transitam nesse universo são pontos de destaque na composição da sua obra e, nesse sentido, há uma preocupação sensível priorizar a cultura carnavalesca através de corpos negros.

A baiana, em especial, é um símbolo que carrega no desfile na avenida a cultura material, apresentando as características de sua comunidade. As baianas tinham grande importância na organização física e espiritual da comunidade e da escola de samba. Na primeira obra do Mosaico III parte 2, podemos observar um possível recorte da “ala das baianas”, em que a baiana central traz as casas da comunidade em sua saia, demonstrando que todo povo que ali reside desfila junto com ela.

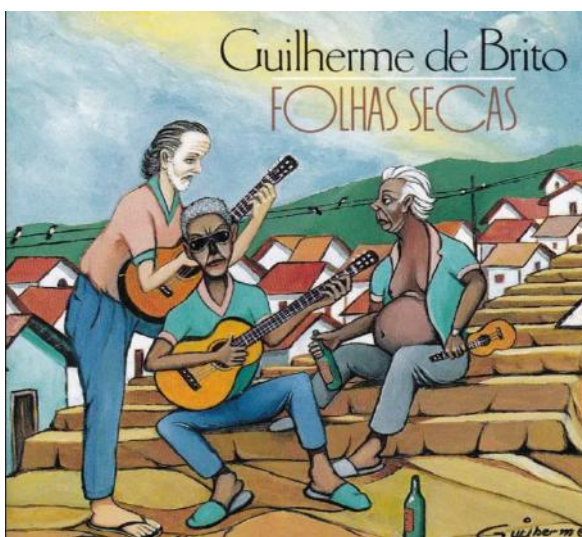
Na segunda pintura de Nelson presente no Mosaico III, é possível ver outras figuras carnavalescas presentes em sua obra: a passista cercada por ritmistas com seus instrumentos na região superior, seguido das baianas na região central e, logo abaixo, personagens que trajam um figurino que pode remeter àqueles usados pela ala da velha guarda, cujos integrantes têm a missão de transmitir a história das escolas às novas gerações, para manter viva a tradição do carnaval.

As artes dos pintores sambistas também eram utilizadas para compor as capas dos discos de Nelson. No disco de Guilherme de Brito, contemporâneo a Nelson Sargento,

²² Mais informações: NININHA Chochoba. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Nininha_Chochoba. Acesso em: 3 ago. 2022.

compositor – parceiro de Nelson Cavaquinho – da famosa canção “Folhas Secas”, imortalizada nas vozes das cantoras Beth Carvalho e Elis Regina, ele é retratado (de pé) numa escadaria ao lado de seus mestres: Cartola e Nelson Cavaquinho, que já havia falecido anos 1980, os três portavam seus instrumentos musicais. Mais uma vez nota-se a presença da vegetação em segundo plano, juntamente com as casas. Na capa do disco *Encanto da Paisagem*, de Nelson Sargento, uma fotografia dele com um cavaquinho é colada à típica paisagem com casas pintadas por ele mesmo.

Mosaico III: IN(CON)FLUÊNCIAS ENTRE PINTORES SAMBISTAS/MANGUEIRA FONTE DE INSPIRAÇÃO - PARTE 3



Capa do disco *Folhas secas*, de Guilherme de Brito, 1990;
Fonte: Guilherme de Brito (2017).



Capa do disco *Encanto da Paisagem*, de Nelson Sargento, 1986.
Fonte: Amazon (2020).

Os dois discos têm canções homônimas ao título do disco que homenageiam a Mangueira. Nelson Sargento, em “Encanto da paisagem”, fala do espaço físico da favela e faz duras críticas ao sistema que exclui, enquanto Brito, na canção “Folhas Secas”, homenageia a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira e seus compositores, assim como a alegria de pertencer e o medo com a possibilidade de não estar mais ali.

Folhas secas

Quando eu piso em folhas secas
Caídas de uma mangueira
Penso na minha escola
E nos poetas da minha Estação Primeira
Não sei quantas vezes

Subi o morro cantando
Sempre o sol me queimando
E assim vou me acabando
Quando o tempo avisar
Que eu não posso mais cantar
Sei que vou sentir saudade
Ao lado do meu violão
Da minha mocidade.

A arte de Nelson Sargento está certamente muito conectada com sua experiência de vida e com os espaços físicos em que se criou. Por este motivo, somado a não formação acadêmica em pintura e a repetitividade de elementos e temas em suas telas, ele foi identificado – assim como outros pintores sambistas e artistas negros – como um artista naif e tomou para si a categorização. Tal predicado carrega aspectos bastante problemáticos a serem desenvolvidos no próximo tópico.

4.3. A pintura Naif como estratégia decolonial na obra de Nelson Sargento

O termo “Naif” vem sendo bastante discutido por autores da história da arte pelas questões pejorativas ligadas ao seu surgimento, que pretendia subalternizar ou até mesmo caçoar da produção de artistas não acadêmicos. Ao mesmo tempo que criticamos o termo pelas questões problemáticas que carrega, muitos artistas, assim como Nelson Sargento, o tomaram para si como identificação. Esse fato nos leva a necessidade de buscar outras epistemologias para melhor compreender e legitimar a produção Naif.

Naif, “ingênuo” e primitivo são palavras que vem do latim *nativus*, *ingenius* e *primittus* e significam respectivamente o que nasce, o que é natural; nascido livre; e o primeiro estado de uma coisa” (ROSSETTO, 2013, p. 27).

No início, “Naif” designava ignorância e até estupidez das pessoas que pintavam seus quadros sem terem passado pela formação acadêmica em artes plásticas. Tal classificação surge diretamente de um confronto entre o modelo de uma tradição única, baseada nos cânones acadêmicos europeus, e a espontaneidade de uma criação intuitiva e sem normas. Em *Naïve Art*, Morais (2006) aborda que a Arte Naif surgiu no início do século XX, partindo da data em que foi aceita como forma artística. Entretanto, se considerarmos como arte feita por “não artistas”, seu surgimento é difícil de ser datado, como nos diz Rossetto (2013):

Arte Naif não é um estilo, trata-se da arte produzida por autodidatas que seguem o impulso próprio para expressar

anseios através de uma técnica aparentemente rudimentar. Assim, a partir de um dado período, a Arte Naïf foi reconhecida e valorizada por intelectuais de vanguarda, contudo sempre existiu - ou desde quando o ser humano sentiu necessidade de se expressar (ROSSETO, 2013, p. 23).

A arte Naïf é uma manifestação artística que só foi reconhecida como arte no final do século XIX quando o pintor francês Henri Rousseau passou a ser reconhecido por intelectuais da vanguarda europeia. O pintor é considerado o expoente da arte Naïf por retratar temas ligados a situações cotidianas e ao imaginário coletivo cultural e social. Já no Brasil, o reconhecimento dessa arte foi na década de 1930 com a produção dos artistas Heitor dos Prazeres e Cardosinho.

A ausência de formação institucional em artes plásticas, o autodidatismo e a temática são alguns elementos que configuram uma arte como Naïf. Os temas ligados a essas produções estão normalmente relacionados com o contexto de origem dos artistas, portanto, refletem a diversidade da cultura popular.

A arte Naïf é aqui referenciada para construir algumas pontes que contribuam com o entendimento em parte da obra de Nelson Sargento, sobretudo considerando a diversidade da cultura popular brasileira, especificamente do contexto das favelas, das escolas e rodas de samba, locais esses que muitos de seus moradores não têm acesso à academia, em especial às escolas de arte. Todos esses temas carregam atravessamentos relevantes para debate, pois a falta de acesso de pessoas negras à educação é um problema estrutural no Brasil e não impediu a prática artística negra e profissional em diversas áreas de conhecimento. Existiu uma escolha em apresentar o que Nelson retrata, seu recorte temático e pictórico configura complexidade ao seu trabalho, e não inocência ou estupidez.

Como visto anteriormente, Agenor de Oliveira relatou a fala de Nelson sobre a escolha temática de suas pinturas, sobre o artista não ver o seu contexto sociocultural e territorial retratado com relevância nas obras exposições de arte. Nesse relato, podemos identificar que a questão racial era politicamente abordada pelo artista em suas obras, sua pintura buscava então subverter a cena de arte que observara, trazendo a cultura do morro e as pessoas que lá vivem para a superfície da tela.

Com a curadoria de Ana Avelar e Renata Felinto, a 15ª Bienal Naïfs do Brasil do Sesc Piracicaba (2020-2021) teve por título *Ideias para adiar o fim da arte*, fazendo referência ao pensamento de dois autores importantes para a cultura do século XXI: ao líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro Ailton Krenak e ao filósofo e crítico de arte americano Arthur Danto. Ao relacionar esses autores, a linha curatorial da exposição seguiu no sentido de enxergar

o *naïf como estratégia decolonial* – citando o título de um dos textos do catálogo – onde a curadora Renata Felinto discute as concepções sobre arte e sociedade de ambos pensadores.

Krenak, em *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), critica a padronização da existência e o modelo de vida ocidental que prega por uma unidade diante de toda a diversidade humana. Danto, em *Após o fim da arte* (2006), nos atenta ao fato de que após os anos 1960 a experiência com a obra de arte passou a ocorrer não pelos atributos da beleza, mas pelas correlações que situam aquela obra em relação à sociedade e à cultura de massa, o que nos leva ao fim da forma única de se entender e narrar a história da arte. Danto também aponta para a diversidade de grupos humanos que foi excluída do que se registraram até então como arte. A partir dos conceitos trabalhados por ele, a arte que se conhecia até então estava extinta.

Segundo Felinto (2020), as epistemologias decoloniais propõem a investigação de novas formas de produzir ou revelar conhecimentos e relações sociais que não tenham como centralidade o pensamento europeu imposto a populações de fora da Europa por meio de invasões, expropriações de territórios e o conseqüente genocídio de algumas populações.

O termo naïf, que inicialmente imprimia ingenuidade à pessoa criativa-criadora, refletindo um desconhecimento dessas bases paradigmáticas e estruturantes dos processos de criação nos moldes acadêmicos, converte-se mais em uma intuitiva estratégia de subversão do que em uma escola ou movimento artístico (FELINTO, 2020, p. 21)

Unindo os pensamentos dos autores, o texto de Felinto nos leva a perceber que artistas naïfs já trabalhavam para adiar o fim da arte mesmo antes das publicações citadas, rompendo com a noção de escola e movimento artístico impostos pelas academias de arte. Ao contrário, incorporam a diversidade, a coletividade e a pluralidade como fundamento de seus conhecimentos e produções que podem ser vistas como estratégias decoloniais e subversivas, pois nessas práticas “já residia e reside o exercício de pensar e repensar as estruturas da sociedade humana, das populações ocidentais ou ocidentalizadas” (FELINTO, 2020, p. 21).

4.4. Cronologia da obra de Nelson Sargento: obras, exposições, retrospectivas

A partir de 1982, Nelson Sargento começou a construir sua carreira como pintor e passou a conciliar a carreira de músico com a de artista plástico. Diante da necessidade de construir as narrativas sobre a trajetória artística, apresento o Quadro 1 com o levantamento de suas obras entre 1972 e 2021. O quadro ajuda a entender não apenas o percurso que o artista

seguiu no campo das artes visuais, no interesse de colocar em evidência sua produção, mas também qual o impacto que seu trabalho progressivamente foi alcançado na esfera pública e para os especialistas. Depois dessa relação, apresento um registro do artista e um quadro com uma perspectiva parcial dos seus trabalhos.

Quadro 1: Percurso artístico de Nelson Sargento

ANO		ESPAÇO CULTURAL	LOCAL
1.	1983	Casa de Sérgio Cabral	Rio de Janeiro
2.	1984	Arquivo da Cidade	Rio de Janeiro
3.	1987	Centro Cultural Cândido Mendes - Grande Galeria	Rio de Janeiro
4.	1990	Bar Paulistinha	Rio de Janeiro
5.	1993	Shows e exposição no Japão	Japão
6.	1994	Museu da Imagem e do Som	Rio de Janeiro
7.	1995	Câmara Municipal do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
8.	1995	Museu do Folclore	Rio de Janeiro
9.	1998	Sala do Artista Popular	Rio de Janeiro
10.	1998	Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
11.	1999	Espaço Cultural Toca do Vinicius - Ipanema	Rio de Janeiro
14	1999	Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
15	2016	Museu da Imagem e do Som	Rio de Janeiro
16	2019	Café Donuts - Águas Clara	Brasília
17	2021	É homenageado com uma exposição de 14 de seus quadros no Espaço Favela, no <i>Rock In Rio</i> , a convite de Roberto Edina.	Rio de Janeiro
18	2021	“Semba/Samba: Corpos e Atravessamentos – Brasil e África: Traduzindo o Nosso Samba”. Curadoria de Luiz Antonio Simas e Nei Lopes.	Rio de Janeiro
19	2021/2022	Ocupação cultural “Arte, agoniza mas não morre: Nelson Sargento, 9.7”. Com quinze quadros do sambista, seis deles inéditos, Espaço Travessia no Instituto Municipal Nise da Silveira	Rio de Janeiro
20	2022	Museu da História e Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB): <i>Protagonismo: memória, orgulho e identidade</i> (Três telas na exposição)	Rio de Janeiro

Quadro 2: Panorama das obras de Nelson Sargento

FASE ABSTRATA



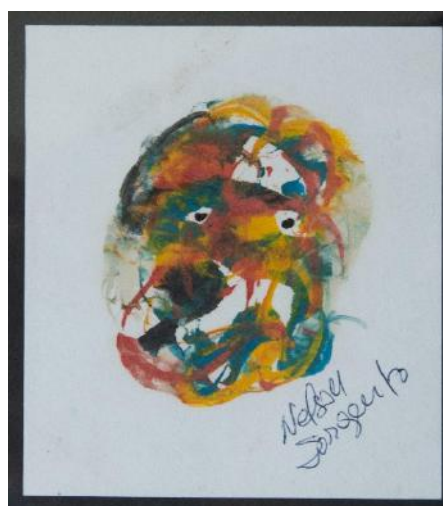
Sem título. c. 1985.
Fonte: Acervo da Coleção de Agenor de Oliveira,
Fotografia: Patrícia Blasón.



Sem título, (c. 1980-2021).
Fonte: Acervo da Coleção Agenor de Oliveira, Fotografia: Patrícia Blasón.



Sem título.
Sem data (1980-2021 c.)
Fonte: Boeckel (2021).



Sem título.
Sem data (1980-2021 c.)
Fonte: Acervo da Coleção de Agenor de Oliveira, Fotografia: Patrícia Blasón.

FASE FIGURATIVA



Sem título, c. 1986.
Capa do disco *Encanto da Paisagem*.
Fonte: Amazon (2020).



Sem título, c. 1997.
Fonte: Rio de Janeiro (2021).



Sem título, c. 1987.
Fonte: Acervo pessoal de Marco Suzano.



Passista, 1998.
Fonte: Centro Nacional (2021).



Sem título, 1998.
 Fonte: Lote 12 (2019).



Sem título, 1999.
 Fonte: Acervo da Coleção de Agenor de Oliveira, Fotografia: Patrícia Blasón.

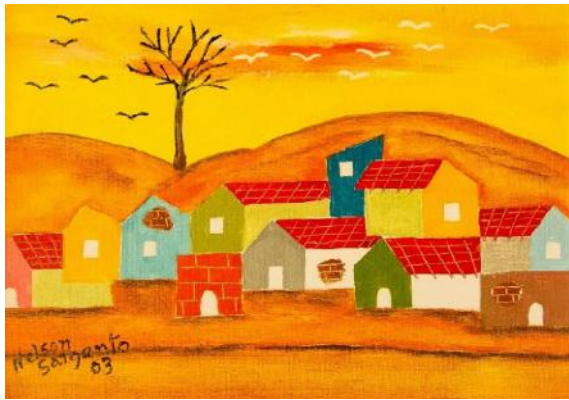
..



Sem título, C. 2002.
 Fonte: Acervo da Coleção de Agenor de Oliveira, Fotografia: Patrícia Blasón.



Sem título, c. 2003.
 Fonte: Acervo da Coleção de Agenor de Oliveira, Fotografia: Patrícia Blasón.



Sem título, 2003.
Fonte: Ribeiro (2021).



Sem título, 2003.
Fonte: Acervo da Coleção de Agenor de Oliveira, Fotografia: Patrícia Blasón.



Sem título, 2005.
Fonte: Ribeiro (2021).



Sem título, 2006.
Fonte: Ribeiro (2021).



Sem título, 2006.
Fonte: Ribeiro (2021)



Sem título, 2007.
Fonte: Mendonça (2021).



Sem título, 2015.
 Fonte: Ribeiro (2021)



Sem título, 2016.
 Fonte: Fenske (2022).



Sem título, 2017.
 (Detalhe).
 Fonte: Boeckel (2021).



Sem título, 2017.
 Fonte: Boeckel (2021).



Sem título, [c. 1980-2021 c.]
Fonte: Ribeiro (2021)



Sem título, [c. 1980-2021].
Fonte: Boeckel (2021).



Sem título, [c. 1980-2021].
Fonte: Nelson Sargento (n.d.)



Sem título, [c. 1980-2021].
Fonte: Acervo da Coelção de Agenor de Oliveira, Fotografia: Patrícia Blasón.



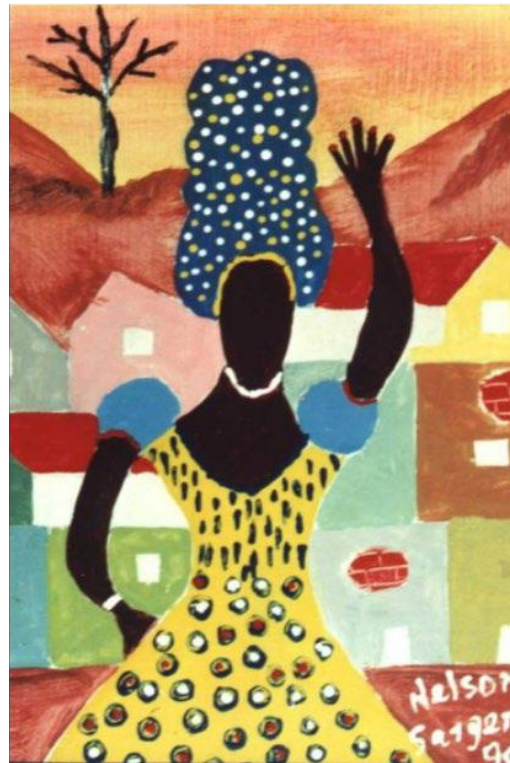
Sem título, [c. 1980-2021 c.]
 Fonte: Acervo da Coleção de Agenor de Oliveira, Fotografia: Patrícia Blasón.



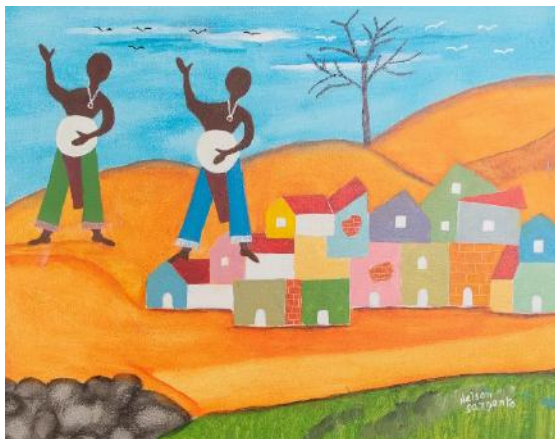
Sem título, [c. 1980-2021 c.]
 Fonte: Lote 73 (2015).



Sem título, [c. 1980-2021].
 Fonte: *O Globo* (2021).



Sem título, [c. 1980-2021].
 Fonte: *Além de músico...* (2021).



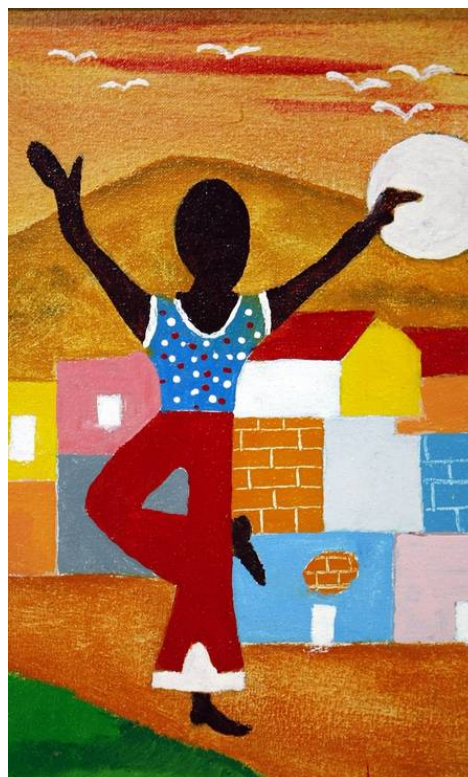
Sem título, [c. 1980-2021].
Fonte: Acervo da Coleção de Agenor de Oliveira, Fotografia: Patrícia Blasón.



Sem título, [c. 1980-2021].
Fonte: Acervo da Coleção de Agenor de Oliveira, Fotografia: Patrícia Blasón.



Sem título, [c. 1980-2021].
Fonte: Campanha... (2016).



Sem título, [c. 1980-2021].
Fonte: Conheça... (2021).



Sem título, [c. 1980-2021].
 Fonte: Nelson... (2021)



Sem título, [c. 1980-2021].
 Fonte: Ribeiro (2021).



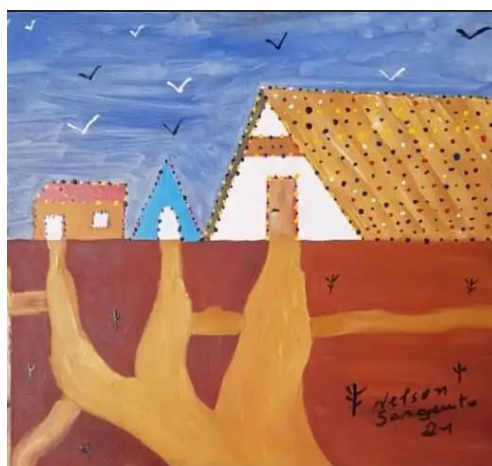
Sem título, [c. 1980-2021].
 Fonte: Além de músico... (2021).



Sem título, data [1980-2021 c.]
 Fonte: Conheça... (2021).



Sem título, 2021.
Fonte: Acervo Edu Vinglar.



Sem título, 2021.
Fonte: Capobianco (2021).



Sem título, 2021.
Fonte: Rio de Janeiro (2021).



Sem título, 2021.
Fonte: Boeckel (2021).



Sem título, 2021.

Fonte: Rio de Janeiro (2021).



Sem título, 2021.
Fonte: Jesus (2021).



Sem título, 2021.
Fonte: Boeckel (2021).

5. O SAMBA É UM GRANDE DELATOR: PONTES PARA O RECONHECIMENTO E VALORIZAÇÃO DOS ARTISTAS NEGROS

Quando você faz da música um movimento, ela fica um período na moda e depois passa, por isso é movimento. E o samba não é movimento, como o sertanejo, movimento bossa-nova, movimento pagode. O samba é uma instituição. É a música popular de um país de dimensões continentais. Ele agoniza mas não morre (SARGENTO).

O samba é uma instituição que organiza saberes ancestrais e históricos, sendo capaz de revelar as camadas da paisagem do morro, da vivência de quem o habita e da sinergia do que é de fato a favela. O samba delator²³ se mostra na obra de Nelson Sargento, suscitando debates sobre o território, criando de narrativas visuais e musicais protagonizadas por pessoas negras, rompendo com a ideia da arte hegemônica, que subalterniza nossas vozes. A obra de Nelson Sargento ocupa uma categoria política e subversiva dentro do campo das artes visuais, e é necessário que ela seja apreendida desde esta e muitas outras perspectivas.

A produção desta pesquisa abre um campo de debate sobre o caminho de atenuar os apagamentos históricos e visuais do ambiente cultural afro-brasileiro. Proponho que artistas visuais negras e negros como Nelson Sargento, tenham suas biografias e trabalhos, aproximadas dos movimentos artísticos que já são estudados nas Artes Visuais²⁴, contextualizando sempre as disputas que colocam a Europa como eixo da história das artes visuais e da humanidade. A produção desses artistas não deve continuar sendo apartada em capítulos específicos de “arte primitiva”, “arte naïf”, “arte popular” e até mesmo “arte negra”.

Quando entrevistei Agenor de Oliveira, tinham passado poucas semanas desde o falecimento de Nelson Sargento. Seu amigo lamentou diversas vezes por sentir saudade, mas também por constatar que o “Brasil não tem muita noção do que é a perda intelectual”, visto

²³ *Ibidem*, p. 15.

²⁴ SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. A pálida história das artes visuais no Brasil: onde estamos negras e negros? *Revista GEARTE*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/94288>. Acesso em: 25 jul. 2022.

que mesmo após 96 anos de pleno exercício artístico e musical, Nelson foi valorizado apenas de forma simbólica e em meios específicos do universo do samba.

Durante a pandemia da Covid-19, o artista passou por dificuldades financeiras junto com sua família, gerando comoção pública²⁵ e veio a falecer um mês antes de inaugurar a sua exposição de obras inéditas, em comemoração aos seus 97 anos. Nelson pintou até antes do *suspiro derradeiro*²⁶, deixando incompletas algumas telas, como está na Figura 17.

Com o título *Arte, agoniza mas não morre*, a exposição aconteceu mesmo sem a presença do artista, levando ao Espaço Travessia, no Instituto Nise da Silveira (Rio de Janeiro) quinze pinturas. A individual foi composta de obras inéditas pintadas durante a pandemia e outras do acervo do pintor e de colecionadores. O nome da exposição faz referência ao seu maior sucesso já gravado. Esse título simbólico nos leva a refletir o quanto ainda é necessário lutar pelo reconhecimento de artistas que no Brasil ainda sofrem pelo preconceito racial e de classe.

Agoniza, mas não morre
Samba,
Agoniza mas não morre,
Alguém sempre te socorre,
Antes do suspiro derradeiro.
Samba,
Negro, forte, destemido,
Foi duramente perseguido,
Na esquina, no botequim, no terreiro.
Samba,
Inocente, pé-no-chão,
A fidalguia do salão,
Te abraçou, te envolveu,
Mudaram toda a sua estrutura,
Te impuseram outra cultura,
E você não percebeu,
Mudaram toda a sua estrutura,
Te impuseram outra cultura,
E você não percebeu.

Espero que na feitura deste trabalho eu esteja contribuindo aos primeiros passos de um pensamento crítico a respeito da obra de Nelson Sargento. A representatividade e a resistência cultural são histórias contadas em suas telas, poesias e em suas canções. Para

²⁵ A crítica de arte Glória Ferreira e a jornalista Marisa Calage organizaram um leilão de arte contemporânea para ajudar a família de Nelson, cf. NELSON Sargento vai receber renda integral de leilão de caridade. *R7*, 28 jul. 2020. Disponível em: <https://entretenimento.r7.com/musica/nelson-sargento-vai-receber-renda-integral-de-leilao-de-caridade-28072020>. Acesso em: 24 jul. 2022.

²⁶ Referência à letra da canção “Agoniza, mas não morre”, de Nelson Sargento.

socorrer a arte viva de Sargento, é preciso dar a ela a continuidade que ele tanto desejou. A sua obra segue sedenta por preenchimento de cores, contornos e novos olhares, como afirma Agenor de Oliveira em entrevista a Wal Sarges e Gustavo Cunha: “Quando pergunto se ele está realizado, ele logo responde que não. É um artista que sempre mantém a cabeça viva”.²⁷



Figura 16: Obra incompleta de Nelson Sargento
Fonte: Acervo de Agenor de Oliveira

²⁷ Cf. SARGES, Wal; CUNHA, Gustavo. Paraense participa de leilão com renda em prol do sambista que é a cara da Mangueira. *DOL*, Belém, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://dol.com.br/entretenimento/cultura/599498/paraense-participa-de-leilao-com-renda-em-prol-do-sambista-que-e-a-cara-da-mangueira?d=1>. Acesso em: 24 jul. 2022.

6. REFERÊNCIAS

- ASSIS, Tatiane. Maria Auxiliadora – vida cotidiana, pintura e resistência. *Veja São Paulo*, São Paulo, n.d. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/atracao/maria-auxiliadora-vida-cotidiana-pintura-e-resistencia/>. Acesso em: 31 jul. 2022.
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.
- CRUZ, Yhuri. *Anastácia livre*. Rio de Janeiro, 1991. Disponível em: <https://projetoafro.com/artista/yhuri-cruz/>. Acesso em: 29 jul. 2022.
- DANTO, Arthur. *Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história*. São Paulo: Edusp, 2006.
- DINIZ, André; CUNHA, Diogo. *Nelson Sargento: O samba da mais alta patente*. Rio de Janeiro: Olho no Tempo, 2015. p. 105.
- DONATO, Maria Aparecida. *Mãe Baiana, corpo-linguagem: um estudo sobre o mito na cultura do samba no Rio de Janeiro*. 2007. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura – Poética) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- EM FOCO: Mangueira em 90 cliques. *Acervo O Globo*, Rio de Janeiro, n.d. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/mangueira-em-90-cliques-22627127>. Acesso em: 03 ago. 2022.
- FERNANDES, Filipe. Sambista Nelson Sargento morre no Rio aos 96 anos. *G1*, Rio de Janeiro, 27 maio 2021. Disponível em: <https://G1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/27/nelson-sargento-morre.shtml>. Acesso em: 23. jul. 2022.
- FELINTO, Renata. *Axexê da Negra*. [S. l.], 2017. Wordpress: Renata Felinto. Disponível em: <https://renatafelinto.wordpress.com/axexe-da-negra/>. Acesso em: 31 jul. 2022.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LUDIASBH. Heitor dos Prazeres – Morro da Mangueira. *Vírus da arte & cia*. 30 jun. 2016. Disponível em: <https://virusdaarte.net/heitor-dos-prazeres-morro-da-mangueira/>. Acesso em: 3 ago. 2022.
- MELLO, João Batista Ferreira de. Geografia humanística: a perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-115, 1990.
- MORAIS, Ana Maria. *Naiv Art*. Lisboa: Lima, 2006.
- NELSON Sargento. In: DICIONÁRIO Cravo Albin da Música Popular Brasileira. [S. l.]: [s. n.], 2021. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/nelson-sargento/>. Acesso em: 29 jul. 2022.
- NELSON Sargento. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa11966/nelson-sargento>. Acesso: 23 jul. 2022.
- NELSON Sargento. Nelson Sargento. *Arte Naif*. 20 nov. 2012. Disponível em: <http://artenaifrio.blogspot.com/2012/11/nelson-sargento.html>. Acesso em: 3 ago. 2022.
- OLIVEIRA, Joana. Nelson Sargento, ícone do samba, morre aos 96 anos por complicações da covid-19. *El País*, Salvador, 27 maio 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-05-27/nelson-sargento-icone-do-samba-morre-aos-96-anos-por-complicacoes-da-covid-19.html>. Acesso em: 23 jul. 2022.
- PIZOTTI, Alexandre Moura. *Mangueira: um simbólico lugar forjado no ritmo do samba e no passo de seus desfilantes*. 2010. Dissertação (Mestrado em Gestão e Estruturação do Espaço Geográfico) –

Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

ROSSETTO, Mariana. *Arte Naïf: Da Santa Ceia aos Orixás*. 2013. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2013.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. A ideia do naïf como estratégia decolonial. *In: BIENAL NAÏFS DO BRASIL*, 15., 2020. Piracicaba. *Anais [...]*. Piracicaba: Sesc Digital, 2020. Disponível em: <https://sesc.digital/conteudo/artes-visuais/bienal-naifs-2020/catalogo-15-bienal-naifs>. Acesso em: 12 maio 2022.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

SILVA, Gabriela Tavares Candido da; MARCELO, Cucco. A representação afro-brasileira no samba: a construção da identidade negra na música. *Revista Philologus*, Rio de Janeiro, ano 22, n. 66, supl., p. 295-308, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rph/ANO22/66supl/0023.pdf>. Acesso em: 12 maio 2022.

SODRÉ, Muniz. *Samba, dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

TONET, Livia Cristina; LEITE, Edson. Arte Naïf e seus diálogos com a sociedade. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE*, 11., 2018. São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, 2018. p. 138-146.

Fontes consultadas na Internet

ALÉM de músico, Nelson Sargento era artista plástico e recebeu homenagem no Rock in Rio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 maio 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/alem-de-musico-nelson-sargento-era-artista-plastico-recebeu-homenagem-no-rock-in-rio-1-25036500>. Acesso em: 5 ago. 2022.

BOECKEL, Cristina. Obras inéditas de Nelson Sargento são expostas no Instituto Nise da Silveira. *G1 Rio*, Rio de Janeiro, 3 ago. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/08/03/obras-ineditas-de-nelson-sargento-sao-expostas-no-instituto-nise-da-silveira.ghtml>. Acesso em: 5 ago. 2022.

CAMPANHA financiada. *Benfeitoria*. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://benfeitoria.com/projeto/nelsonsargento>. Acesso em: 5 ago. 2022.

CAPOBIANCO, Marcela. Pinturas inéditas de Nelson Sargento ganham destaque em exposição. *Veja Rio*, Rio de Janeiro, 20 jul. 2021. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/programe-se/pinturas-ineditas-nelson-sargento-exposicao/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

CONHEÇA o lado artista plástico do músico Nelson Sargento. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 maio 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/conheca-lado-artista-plastico-do-musico-nelson-sargento-25036528>. Acesso em: 5 ago. 2022.

CENTRO NACIONAL de Folclore e Cultura Popular. *Passista*. [S. l.], 18 fev. 2021. Facebook: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular https://m.facebook.com/CNFCP/photos/a.130329323715182/3760005497414195/?type=3&_rdr. Acesso em: 5 ago. 2022.

ENCANTO da Paisagem. *Amazon*. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.amazon.com/Encanto-Paisagem-Nelson-Sargento/dp/B084RFW32N>. Acesso em: 5 ago. 2022.

FALA Mangueira! – o documentário inteiro (1981). [S. l.: s. n.], 2012. 1 vídeo (57'22 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=aVdz_UwY5ig&t=336. Acesso em: 5 ago. 2022.

FENSKE, Elfi Kürten. Nelson Sargento “samba, negro, forte, destemido”. *Templo Cultural Delfos*. [S. l.], 2022. Disponível em: http://www.elfikurten.com.br/p/contato_18.html. Acesso em: 5 ago. 2022.

GUILHERME DE BRITO. *Instituto Memória Musical Brasileira*. Niterói, 2017. Disponível em: <https://immut.org/artista/guilherme-de-brito>. Acesso em: 5 ago. 2022.

JESUS, Regiane. Um outro talento: telas de Nelson Sargento estão em exposição no Instituto Nise da Silveira. *O Globo*, 2 ago. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/um-outro-talento-telas-de-nelson-sargento-estao-em-exposicao-no-instituto-nise-da-silveira-1-25130367>. Acesso em: 5 ago. 2022.

LOTE 12. *Levy Leiloeiro*. Rio de Janeiro, 25 jul. 2019. Disponível em: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=528415&ctd=11&tot=&tipo=&artista=#simple1>. Acesso em: 5 ago. 2022.

LOTE 73. *Ana Clara Leilões*. Campinas, 1 out. 2015. Disponível em: <https://www.anaclaraleiloes.lcl.br/peca.asp?ld=1144965>. Acesso em: 5 ago. 2022.

MENDONÇA, Alba Valéria. Morte de Nelson Sargento: amigos e famosos lamentam perda do baluarte da Mangueira. *G1 Rio*, Rio de Janeiro, 27 maio 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/05/27/morte-de-nelson-sargento-repercussao.ghtml>. Acesso em: 5 ago. 2022.

NELSON Sargento: *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira*, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/nelson-sargento>. Acesso em: 07 ago. 2022.

NELSON Sargento: Quero pintar quadros. *Agenda Bafafá*, [S. l.], 2 maio 2016. Disponível em: <https://bafafa.com.br/mais-coisas/entrevistas/nelson-sargento-quer-pintar-quadros>. Acesso em: 5 ago. 2022.

NELSON Sargento – Figuras – ost – 46x38. *Catálogo das Artes*. Brasília, DF, n.d. Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DDUeGDBz/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

NELSON Sargento, lenda do samba, morre aos 96 anos, vítima de Covid. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 maio 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/nelson-sargento-lenda-do-samba-morre-aos-96-anos-vitima-de-covid-1-25034296>. Acesso em: 5 ago. 2022.

NELSON Sargento em imagens. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 maio 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/fotogalerias/nelson-sargento-em-imagens-25034799>. Acesso em: 5 ago. 2022.

“O BRASIL agoniza, mas não morre”, diz Nelson Sargento. *Fundação Yedda & Augusto Frederico Schmidt*. Rio de Janeiro, 27 ago. 2019. Disponível em: <https://fundacaoschmidt.org.br/o-brasil-agoniza-mas-nao-morre-diz-nelson-sargento/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

RIO DE JANEIRO (cidade). Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. *Instituto Nise da Silveira apresenta pinturas inéditas do compositor Nelson Sargento*. Rio de Janeiro, 24 jul. 2021. Disponível em: <https://prefeitura.rio/cidade/instituto-nise-da-silveira-apresenta-pinturas-ineditas-do-compositor-nelson-sargento/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

RIBEIRO, Geraldo. Isolado devido à pandemia do novo coronavírus, Nelson Sargento ganhará várias homenagens por seus 96 anos. *Extra*, Rio de Janeiro, 18 jul. 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/isolado-devido-pandemia-do-novo-coronavirus-nelson-sargento-ganhara-varias-homenagens-por-seus-96-anos-24539072.html>. Acesso em: 5 ago. 2022.

RIBEIRO, Luiz Antonio. Você sabia que o sambista Nelson Sargento também é um grande pintor? *Notaterapia*, [S. l.], 14 maio 2021. Disponível em: <https://notaterapia.com.br/2021/05/14/voce-sabia-que-o-sambista-nelson-sargento-tambem-e-um-grande-pintor/>. Acesso em: 5 ago. 2022.

7. ANEXOS | REGISTROS JORNALÍSTICOS DE UM ARTISTA NEGRO, NELSON SARGENTO

Diante da vasta produção de artigos na internet, fiz uma seleção de algumas reportagens que julguei relevantes para dar conta da dimensão que alcançou a vida e a obra de Nelson Sargento. Sua morte devido às complicações da Covid-19 produziu uma comoção nacional e reflexos na mídia internacional por considerá-lo um artista de significativa importância na História contemporânea do Brasil.

Considerando que o ambiente da rede é flutuante, e esses registros têm grande potencial de serem apagados, deixo em anexo a este trabalho uma seleção de artigos que ajudam a elucidar a força de sambista e suas características enquanto artista voltado às artes visuais.

A seleção não possui uma ordem específica ou uma estrutura metodológica. Algumas matérias foram selecionadas de *sites* especializados e outras de sites de notícias. O que importa nesse elenco de matérias e ensaios jornalísticos é deixar registrado para a posteridade como a temporalidade relativa à mídia digital, diretamente relacionada ao seu *post mortem*, foi atravessada e registrou a trajetória desse artista.

LISTA DAS MATÉRIAS

NOME DO SITE		TÍTULO DA MATÉRIA	LINK DE ACESSO	DATA
1	<i>El País</i>	“Nelson Sargento, ícone do samba, morre aos 96 anos por complicações da covid-19”	Link para o artigo	23/07/2022
2	<i>Veja</i>	“Nelson Sargento, um dos últimos bambas do samba, morre aos 96 anos”	Link para o artigo	23/07/2022
3	<i>CNN</i>	“Aos 96 anos, morre o sambista Nelson Sargento, vítima da Covid-19”	Link para o artigo	23/07/2022
4	Esquerda Online	“Os sentidos de uma morte: Nelson Sargento, pandemia e o neofascismo no Brasil atual”	Link para o artigo	24/07/2022
5	Templo Cultural Delfos	“Nelson Sargento 1samba, negro, forte, destemido”	Link para o artigo	24/07/2022
6	<i>O Globo</i>	“Nelson Sargento preparava disco, exposição e livro - leia duas letras inéditas”	Link para o artigo	24/07/2022
7	<i>O Globo</i>	“Nelson Sargento em Imagens”	Link para o artigo	24/07/2022
8	<i>Extra</i>	“Isolado devido à pandemia do novo coronavírus, Nelson Sargento ganhará várias homenagens por seus 96 anos”	Link para o artigo	24/07/2022
9	Blog do Acervo - O Globo	“A emoção de Nelson Sargento, baluarte da Mangueira, ao rever fotos de sua trajetória”	Link para o artigo	24/07/2022
10	<i>O Globo</i>	“‘O Brasil agoniza, mas não morre’, diz Nelson Sargento”	Link para o artigo	24/07/2022
11	<i>G1</i>	“Nelson Sargento vira nome de rua na Mangueira”	Link para o artigo	24/07/2022
12	Arquivo Nacional	“Nelson Sargento no acervo do AN”	Link para o artigo	24/07/2022
13	<i>Diário do Rio</i>	“Crônicas Cariocas: Nelson Sargento e a sabedoria eterna”	Link para o artigo	24/07/2022
14	WikiFavelas	“Nelson Sargento”	Link para o artigo	24/07/2022



Cultura

Nelson Sargento, um dos últimos bambas do samba, morre aos 96 anos

Um dos maiores compositores de samba-enredo do Brasil, o músico era um dos últimos representantes da velha guarda da Mangueira

Por **Felipe Branco Cruz** Atualizado em 27 Maio 2021, 11h44 - Publicado em 27 Maio 2021, 11h23



O cantor e compositor, Nelson Sargento, em 2016 - Miro/VEJA

Nelson Mattos, conhecido como o **Nelson Sargento**, morreu nesta quinta-feira, 27, aos 96 anos. Ele estava internado no Instituto Nacional do Câncer (INCA), no Rio de Janeiro, desde sexta-feira, 21, após testar positivo para Covid-19. O cantor e compositor estava internado no local porque fazia acompanhamento de um câncer de próstata, que estava sob controle. Ele foi um dos primeiros cariocas a receber a vacina contra o coronavírus, em

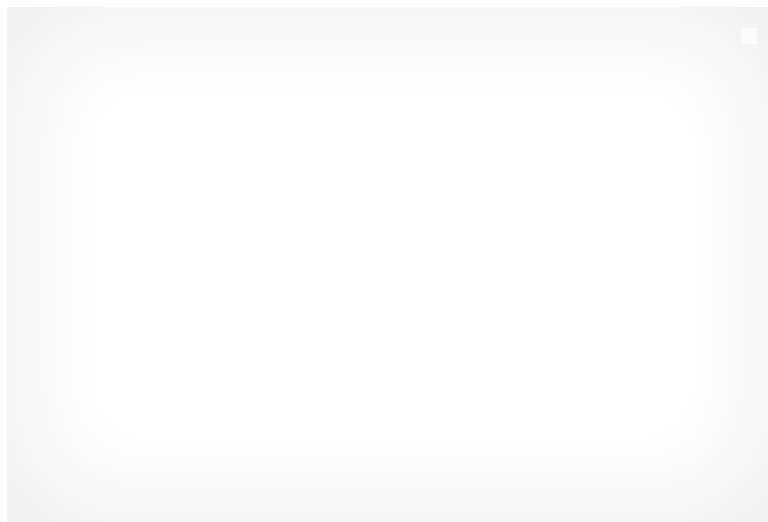
1 conteúdo restante. [Assine agora »](#)
Já é assinante? [Entre aqui.](#) x

“Samba, agoniza mas não morre, alguém sempre te socorre, antes do suspiro derradeiro.” A segunda dose foi ministrada em sua casa, no dia 26 de fevereiro, com Sargento vestindo uma camisa do time de futebol Vasco da Gama, seu time do coração.



apelido de Filósofo do Samba por mais de 400 composições como *Cântico à Natureza*, *Encanto da Paisagem*, *Falso Amor Sincero*, *Século do Samba*, *Acabou Meu Sossego* e *Vai Dizer a Ela*. Já a outra alcunha, “Sargento”, ele conquistou pela patente que atingiu quando serviu brevemente no exército.

PUBLICIDADE



1/7 O sambista Nelson Sargento, em 2006 - (Christopher Pillitz/Getty Images)

2/7 O sambista

Filho de Rosa Maria, uma empregada doméstica, e Olímpio José de Mattos, um cozinheiro, Nelson nasceu em 25 de julho de 1924, no Rio de Janeiro. Ele teve uma relação distante com o pai, que se separou de sua mãe quando ele ainda criança. O contato inicial com o samba ocorreu no morro do Salgueiro, para onde se mudou com a mãe, aos 10 anos. Quando ele chegou aos 12, Rosa vai para o Morro da Mangueira viver com o cantor de fado e pintor de paredes Alfredo Lourenço, o Alfredo Português. Ainda na juventude, nos anos 1940, Português nota o talento de Sargento para o samba e o incentiva a continuar compondo. Nelson aprende a tocar violão com mestres do samba, como Cartola e Nelson Cavaquinho e, por influência do compositor Carlos Cachaca, passa a integrar a ala de compositores da Mangueira em 1942. Em 1955, junto com Português e Jamelão, compõe o samba-enredo *Primavera (As Quatro Estações)*, um dos mais belos exemplares do gênero.

Nelson Sargento (Brasil, 1979) - Primavera

1 conteúdo restante. [Assine agora »](#)
 Já é assinante? [Entre aqui.](#) x



**RÚSSIA X UCRÂNIA****IMPOSTO DE RENDA 2022**

Aos 96 anos, morre o sambista Nelson Sargento, vítima da Covid-19

Compositor e presidente de honra da Estação Primeira de Mangueira já havia sido vacinado contra a doença

Aos 96 anos, morre o sambista Nelson Sargento, vítima da Covid-19



Gregory Prudenciano, da CNN em São Paulo

27/05/2021 às 11:49

Ouvir notícia



0:00

Utilizamos cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar a sua experiência em nossa plataforma, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse. Utilize as opções ao lado para definir suas preferências. [Aviso Legal e Política de Privacidade](#)

[Gerenciar preferências](#)

Rejeitar todos

Aceitar todos

feira (20) no Instituto Nacional de Câncer (Inca). Nesta quarta-feira, ele [havia sido transferido para UTI](#).

PUBLICIDADE

Nelson era paciente do Instituto desde 2005, quando foi diagnosticado e tratou um câncer de próstata.

Presidente de honra da Estação Primeira de Mangueira, uma das principais escolas de samba do Rio de Janeiro, Nelson Sargento ocupava a cadeira 11 da lista de baluartes da escola.

Deixa uma extensa obra artística, com foco nas mais de 400 músicas que compôs, além dos livros “Prisioneiro do Mundo” e “Um Certo Geraldo Pereira. Nelson Sargento, nascido Nelson Mattos, se destacou também como pesquisador da música popular brasileira, e também foi artista plástico e ator.

Leia mais

[Uma a cada 25 mil pessoas morre de Covid-19 mesmo após 2ª dose da Coronavac](#)

[18 estados brasileiros registram mais mortes por Covid-19 em 2021 do que em 2020](#)

[Posso pegar Covid-19 depois das duas doses da vacina? Por que alguns morrem?](#)

Utilizamos cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar a sua experiência em nossa plataforma, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse. Utilize as opções ao lado para definir suas preferências. [Aviso Legal e Política de Privacidade](#)

[Gerenciar preferências](#)

Rejeitar todos

Aceitar todos

1955 o samba enredo “Primavera”, em parceria com com o letrista Alfredo Português, que o havia adotado.

O “Sargento” no nome veio do período em que essa patente lhe coube no Exército Brasileiro, onde serviu entre 1945 e 1949.

Era 1958 quando Nelson assumiu o comando da Ala de Compositores da Mangueira, onde engatou uma próspera carreira de sambista, fundindo sua biografia à escola do coração. Em 1973, teve um de seus quadros comprados por Paulinho da Viola, um dos maiores cantores e compositores do Brasil. Paulinho da Viola ficou com um dos seis quadros que ficaram expostos na casa de Sérgio Cabral, jornalista e compositor, pai do ex-governador do Rio [Sérgio Cabral Filho](#).

Em 2018, já aos 93 anos, Nelson Sargento esteve ao lado do rapper Criolo em uma série de shows que celebraram os 90 anos da Estação Primeira de Mangueira, em projeto musical idealizado pela Orquestra Sinfônica Cesgranrio.

Ao longo de sua carreira, Nelson viu muitos dos maiores intérpretes da música brasileira cantarem suas composições. Uma rápida pesquisa no YouTube é suficiente para ver as letras de Nelson Sargento entoadas por Clementina de Jesus, Nara Leão, e Alcione.

Ao completar 96 anos, em 25 de julho de 2020, ganhou uma homenagem em frente à sua casa, no Rio de Janeiro: à distância, já pelas restrições da pandemia, o grupo de samba Saracoteando fez uma apresentação musical, assistida por Nelson a partir de sua janela.

Em 31 de janeiro de 2021, Nelson foi um dos primeiros cariocas a receberem uma dose da Coronavac, vacina contra a Covid-19 feita no Instituto Butantan, em São Paulo. A dose foi aplicada no Palácio da Cidade, e foi comemorada pelo prefeito [Eduardo Paes](#) (PSD). A segunda dose foi aplicada em 26 de fevereiro.

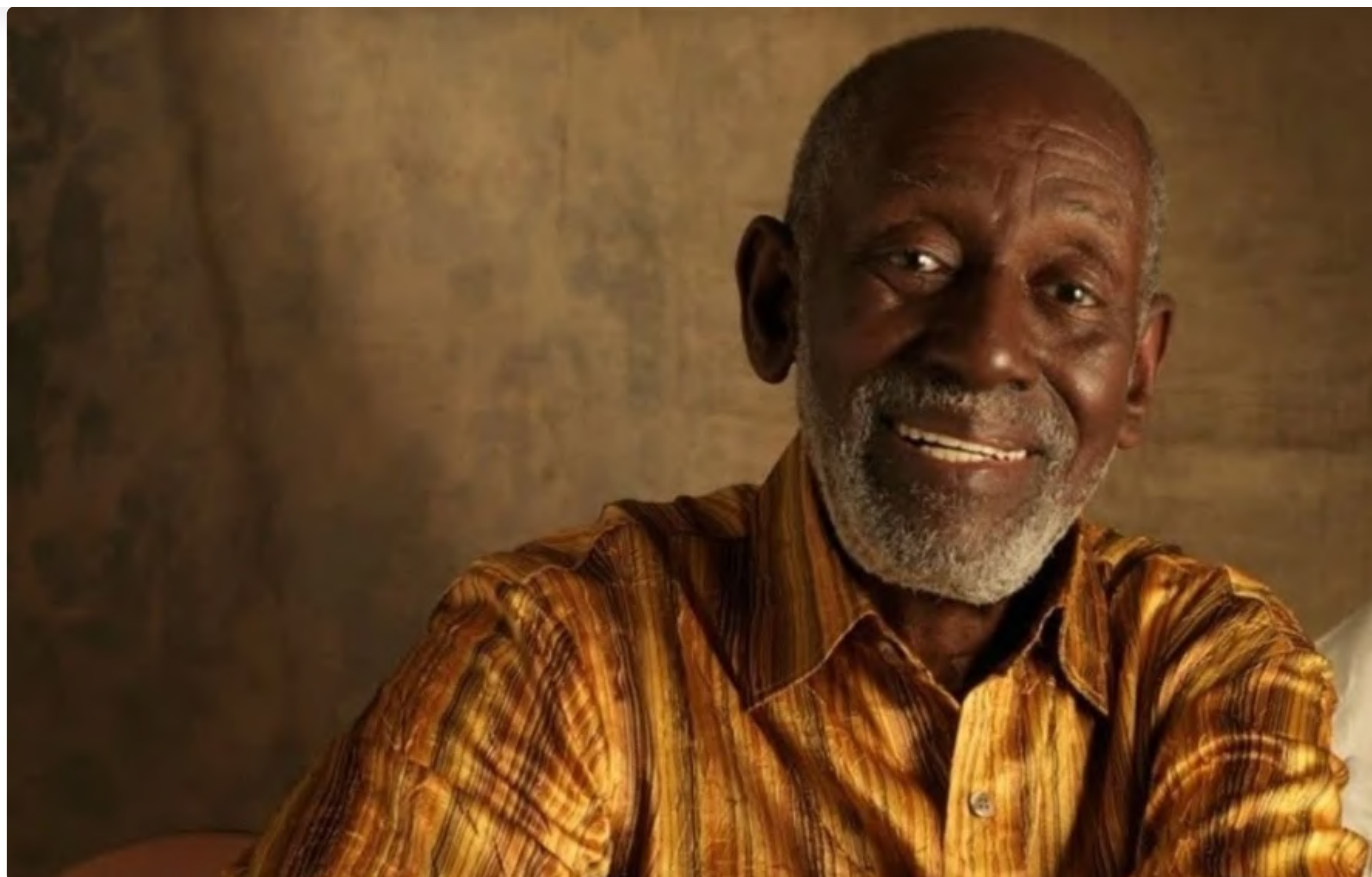
Mesmo vacinado, no entanto, Nelson Sargento tornou-se uma das raríssimas vítimas fatais da Covid-19 entre aqueles que já foram totalmente imunizados.

Utilizamos cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar a sua experiência em nossa plataforma, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse. Utilize as opções ao lado para definir suas preferências. [Aviso Legal e Política de Privacidade](#)

[Gerenciar preferências](#)

[Rejeitar todos](#)

[Aceitar todos](#)



O sambista Nelson Sargento

Foto: Reprodução/Instagram

Tópicos

Obituário



 ASSISTA AGORA
AO VIVO

- 2 Ministério da Saúde analisa 86 medicamentos com "deficiência no mercado"
- 3 Preço da gasolina no Brasil está abaixo da média mundial, aponta levantamento
- 4 Terceiro lote de restituição do IR pode ser consultado a partir desta sexta
- 5 Brasil tem pela 1ª vez mais de 55% da população acima dos 30 anos, diz IBGE

Utilizamos cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar a sua experiência em nossa plataforma, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse. Utilize as opções ao lado para definir suas preferências. [Aviso Legal e Política de Privacidade](#)

[Gerenciar preferências](#)

Rejeitar todos

Aceitar todos

INÍCIO > OPINIÃO

VERDE E ROSA

Artigo | "Negro, destemido e forte": Nelson Sargento completa 96 anos

A vida do sambista Nelson Sargento se confunde com a própria história da Mangueira e do samba carioca

Luiz Ricardo Leitão*

Brasil de Fato | Rio de Janeiro (RJ) | 02 de Agosto de 2020 às 14:52



Nelson é filho de Rosa Maria da Conceição e Olympio José de Mattos, casal de cozinheiros que trabalhava e morava na Tijuca - Divulgação

Quando o menino Nelson Mattos nasceu, na Santa Casa do Rio de Janeiro, em 25 de julho de 1924, os negros já estavam “livres do açoite da senzala”, mas viviam presos

Àquela época, lutando contra o preconceito das elites e a repressão do regime oligárquico da Primeira República, o samba, sem renegar seu passado rural, buscava se afirmar como expressão musical dos negros humildes que habitavam os morros e cortiços da cidade.

De fato é que, desde 1870, estimulado pelos ex-escravos baianos que fizeram do Rio sua morada após a Guerra do Paraguai, o velho batuque da fazenda vinha assumindo sua nova feição urbana, bem mais melódica e sincopada. Após 1888, amplia-se a “Pequena África”, com os escravos libertos das lavouras unindo-se aos negros livres que prestavam serviços na cidade.

A eles também se somariam os soldados egressos da cruel e genocida Guerra de Canudos. Desprovidos de teto, se instalaram, sob expressa autorização do Ministério da Guerra, no Morro da Providência, na Zona Portuária, dando origem à primeira favela carioca.

“ Filho de Rosa Maria da Conceição e Olympio José de Mattos, casal de cozinheiros que trabalhava e morava na Tijuca, Nelson não fugiu desse roteiro. ”

Após a separação dos pais, ele foi viver com a mãe em um barraco alugado no Morro do Salgueiro, onde aos 10 anos se iniciou nas lides do samba, desfilando na Azul e Branco, uma das raízes dos Acadêmicos do Salgueiro - agremiação fundada em 1953. Nos anos 1930, as escolas já gozavam de certo prestígio: em 1932, o jornalista Mário Filho organizou pelo jornal Mundo Sportivo o primeiro cortejo oficial na Praça XI. Em 1935, o prefeito Pedro Ernesto legalizou os grêmios recreativos e instituiu os desfiles de rua.

O garoto, então com 12 anos, sai do Salgueiro e vai viver na Mangueira, com Rosa e o novo companheiro, o pintor de paredes Alfredo Lourenço, que viera de Portugal e se fixou no lugar. O berço da Estação Primeira já era, desde os anos 1920, um sítio pródigo na cartografia do samba carioca, com a turma de Cartola, Carlos Cachaca, Marcelino, Zé Espinguela e outros bambas soltando o bicho no Bloco dos Arengueiros.

Não por acaso, eles recebiam amiúde a visita de Paulo da Portela, fundador da águia de Oswaldo Cruz e um dos maiores militantes da causa negra no Rio, que, junto com Mano Elói, percorria os subúrbios da Central ajudando a organizar os grupos de samba nos morros e terreiros. E também acolhiam as “embaixadas” da Deixa Falar, escola pioneira da turma do Estácio - Bide, Ismael Silva, Marçal, Baiaco e companhia.

O prefeito Ferreira Passos, o *Botão Abaixo*, para abrir a Avenida Central – atual Avenida Rio Branco –, derrubando centenas de casas. A maioria dos desabrigados se alojou nos morros da região, mas outros seguiram rumo à Zona Norte e ao subúrbio (como ocorreu na década de 1960, no governo de Carlos Lacerda, com o “desterro” na Zona Oeste).

E é nesse ambiente de resistência que floresce a poesia do samba verde e rosa, cultivada por figuras como Carlos Cachça, Cartola e Geraldo Pereira – três fontes da arte singular de Nelson Sargento.

Legado de um poeta griô

A vida de Nelson se confunde, pois, com a própria história da Mangueira. Criada em abril de 1928 pela turma dos Arengueiros, ela traz consigo todas as marcas de um século de luta e resistência pela causa do samba. E o nosso luminoso aniversariante de 96 sublimes estações se tornaria um de seus griôs, preservando e transmitindo aos mais jovens os saberes, os cantos e os mitos da nação mangueirense.

São trilhas gloriosas, mas também adversas, que ele há de vivenciar a partir da década de 1930, em plena “era Getúlio”, em que o país supera a etapa liberal-oligárquica do capitalismo periférico e ingressa na fase corporativo-monopolista de nossa “via prussiana” de desenvolvimento. São os tempos buliçosos da “era do rádio”, com Noel, Pixinguinha, Lamartine, Chico Alves, Mário Reis, Carmen Miranda e companhia difundindo para o Brasil e o mundo um novo ícone de identidade nacional – o samba –, tal qual ocorreu na Argentina de Perón com o tango.

Contudo, isso não impedirá que seus maiores artífices, os sambistas dos morros e da periferia, sofram dissabores e reveses, sugados pela crescente indústria cultural que aqui se instalava. Como canta Sargento em *Agoniza, Mas Não Morre*:

“ Samba,
Negro, forte, destemido,
Foi duramente perseguido,
Na esquina, no botequim, no terreiro. ”

Ala de compositores

Sob o estímulo do padrao amante do fado e do samba, a veia musical do jovem desabrocha com as primeiras canções ao violão. Em contato com os bambas da

Mesmo que sua obra musical não seja marcada por sambas de enredo – fato comum entre vários baluartes da verde e rosa, como Cartola, Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, entre outros –, ele há de ser bicampeão pela Mangueira, em 1949 e 1950, assinando com Português dois hinos oficialistas – *Plano Salte* e *Unidade Nacional*. Mais tarde, em 1958, já reconhecido pelos pares, é eleito presidente da renomada ala.

Nem só de música vivem as cigarras. Para ganhar a vida, Nelson trabalhou numa fábrica de vidros, em Vila Isabel, a terra boêmia de Noel, parceiro de Cartola que ele mal pôde conhecer. Prestando o serviço militar, foi sargento do Exército de 1945 a 1949, patente com a qual se batizou na cena artística. Na época, em meio ao entusiasmo pelo fim da Segunda Guerra e sob a política de “boa vizinhança” de Tio Sam na América Latina, o samba reluzia nas telas de cinema e nos palcos de cassinos e teatros. Ainda assim, o brilho do gênero não evitou o ostracismo e a pindaíba de bambas como o próprio Cartola, que sumiu das lides musicais por duas décadas e, para sobreviver, foi até lavador de carros.

“ O talento ímpar de Nelson Sargento impõe-se na virada da década de 1960, entre o otimismo dos “anos dourados” e o agudo debate estético-ideológico da intelligentsia sobre a autêntica cultura nacional-popular na era Jango. ”

Às vésperas do sinistro golpe que se avizinhava, a cultura explodia com o primeiro Festival do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional do Estudantes (UNE), o filme "Cinco Vezes Favela", de Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hiszman e Cacá Diegues, o Teatro de Arena de Boal, Vianinha e Guarnieri, além, é claro, de eventos marcantes do samba, cujo epicentro era o Zicartola, o lendário restaurante de Dona Zica e Cartola.

Engajado na causa da arte popular desde os anos 1950, o autor de *Agoniza, Mas Não Morre*, um canto de exaltação à resiliência do samba, participa do musical *Rosa de Ouro* e vai integrar o conjunto “A Voz do Morro”, criado em 1965 por Zé Kéti, com Elton Medeiros, Paulinho da Viola e outros. Brilhando nas noites do Zicartola, o griô abria sua caixa de ourivesaria e começava a compor um relicário poético que inclui pérolas líricas, como *Cântico à Natureza* e *Homenagem ao Mestre Cartola*, e crônicas saborosas sobre a condição humana – como a burlesca *Falso Amor Sincero*:

*Ela finge que me ama
E eu finjo que acredito.* ”

96 primaveras

De lá para cá, sobreveio uma ditadura de 21 anos, uma “Nova República” de araque e a democracia “meia boca” que fomenta a exclusão e a desigualdade social, hoje acirradas pela homofobia, o racismo e o machismo raivoso da "era Bolsonaro". Nada disso abateu o ânimo do griô, que ainda atuaria como ator em filmes e minisséries, além de abraçar as artes plásticas e as letras, expondo em mostras de pintura e escrevendo livros e crônicas, inclusive um perfil de Geraldo Pereira, lançado em 1981 pelo “Projeto Lúcio Rangel”, da Fundação Nacional de Artes (Funarte), e um inusitado conto erótico para a revista *Ele & Ela*.

Se tanto não bastasse, em 1996, o poeta griô, casado com Evonete Belizario e pai, avô e bisavô de uma grande família, foi agraciado com a Medalha Pedro Ernesto pela Câmara Municipal do Rio, por sua vida dedicada à cultura. Por isso, quando ele apagou as velas do bolo no último dia 25, no Museu do Samba, os olhos de milhões de brasileiros brilharam, convictos de que a esperança, tal qual o samba, pode até agonizar, mas jamais morrerá. Evoé, Baco! Axé, Nelson Sargento!

**Luiz Ricardo Leitão é escritor e professor associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em Estudos Literários pela Universidad de La Habana. Coordenador do Acervo Universitário do Samba, ele é autor de Noel Rosa: Poeta da Vila, Cronista do Brasil e das biografias de Aluísio Machado, Zé Katimba e Rosa Magalhães.*

Fonte: BdF Rio de Janeiro

Edição: Mariana Pitasse e Rodrigo Durão Coelho

RELACIONADAS

Prefeitura de Caxias (RJ) recua e desiste de construir creche no Terreiro da Gomeia

Artigo | Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha

INÍCIO > CULTURA

LADO POUCO CONHECIDO

Pinturas inéditas do sambista Nelson Sargento são exibidas no Instituto Nise da Silveira, no RJ

Sargento morreu em maio deste ano, vítima de covid-19, aos 97 anos, e pintou até o fim da vida; mostra é gratuita

Redação

Brasil de Fato | Rio de Janeiro (RJ) | 03 de Agosto de 2021 às 15:48



A exposição "Arte agoniza, mas não morre: Nelson Sargento, 9.7", fica em cartaz até o dia 26 de setembro - Divulgação

Um conjunto de quadros produzidos pelo sambista Nelson Sargento está exposto na mostra **"Arte agoniza, mas não morre: Nelson Sargento, 9.7", em cartaz no Instituto Nise da Silveira, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro.** Entre as 15 obras reunidas no local, seis delas são inéditas.

Sargento morreu em maio deste ano, vítima de covid-19, aos 97 anos. Ele pintou até o fim da vida. Conhecido como compositor de sucesso, com mais de 400 músicas em seu

desenhos, pinturas e textos cômicos.

Leia também: "Herança deixada por Nelson Sargento para a cultura não tem preço", avalia escritor

Os quadros expostos na mostra tem inspiração nas experiências cotidianas de Sargento. As pinturas, que transitam entre a arte abstrata e autodidata, retratam cenas coloridas das favelas cariocas e do samba. O sambista começou a pintar quadros quando era pintor de paredes, antes de estourar sucessos do samba.



O sambista começou a pintar quadros quando era pintor de paredes, antes de estourar sucessos do samba / Divulgação

A mostra ocupa dois andares do Instituto Nise da Silveira, onde antigos quartos foram transformados em galerias de arte. Outros 20 artistas também contam com obras expostas. Por causa da pandemia da covid-19, as visitas são gratuitas, mas devem ser agendadas.

O local da mostra é o Espaço Travessia, que conta com dois andares de enfermarias desativadas do antigo Hospital Psiquiátrico Pedro II. O objetivo do espaço é promover a saúde mental por meio de atividades artísticas.

Serviço:

Horário de visita: de 10 a 17h, de segunda a sexta-feira, até 26 de setembro.

Em função da pandemia, as visitas deverão ser agendadas pelo email: contatonccs@gmail.com, ou pelo celular: (21) 98909-1123. A entrada é gratuita.

Fonte: **BdF Rio de Janeiro**

Edição: *Mariana Pitasse*

6

RELACIONADAS

Crise militar, CPI e homenagem a Nelson Sargento são destaques no Tempero da Notícia

"Herança deixada por Nelson Sargento para a cultura não tem preço", avalia escritor

Aos 96 anos, vítima de covid, sambista carioca Nelson Sargento se despede

Artigo | "Negro, forte e destemido": Nelson Sargento completa 96 anos



Todos os conteúdos de produção exclusiva e de autoria editorial do Brasil de Fato podem ser reproduzidos, desde que não sejam alterados e que se deem os devidos créditos.



Instituto Nise da Silveira apresenta pinturas inéditas do compositor Nelson Sargento

Publicado em 24/07/2021 - 08:00 | Atualizado em 20/07/2021 - 19:41



Pinturas de Nelson Sargento serão expostas no Nise da Silveira - Marcos de Paula / Prefeitura do Rio

O Instituto Municipal Nise da Silveira inaugura segunda-feira (26/07) a ocupação cultural “Arte, agoniza mas não morre: Nelson Sargento, 9.7”. Com quinze quadros do sambista, seis deles inéditos, a exposição foi montada em dois andares da instituição, onde antigos quartos de internação foram transformados em pequenas e múltiplas galerias de arte, o Espaço Travessia. Outros 20 artistas também terão obras exibidas na mostra. O instituto fica no Engenho de Dentro, Zona Norte da cidade. As visitas serão agendadas, seguindo protocolos de segurança.

Nelson Sargento pintou até os 96 anos, quando faleceu vítima de Covid-19, em maio deste ano. Ele completaria 97 dia 25 de julho, véspera da inauguração. O artista compôs mais de 400 músicas, muitos clássicos da música popular, e ainda deixou acervo com 80 sambas inéditos, poesias, contos, desenhos, pinturas e textos eróticos. Era, além de compositor, intérprete, poeta, escritor, pesquisador nato, ator e radialista.

Sua obra tem como base experiências pessoais. Nas pinturas, que transitam entre arte abstrata e naïf, produzia um retrato colorido e alegre de cenas das favelas cariocas, do samba e de mulheres, mas também formas abstratas. A produção começou quando o compositor ainda se sustentava pintando paredes.

Do conjunto de trabalhos apresentados, fazem parte os últimos seis quadros pintados por Nelson. A curadoria de suas obras para a ocupação foi feita pelo violonista Agenor de Oliveira, amigo com quem escreveu diversos sambas. Usamos cookies em nosso site para melhorar sua experiência. Ao clicar em "Aceitar Tudo", você concorda com o uso dos cookies. Mas você pode visitar "Configurações de Cookies" para outras opções.

diferentes áreas. O objetivo do Programa de Residência Artística "Arte em Travessia" é criar uma proximidade particular com os processos de produção artística e relações com a Saúde Mental.



Artistas convidados

Allan com 21 (Complexo do Alemão)
César Coelho (Niterói)
Cibelle Arcanjo (Niterói)
Edson Antunes (Engenho Novo)
Edu Monteiro (Laranjeiras)
Elisama Arnaud (Engenho de Dentro)
Fabiana Oliveira (Campo Grande)
Flávio Brick (Maracanã)
Georgia Chagas (Engenho de Dentro)
Kátia Cilene (Água Santa)
Lea Cunha (Engenho de Dentro)
Marcelo Valle (Niterói)
Otávio Avancini (Raiz da Serra)
Rodrigo Pedrosa (Niterói)
Rona (Lins)
Simba (Tuiuti)
Tarso Gentil (Méier)
Valéria Felipe (Santa Tereza)
Vanor Correia (Laranjeiras)
Vitor Canhamaque (Paciência)

Serviço

Horário de visita: das 10 às 17h, de segunda a sexta-feira, a partir de 26/7
Local: Espaço Travessia
Instituto Municipal Nise da Silveira
Rua Ramiro Magalhães 521, Engenho de Dentro
Em função da pandemia, as visitas deverão ser agendadas pelo email:
contatonccs@gmail.com ou pelo celular: (21) 98909-1123

Veja mais quadros de Nelson Sargento. Crédito: Marcos de Paula / Prefeitura do Rio

Usamos cookies em nosso site para melhorar sua experiência. Ao clicar em "Aceitar Tudo", você concorda com o uso dos cookies. Mas você pode visitar "Configurações de Cookies" para outras opções.

[Configurações de cookies](#) [Aceitar tudo](#)

[< Voltar](#)



MENU DESTA SEÇÃO

[Página Inicial](#) › [Programas](#) › [Escala Brasileira](#)

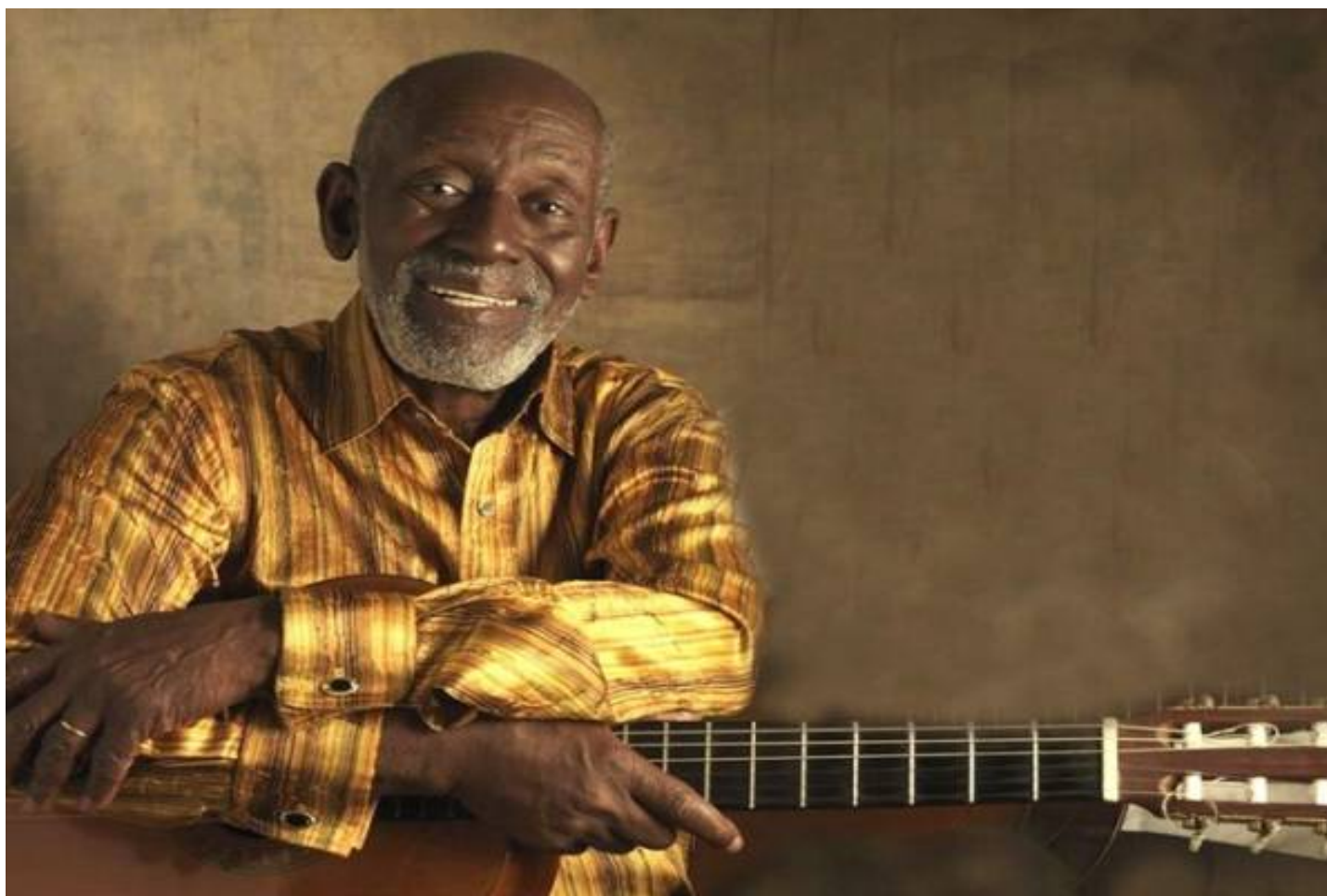
Morre Nelson Sargento, aos 96 anos

Presidente de honra da Estação Primeira de Mangueira, o cantor e compositor Nelson Sargento morreu nesta quinta-feira (27) no Rio de Janeiro. Sargento deixa uma das obras mais relevantes para a história da música brasileira, com pelo menos um grande clássico, "Agoniza mas não morre". Nelson Sargento tinha 96 anos e contraiu covid-19. Com a saúde debilitada, mesmo tendo sido vacinado, não resistiu às complicações da doença. Ouça o programa Escala Brasileira, com entrevista feita em 2011 pelo jornalista Alcebíades Muniz com o mestre do samba, em companhia do cantor e compositor Agenor de Oliveira, um dos novos intérpretes de sua obra.

Alcebíades Muniz

27/05/2021, 12h18 - ATUALIZADO EM 27/05/2021, 12h24

Duração de áudio: 57:01



Saiba mais

[Morre sambista Nelson Sargento, vítima de covid-19](#)

Tópicos:

[covid-19](#) [História](#) [Música](#) [Música Brasileira](#) [Rio de Janeiro](#) [Samba](#) [Saúde](#)

Ao Vivo

[Rádio Senado - Ao Vivo](#)



Morre Nelson Sargento, que definiu o samba melhor do que ninguém

📍 Raphael Vidigal 📅 maio 27, 2021 🕒 5:20 pm

💎 Música

🔗 morre nelson sargento sambista mangueira samba agoniza não morre sucessos



***por Raphael Vidigal**

"Samba, agoniza mas não morre"



Na esquina, no botequim, no terreiro” Nelson Sargento

Foram 96 anos, quase um século de vida de dedicação ao samba. Filho da cozinheira dona Rosa Maria e do chefe de armazém Olympio, Nelson Sargento foi criado no Morro de Salgueiro com outros 17 irmãos e, aos dez anos, já desfilava na Escola de Samba Azul e Branco. Depois de servir ao Exército, foi batizado com o apelido que carregaria para o resto da vida, e passou a dispor da companhia de bambas como Cartola e Nelson Cavaquinho. Logo, foi levado por Carlos Cachça para a ala de compositores da Mangueira e apresentou, com o padrasto Alfredo Português, seu primeiro samba-enredo: “Rio São Francisco”.



Anúncios Google

Não exibir mais este anúncio

Anúncio? Por quê?

A trajetória longeva de Nelson Sargento nunca se dissociou do amor à escola de samba e das raízes de seu povo. Pintor de paredes por formação, tornou-se artista plástico com exposições no Museu da Imagem e do Som e na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, traçando caminho semelhante ao de Heitor dos Prazeres, que também compunha e pintava. Querido e admirado por seus pares, pelo jeito doce, afável, e os versos simples que carregavam profundidade, Nelson fez parte do histórico espetáculo “Rosa de Ouro”, dirigido por Hermínio Bello de Carvalho, ao lado de Araci Cortes, Clementina de Jesus, Elton Medeiros, Paulinho da Viola, Jair do Cavaquinho e Anescarzinho do Salgueiro.

Com Zé Kéti, Oscar Bigode e José Cruz, ele formou o conjunto A Voz do Morro, que gravou dois álbuns. Na sequência, integrou o grupo Os Cinco Crioulos. Frequentador assíduo do Zicartola em sua fase áurea, cantado por Beth Carvalho, Jamelão, Paulinho da Viola, Martinho da Vila, João Nogueira, Chico Buarque, Teresa Cristina, entre muitos outros, Nelson Sargento soube definir o



sublime estação das flores.

“Cântico à Natureza (Primavera)” (samba, 1955) – Nelson Sargento e Alfredo Português

Nelson Sargento passou quatro anos tentando emplacar um samba-enredo para a Mangueira desfilar na avenida, até que, em 1955, conseguiu. Batizado por ele e o padraсто, Alfredo Português, de “Cântico à Natureza”, a canção ficaria mais conhecida como “Primavera”, cujos versos, sublinhados por uma delicada melodia, logo trazem à memória um tempo de bem-estar e esperança: “Oh primavera adorada/ Inspiradora de amores/ Oh primavera idolatrada/ Sublime estação das flores”. As outras estações do ano são também citadas na letra, mas é a primavera que se impõe, abrindo e fechando a canção. Lançada por Jamelão em 1955, ela chegou a ter o nome do cantor credenciado entre os compositores, o que era comum na época, mas foi escrita somente por Nelson e o padraсто. Ganhou regravações de Monarco, Chico César, Ivo Meireles e do próprio Nelson.

“Vai Dizer a Ela” (samba, 1957) – Nelson Sargento e Carlos Marreta

Em 1957, com a morte do padraсто Alfredo Português, Nelson Sargento teve que arranjar outro parceiro para seus sambas, e logo o encontrou em Carlos Marreta. Àquela época, ele já era enturmado com a turma da Mangueira, formada por Cartola, Nelson Cavaquinho, Carlos Cachaca, Saturnino, Babaú e Aluísio Dias, com quem aprendeu a tocar violão. “Vai Dizer a Ela”, parceria com Marreta, é um samba dolente, queixoso, cheio das mágoas do amor. O eu-lírico reclama da



conjunto Galo Preto e o cantor Pedro Miranda, que saudavam o mestre manguense.





mantendo acesa a chama de sambas que se tornaram clássicos. Como não poderia deixar de ser, ele também se tornou parceiro de Cartola, em músicas menos conhecidas, mas igualmente belas, como “Deixa”, “Samba do Operário”, “Velho Estácio” e “Vim Lhe Pedir”. Também com Cartola criou, em 1962, o samba “Ciúme Doentio”, que fala sobre a complicada relação com Ana Maria, “bonita mulher, mas de gênio, uma fera”. O samba só veio à luz muitos anos depois, nos anos 2000, quando Nelson o interpretou com Zeca Pagodinho, que já o apresentava em shows. Segundo Nelson Sargento, “Zeca queria gravar ‘Falso Amor Sincero’, mas eu não deixei”.

“Falso Moralista” (samba, 1972) – Nelson Sargento

Nelson Sargento é dono de um divertido samba intitulado “Triângulo Amoroso”, de 1979, que já dava pistas de seu viés para cronista das complexas relações conjugais: “É um triângulo amoroso/ Funcionando com perfeição/ Uma me domina, a outra me fascina/ Mas as duas têm meu coração”. Antes, em 1972, Paulinho da Viola gravara “Falso Moralista”, que também desafiava os padrões com bom-humor. Na introdução do samba, gravado no emblemático álbum “Dança da Solidão”, Paulinho chama os percussionistas um a um, antes de proclamar: “Tudo isso pra cantar um samba do Nelson Sargento”, reforçando o seu respeito pelo mestre, de quem, em 1971, gravara “Minha Vez de Sorrir” (parceria com Batista). Em “Falso Moralista”, Nelson Sargento dispara, sem dó, contra a hipocrisia: “Você se julga um tanto bom e até perfeito/ Por qualquer coisa deita logo falação/ Mas eu conheço bem o seu defeito/ E não vou fazer segredo não...”.



“Agoniza Mas Não Morre” (samba, 1978) – Nelson Sargento

Um LP histórico, gravado por Beth Carvalho em 1978. Na capa, a cantora em um pagode no Cacique de Ramos. A primeira música: “Vou Festejar”, de Dida, Neoci e Jorge Aragão. A última, “Agoniza Mas Não Morre”, um clássico de Nelson Sargento. O disco de Beth era um verdadeiro estudo sobre o samba e, conseqüentemente, sobre o povo brasileiro. “Agoniza, Mas Não Morre” ficou tão forte na memória nacional que passou a ser repetido de boca em boca, como um verdadeiro ditado popular, muitas vezes, esquecendo-se o autor dos versos. Não tem importância. A força da obra de Nelson Sargento, sublinhada por essa canção especial, é justamente essa. Ter uma profunda relação com o popular, sem perder a elegância, a natural sofisticação. “Samba, agoniza mas não morre/ Alguém sempre te socorre/ Antes do suspiro derradeiro.../ Samba, negro, forte, destemido/ Foi duramente perseguido/ Na esquina, no botequim, no terreiro...”. Ela foi regravada por Martinho da Vila, João Nogueira e Tatinho da Mangueira.



Conquiste mais autoestima

Smart Fit

“Falso Amor Sincero” (samba, 1979) – Nelson Sargento

Outra canção sobre a falsidade, a hipocrisia e as complicações do amor. “Falso Amor Sincero” carrega no título uma aparente contradição, que Nelson Sargento distende nos versos cheios de malícia e ironia: “O nosso amor é tão bonito/ Ela finge que me ama/ E eu finjo que acredito”. A música foi apresentada em 1979, no primeiro disco da carreira de Nelson, “Sonho de Sambista”, quando já alcançava a idade madura de 55 anos, repetindo a sina de bambas como Cartola, Nelson Cavaquinho, Zé Kéti e outros, que tardaram a ter os olhos da indústria fonográfica voltados para si. Apesar da chance, Nelson passou um longo período afastado dos estúdios, só retornando em 1986, com “Encanto da Paisagem”, um trabalho de inéditas em que cantava, por exemplo, “Homenagem ao Mestre Cartola”, graças à determinação do produtor japonês Katsunori Tanaka, que o levaria a realizar turnês de sucesso na Terra do Sol Nascente. “Falso Amor Sincero” foi bisada inúmeras vezes por Nelson, e recebeu uma impagável versão de Dorina e Walter Alfaiate, que a interpretou como um casal.



“Fundo Azul” (samba, 1983) – Nelson Sargento

O interesse de Nelson Sargento pelo samba era também teórico. Em 1984, ele escreveu com Alice Campos, Francisco Duarte e Dulcinéia Duarte a monografia “Um Certo Geraldo Pereira”, premiada pela Funarte, em que pesquisava as origens da obra do sambista de Juiz de Fora. No ramo literário, também escreveu “Prisioneiro do Mundo” e, com sua figura representativa e emblemática, participou dos filmes “O Primeiro Dia”, de Walter Salles e Daniela Thomas, “Orfeu”, de Cacá Diegues, e “Nelson Sargento da Mangueira”, de Estêvão Pantoja, premiado por sua trilha sonora no Festival de Gramado. Uma das responsáveis por resgatar o samba do morro para os ouvidos desatentos da zona sul, Nara Leão dedicou o LP “Meu Samba Encabulado”, de 1983, ao gênero. E aproveitou para gravar uma pérola de Nelson Sargento: “Fundo Azul”, com ares bucólicos e inspirações no chorinho, que dizia: “Ninguém é de ninguém/ Esta é a frase padrão/ Salve-se quem puder/ Neste mundo de ilusão”.

“Encanto da Paisagem” (samba, 1986) – Nelson Sargento

“Encanto da Paisagem” batizou o disco de Nelson Sargento de 1986, lançado pela Kuarup. Com



natureza . A música foi regravaada por Zeca Pagodinho, no álbum *Vida da Minha Vida*, de 2010, em parceria com o próprio Nelson. Sempre fiel às origens, Nelson tornou-se presidente de honra da Mangueira em 2014, ao completar 90 anos. Outra paixão que ele fazia questão de frisar era pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, seu time de coração, por influência do padrasto Alfredo Português. Mesmo nos momentos mais difíceis, Nelson nunca abandonou suas bandeiras.

Conquiste mais autoestima

[Abrir](#)



Décadas depois, Nelson Sargento passou a ser reverenciado por nomes da nova geração, que se identificaram com a irreverência criativa de “Idioma Esquisito”, samba originalmente gravado por ele em 1986, no segundo LP de sua carreira. Intérpretes como Carol Naine, Marina Íris, Raquel Palma, Daúde Sarambá e Pedro Miranda revisitaram a canção, que narra: “Fui fazer o meu samba/ Na mesa de um botequim/ Depois de umas e outras/ O samba ficou assim/ Estrambonático, Palipopético/ Cibalenítico, Estapafúrdico/ Protopológico, Antropofágico/ Presolopépipo, Atroverático”.

“Nas Asas da Canção” (samba, 1990) – Nelson Sargento e Dona Ivone Lara

Os bonitos vocalises de Dona Ivone Lara sublinham a poesia de “Nas Asas da Canção”, composta pela Dama do Samba com Nelson Sargento em 1990, e regravada por ambos. A versão de Dona Ivone conta com um arranjo solar e um coro de vozes. É uma gravação para cima, animada. Nelson optou por um registro mais contido e melancólico. A essência, no entanto, se mantém nos dois exemplos. “Nas Asas da Canção” é uma espécie de resumo, um compêndio das experiências que uma vida dedicada à música garante. “Ó musa/ Me ajude como outrora/ Não me abandone agora/ No ocaso da vida/ Sei que a minha mente está cansada/ Foram tantas madrugadas/ Quantas ilusões perdidas/ Quero versos com muito lirismo/ Para tirar do abismo, meu pobre coração/ Rica melodia emoldurando a fantasia da minha imaginação...”, desfilam Nelson e Ivone Lara.

Nelson Sargento deixa legado de amor e respeito ao samba

O sambista e artista multidisciplinar morreu aos 96 anos vítima da Covid-19; familiares, amigos e fãs prestam homenagens

Texto: Roberta Camargo | Edição: Nataly Simões | Imagem: Reprodução/Facebook



música

Nelson Sargento, sambista e peça chave na história do carnaval carioca, morreu aos 96 anos vítima da Covid-19. A confirmação da morte foi divulgada pelo Instituto Nacional do Câncer (Inca) nesta quinta-feira (27), onde Nelson estava internado desde o dia 21 de maio, no Rio de Janeiro. Apesar de estar vacinado com as duas doses do imunizante contra o vírus, o artista testou positivo e recebeu apoio terapêutico, mas não resistiu.

Eternizado como presidente de honra da Estação Primeira de Mangueira, Nelson fez história ao lado de nomes como Paulinho da Viola e Clementina de Jesus, no espetáculo Rosa de Ouro, no início da década de 1960. Nos anos 10, o artista lançou o álbum 'Sonho de um Sambista', que foi premiado e abriu caminho para centenas de sambas escritos e interpretados por ele.



A atuação de Sargento na arte não se limitou às canções e aos espetáculos, foi também materializada através de trabalhos

Usamos cookies para melhorar a sua experiência no nosso site. Ao navegar neste site, você concorda com o uso de cookies.

[Eu concordo!](#) [Não concordo!](#) [Mais Informações](#)

lançamento do livro, que aconteceu no Rio, ele esteve presente. Foi na semana de comemoração do aniversário de 90 anos dele. Nelson ficou comigo do início ao fim e autografou todos os livros”, recorda, chamando atenção para a energia e vivacidade do artista.

“Nelson dizia que ‘se a gente não conta aquilo que a gente vê, a história não anda e, nesse sentido, o samba é um grande delator’.”, lembra Juliana.

A escritora também menciona a presença da cultura negra nas obras literárias e pinturas feitas por Nelson. “Eu costumo comparar a atuação dele com uma planta (...) quando ele fez um movimento de espalhar as raízes do samba por terrenos heterogêneos e que dá muita resistência e vivacidade para essa cultura”, considera.

Como legado, Juliana classifica Nelson como agente essencial. “Ele fez um trabalho como um historiador da cultura do samba, da cultura do carnaval, da cultura popular e negra”, aponta a autora do livro. O resgate da história é notado em obras como ‘Encantro de Paisagem’ e o clássico ‘Agoniza, mas não morre’. Juliana reitera que Nelson contava, através de suas músicas, sobre os espaços sociais que o samba ocupa. “Tem música falando de botequim, do morro, das escolas de samba”, exemplifica.

“O samba agoniza, mas não morre”

Pelas redes sociais, parentes e amigos lamentaram a morte do sambista. A Estação Primeira de Mangueira prestou homenagem a Nelson, que fez história compondo sambas-enredo na escola. “Sua partida deixará saudades em todos os amantes do samba e da cultura brasileira. A semente plantada por ele rendeu frutos que estarão eternizados junto à certeza de que ‘o samba agoniza, mas não morre’. Vai amigo Nelson, com seu jeito fino e elegante, se juntar a Cartola, Nelson, Jamelão e outros bambas, fazer uma roda de samba e olhar por nós”, declarou a escola através de um post no Instagram.

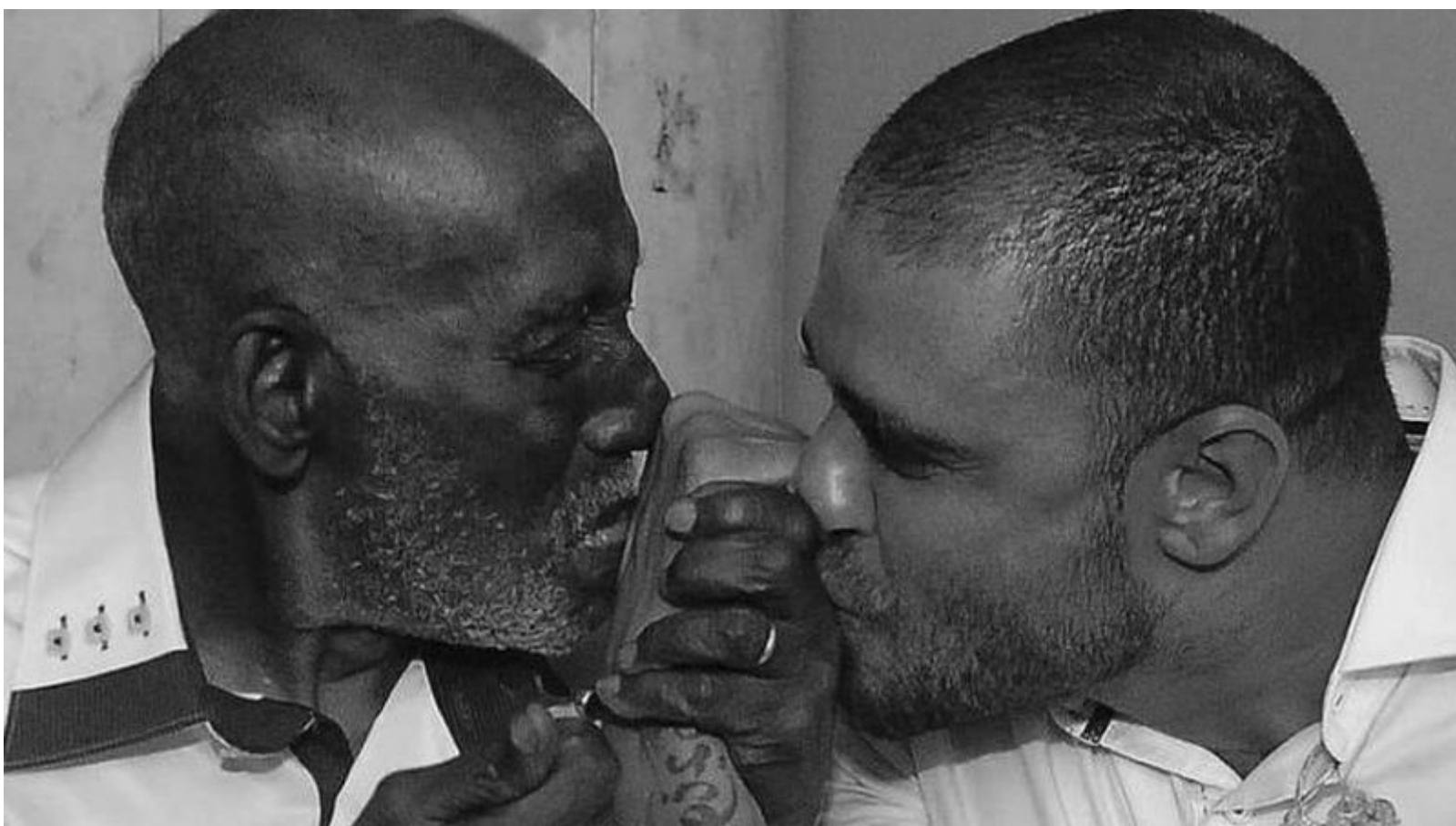


Imagem: Reprodução/Instagram

“Você é daqueles que não podiam morrer nunca”, desabafou o sambista Diogo Nogueira, legendando uma imagem em que aparece ao lado de Nelson, beijando sua mão. “Prometo continuar lutando pelo nosso samba, obrigada por tudo que fez por ele”, afirmou o artista.



Alcione também compartilhou um vídeo em homenagem a Nelson e aos momentos que compartilharam juntos. “Ele era um

Usamos cookies para melhorar a sua experiência no nosso site. Ao navegar neste site, você concorda com o uso de cookies.

Eu concordo!

Não concordo!

Mais Informações



O funcionamento da nossa redação e a produção de conteúdos dependem do apoio de pessoas que acreditam no nosso trabalho. Boa parte da nossa renda é da arrecadação mensal de financiamento coletivo e de outras ações com apoiadores.

Todo o dinheiro que entra é importante e nos ajuda a manter o pagamento da equipe e dos colaboradores em dia, a financiar os deslocamentos para as coberturas, a adquirir novos equipamentos e a sonhar com projetos maiores para um trabalho cada vez melhor.

O resultado final é um jornalismo preto, livre e de qualidade.

[Acesse aqui e apoie a Alma Preta Jornalismo](#)

[Anterior](#)

[Próximo](#)



0:00 / 0:28

NEWSLETTER

Fique por dentro de tudo que acontece. Se inscreva e receba nossas notícias toda semana.



Usamos cookies para melhorar a sua experiência no nosso site. Ao navegar neste site, você concorda com o uso de cookies.

[Eu concordo!](#)

[Não concordo!](#)

[Mais Informações](#)

Nelson Sargento...

Nelson Sargento foi sambista, pedreiro, pintor, artista naif, escritor, ator. Antes de tudo, porta-voz da resistência cultural no Brasil. Por Bruno Ribeiro | Revista Opera

Por **Bruno Ribeiro** - maio 28, 2021



(Foto: Rodrigo Juste Duarte)

Poucos artistas chegaram ao patamar mais alto que se pode almejar na história do samba: o de serem considerados a própria personificação do gênero. Nelson Sargento, que morreu na última quinta-feira (27) vítima da Covid-19, era um deles. O sambista tinha 96 anos e, apesar da idade avançada, estava lúcido e vacinado.

Ele foi um dos primeiros brasileiros a receber a vacina, em janeiro deste ano, junto a outras personalidades cariocas escolhidas pela Prefeitura do Rio para marcar o início da campanha de imunização contra o coronavírus. Em fevereiro, após tomar a segunda dose da vacina Coronavac, Nelson demonstrou otimismo em entrevista ao *Estadão*: “Isso tudo vai passar. Tem que passar. Levantei a manga da camisa, a moça fez o trabalho dela. Eu fui ao céu e voltei.”

No dia 20 de maio foi internado no Instituto Nacional do Câncer (Inca), com sintomas da doença. Seu estado de saúde se agravou no dia 26, quando teve uma piora do quadro respiratório e precisou ser intubado. Horas depois do

Nós usamos cookies neste site para melhorar sua experiência. Ao clicar em "Aceitar", você consente com o uso de todos os cookies.

[Configurações de cookies](#)

[Aceitar](#)

Dimas Covas, diretor do instituto, que fora convocado a prestar depoimento no Senado Federal, explicou que a indução de anticorpos em idosos é de 98%, mas que a resposta imunológica da vacina em pessoas acima dos 80 anos é menor. “Além disso, comorbidades podem influir”, afirmou. Nelson se tratava de um câncer de próstata desde 2005.

Em suas redes sociais, o carnavalesco Leandro Vieira acertou em cheio ao comparar o desaparecimento físico do artista à perda de um museu: “O país amanhece com a notícia da morte de Nelson Sargento como quem descobre que um valioso museu, de acervo incalculável, foi transformado em cinzas.”

Testemunha ocular de praticamente toda a evolução do samba — das origens aos dias atuais —, Nelson era de fato uma espécie de museu ambulante, repleto de histórias vividas por ele e por seus companheiros de ofício. Vale dizer que, pouco tempo depois da criação das escolas de samba, no início da década de 1930, o menino já circulava entre os sambistas e malandros do morro do Salgueiro, onde nasceu. E que, pouco antes de eclodir a pandemia, comemorou seus 95 anos com dois shows no Japão e desfilou pela Mangueira no Carnaval de 2020 — ocasião em que interpretou José, pai adotivo de Jesus, no enredo “A verdade vos fará livre”, assinado por Leandro Vieira.

Autor de mais de 400 músicas, Nelson Mattos (a alcunha “Sargento” viria de sua breve passagem pelo Exército) mudou-se para o morro da Mangueira ainda garoto, por volta dos 13 anos de idade. Ali aprendeu a tocar violão observando os músicos que frequentavam os pagodes organizados pelo letrista Alfredo Português, seu pai de criação.

O termo “pagode” era usado para designar qualquer tipo de reunião informal onde houvesse música e bebida. Foi nesse ambiente que conviveu, desde a juventude, com sambistas tarimbados como Geraldo Pereira, Padeirinho, Cartola, Carlos Cachaca e Nelson Cavaquinho. E se não bastassem as rodas de samba acontecidas em sua casa, o rapaz se encantou pela Estação Primeira de Mangueira, escola fundada em 1928, que viria a consagrá-lo, no futuro, como um de seus principais embaixadores.

A escola de samba passou a ser parte indissociável de sua vida antes mesmo que ele compusesse sua primeira música. Incentivado pelo padrasto, tão logo aprendeu a dominar o violão, começou a musicar as letras de samba que este

Nós usamos cookies neste site para melhorar sua experiência. Ao clicar em "Aceitar", você consente com o uso de todos os cookies.

samba-enredo é considerado pelos especialistas um dos mais belos e importantes da história do carnaval carioca.

Mesmo se dedicando com afinco ao samba, Nelson demorou a ganhar dinheiro com sua arte. Durante quase 40 anos trabalhou como operário da construção civil e pintor de paredes. Cantou em versos a situação precária dos trabalhadores brasileiros, como em **“Samba do Operário”** (“Se o operário soubesse/ Reconhecer o valor que tem seu dia/ Por certo que valeria/ Duas vezes mais o seu salário”). Em **“Encanto da Paisagem”** falou das mazelas do morro geradas pelo “desajuste social” (“Criança sem futuro e sem escola/ Se não der sorte na bola/ Vai sofrer a vida inteira”).

Uma parte de sua consciência política foi adquirida possivelmente na convivência com Alfredo Português, um fadista lisboeta que teria chegado ao Brasil fugindo do salazarismo e se amasiou com a mãe de Nelson, uma empregada doméstica. Outra parte veio dos livros, que o acompanharam da adolescência ao fim da vida. Ele era um leitor disciplinado — seu dia só começava após a leitura dos jornais.

Nelson Sargento foi, antes de tudo, um porta-voz da resistência cultural no Brasil. Enfrentou com bom humor a perseguição ao samba durante o Estado Novo; na ditadura militar aproximou-se do Centro Popular de Cultura, vinculado à União Nacional dos Estudantes (UNE), contribuindo para que o samba do morro chegasse aos ouvidos da classe média universitária; na reabertura política participou ativamente da campanha “Diretas Já”, representando os sambistas brasileiros neste movimento; não se omitiu no golpe contra Dilma Rousseff, tendo participado inclusive do videoclipe de um samba-denúncia chamado “A Minha Liberdade Custou Sangue”; denunciou a prisão arbitrária de Lula e manifestou em público solidariedade ao ex-presidente. Colocou-se no campo oposto ao de Bolsonaro desde que o fascista chegou ao governo.

Nem a Ordem do Mérito Cultural, recebida das mãos de Michel Temer, foi capaz de manchar a coerência de suas posições: a separação entre o Estado brasileiro e o governo do momento sempre foi um conceito claro para ele. Como poucos artistas, o compositor conseguia analisar a vida nacional com o distanciamento histórico necessário — e isso está registrado em várias

Nós usamos cookies neste site para melhorar sua experiência. Ao clicar em "Aceitar", você consente com o uso de todos os cookies.

[Configurações de cookies](#)

[Aceitar](#)

sua geração. Foi Cabral, aliás, quem percebeu o talento oculto do pintor de paredes que também pintava quadros.

Em 1981, fascinado pelas obras em estilo naïf que Nelson lhe mostrara, o jornalista organizou uma pequena exposição com seu trabalho. O evento repercutiu na classe artística e seus quadros foram comparados aos de Heitor dos Prazeres, outro sambista apaixonado por pincéis. Na oportunidade, Paulinho da Viola foi a primeira pessoa a comprar um óleo sobre tela assinado por ele. Ao longo da vida expôs em vários locais, como o Museu da Imagem e do Som (MIS), do Rio de Janeiro. “Gosto de pintar a favela, os ritmistas e as baianas das escolas de samba. Esses são os temas da minha pintura”, definiu certa vez.

Nelson Sargento aventurou-se também pela literatura: chegou a colaborar com a revista masculina “Ele & Ela”, onde publicou contos eróticos. Escreveu um livro de poesia (“Prisioneiro do Mundo”), um de crônicas (“Samba Eu”), uma biografia (“Um Certo Geraldo Pereira”) e um livro de reflexões sobre temas variados (“Pensamentos”). Quase todos foram lançados de forma independente, com recursos próprios ou com a ajuda de amigos.

Mais improvável foi sua incursão pelo cinema: atuou como ator nos filmes “É Simonal”, de Domingos Oliveira, “O Primeiro Dia”, de Walter Salles e Daniela Thomas, e “Orfeu”, de Cacá Diegues. Interpretou a si mesmo no curta-metragem “Nelson Sargento de Mangueira”, de Estêvão Pantoja, que lhe rendeu o prêmio Kikito de melhor trilha sonora no Festival de Cinema de Gramado, em 1997. Na televisão, participou da minissérie “Presença de Anita”, da TV Globo.

Na indústria fonográfica seu ingresso foi tardio: o primeiro disco seria gravado apenas em 1979. Nelson já tinha entrado em estúdio como integrante dos grupos A Voz do Morro e Os Cinco Crioulos, que marcaram época na década de 1960, mas é com o elepê “Sonho de um Sambista” que ele se apresenta como artista solo. Logo de cara emplaca dois grandes sucessos de carreira: “**Falso Amor Sincero**” (“O nosso amor é tão bonito / Ela finge que me ama / E eu finjo que acredito”) e o clássico “**Agoniza, mas não Morre**“, que Beth Carvalho dizia ser “o hino de todos os sambistas brasileiros.”

A letra versa sobre a resiliência do samba e sua capacidade de dar volta por

Nós usamos cookies neste site para melhorar sua experiência. Ao clicar em "Aceitar", você consente com o uso de todos os cookies.

[Configurações de cookies](#)

[Aceitar](#)

terreiro”). Com esta composição, Nelson Sargento inscreve seu nome na galeria dos imortais.

A história por trás da letra, no entanto, é menos romântica do que seu tom de lamento supõe. Em entrevista ao *Pasquim*, em 1987, Nelson Sargento conta como nasceu a inspiração para escrever o seu samba mais conhecido: “Eu cheguei em casa no maior porre e, nesse meio tempo, minha mulher ficara adoentada. Botei a chave na porta, tirei a chuteira e fui deitar. Aí ela perguntou: ‘Não quer saber se eu melhorei?’ ‘E você tá doente?’ ‘Pô, você não me deixou doente em casa?’ Aí olhei pra ela e tasquei: ‘Vivinha, você agoniza mas não morre. O Nelson sempre te socorre antes do suspiro derradeiro.’ Ela virou e bronqueou: ‘E o desgraçado ainda faz samba.’ Foi assim que tive a ideia.”

Outros quatro discos seriam lançados depois de “Sonho de um Sambista”, mas nenhuma com a mesma repercussão. Suas composições, em linhas gerais, exaltavam o morro, a Mangueira e retratavam a vida do povo, suas dificuldades e seus amores. Não foi um compositor de obras-primas, mas deixou sua marca. Mais do que o compositor propriamente dito, Nelson Sargento foi um sambista importante. E sua importância reside no fato de ter feito parte da história da Mangueira desde os seus primórdios, sem nunca se restringir ao universo das escolas de samba. Ao longo dos últimos 70 anos, Nelson participou assiduamente da vida nacional, tanto artística quanto politicamente.

Em sua conta no *Twitter*, o escritor Luiz Antonio Simas contou de seu último encontro com o sambista: “A última vez que vi seu Nelson Sargento foi no velório da Beth (Carvalho). Ele me disse, com o humor fino que tinha: ‘Professor, todo mundo morrendo e eu aqui. Tô achando que não vou morrer nunca, hein?’ Eu ri, disse que ele estava certo e continuo tranquilamente com essa certeza.”

Em recente entrevista ao jornal *O Globo*, Nelson, o eterno presidente de honra da Estação Primeira de Mangueira, definiu aquele que, em sua visão, seria o papel fundamental do samba: “A literatura ainda é pouca, e a política educacional não valoriza. Se você não espalhar o que viu, a história não anda. O samba é um grande delator.”

Nós usamos cookies neste site para melhorar sua experiência. Ao clicar em "Aceitar", você consente com o uso de todos os cookies.

[Configurações de cookies](#)

[Aceitar](#)

Brasil já tá tinha ido pro brejo, a gente sabia. Mas, como um peixe fora d'água, dávamos nossas ricocheteadas tentando sobreviver. Era abril de 2016 quando Douglas Germano mandou a primeira de um samba pra gente terminar, e assim compusemos, eu, Fernando Szegeri e Bruno Ribeiro “A minha liberdade custou sangue”. Este samba foi um grito contra o golpe que se anunciava. Quando terminamos, pensamos em gravar um vídeo, em formato de clipe, pra divulgar, e a música cumpriu seu papel — foi tocada e cantada em muitas manifestações Brasil afora. Para tanto, pensamos em gravar algumas figuras notórias do samba cantando trechos do samba. Fui designado por mim mesmo a ir atrás da turma pra gravar. Paulinho Timor me acompanhou nessas incursões, etilicamente emocionantes. Numa sexta feira, dia 29 de abril, fomos à casa de Nelson Sargento — um charmoso apartamento em Copacabana.

Dona Evonete nos recebeu. Entramos e nos deparamos com o velho sentado à uma mesa de ferro, daquelas de botequim. Tinha, sobre a mesa, três jornais: “O Globo”, “Folha” e “Estadão”. Antes mesmo de nos cumprimentar, pegou um dos jornais e nos interpelou: “Como pode estar acontecendo isso com o Brasil?”. A capa do jornal trazia a foto vampiresca do Temer. Eu fiz algum elogio malcriado ao então vice-presidente e o Sargento gostou do que ouviu.

Passamos uma tarde gloriosa, falando de tudo um pouco, principalmente de samba. Nossa amiga Alê Stropp filmava tudo. Em determinado momento, Nelson pergunta pra mim e pro Paulinho, de bate-pronto: “Chico ou Noel?”. Tentamos divagar e ele repetiu a pergunta. Então devolvi a pergunta, ao que o velho respondeu: “Até hoje não sei”.

Na sala tinha vários violões, ele me mandou pegar um e ali ficamos tocando, lembrando sambas. Este que abre o vídeo (abaixo), “O nosso amor”, ele cantou pra gente em primeira mão. Tinha acabado de compor na véspera. Ouro puro. Nos sentíamos como se fôssemos amigos do Sargento há muitos anos. Em determinado momento ele pediu à Dona Evonete que pegasse seus óculos. E balbuciou algo. Perguntei como estava sua saúde, na ocasião ele já tinha 91 “primaveras adoradas”. Ali se deu um momento quase teatral. Nelson Sargento retira os óculos e me fita com um olhar de quem vai dizer algo importante: “A única coisa que não funciona direito no meu corpo... é o joelho”. E riu como um exu de umbanda. Caímos todos na gargalhada.

Nós usamos cookies neste site para melhorar sua experiência. Ao clicar em "Aceitar", você consente com o uso de todos os cookies.

[Configurações de cookies](#)

[Aceitar](#)

fonte. Eu estive com Nelson Sargento em outras ocasiões, mas essa foi especial. Nesta quinta cantou pra subir um herói brasileiro. Mas Nelson Sargento, assim como o samba, não morre.

Bruno Ribeiro

É colunista de Cultura da Revista Opera. Foi repórter e crítico de música no jornal Correio Popular e Secretário Municipal de Cultura na cidade de Campinas (SP). É também letrista e escritor de vários livros publicados, entre eles A Suprema Elegância do Samba (Pontes, 2005) e Helenira Resende e a Guerrilha do Araguaia (Expressão Popular, 2007).

Nós usamos cookies neste site para melhorar sua experiência. Ao clicar em "Aceitar", você consente com o uso de todos os cookies.

[Configurações de cookies](#)

[Aceitar](#)



👤 PATRICK GRANJA ➔ ANO VI, N. 41, MARÇO DE 2008 (/NO-41)

Nelson Sargento: A história do bom samba

Poesia, literatura, pintura e principalmente música são as especialidades desse talento que retrata a vida do povo. Criado nos morros do Rio de Janeiro, histórias não faltam a esse compositor, mestre da verdadeira música popular.



Com 83 anos, Nelson Mattos, o Sargento, tem esse apelido por sua breve passagem pelo Exército. Viveu parte de sua infância no morro do Salgueiro. Nessa época sua mãe trabalhava como empregada doméstica para uma família de portugueses e só levava-o ao morro nos fins de semana. Ao mudar-se para a Mangueira aprendeu a tocar violão, dando seus primeiros passos na carreira de músico. Por quase 40 anos trabalhou como operário da construção civil, mesmo assim escreveu livros, poesias, pintou centenas de quadros, participou de filmes, e com mais de 400 músicas compostas, ajudou a imortalizar esse importante estilo da nossa música: o samba.

Mangueira

Filho de criação de Alfredo Português — letrista e um dos fundadores da Estação Primeira de Mangueira — Nelson, depois que se mudou para Mangueira, passou a conviver com renomados sambistas como Cartola e Nelson Cavaquinho.

— A minha relação com a Mangueira veio desde criança. Eu tinha de 13 para 14 anos quando fui para lá. Alfredo Português não sabia fazer música, mas era um ótimo letrista. Ele juntava todo mundo em casa, aos sábados e domingos e fazia um pagode, que naquela época era o que tinha música. Samba, tango, jazz, rock, não importava, se tivesse música era pagode. Então, Alfredo Português foi levado por Carlos Cachaca para uma escola de samba que havia na época chamada Unidos de Mangueira. Eu tinha de 16 para 17 anos, e quando ele ia ao samba e eu ia junto, lógico. Na década de 40, não existia o quesito samba enredo nas escolas de samba. No concurso não valia ponto. Só



valia a harmonia do samba, até que em 1948, Alfredo Português fez um samba e deu o enredo. Ele fez a letra e eu musiquei. A partir daí, o pessoal gostou e começou a fazer samba sempre com enredo, que mais tarde acabou virando quesito — lembra Nelson.

Às vésperas de produzir seu sétimo CD, Nelson teve também importante participação no espetáculo **Rosa de Ouro** em 1965, juntamente com Clementina de Jesus, Paulinho da Viola, Aracy Cortes, entre outros. Logo em seguida, gravou o disco **Casa de Samba II**, com o grupo A Voz do Morro.

— Zé Ketti, Bigode, Paulinho, se encontravam muito. Certa vez, em uma noitada no Estudantina, na presença de um representante de gravadora, eles cantavam um samba, batendo na mesa e em caixas de fósforos. O representante gostou e os convidou para gravar o primeiro disco da Voz do morro — conta.

om/chê

Agoniza, mas não morre

aland)

Das mais de 400 músicas escritas pro Nelson Sargento, uma delas fez muito sucesso quando, em 1978, foi gravada por Beth Carvalho: **Agoniza, mas não morre** que se transformou em uma das músicas que melhor representaram a resistência cultural do samba carioca.

SSh28

Entre as históricas dificuldades de se fazer samba, Nelson falou um pouco da invasão dos sons estrangeiros, que nos anos 60 e 70 começaram a sufocar as manifestações de música e cultura popular brasileira, entre elas o samba.

— A juventude estava influenciada pelo "yê, yê, yê!". Que seria mais tarde o embrião do rock brasileiro. Mas o Martinho fez o samba **Casa de Bamba**, que acabou dando uma reascendida no samba que estava desgastado. E para combater essa invasão de música estrangeira, apareceu também o baião, com Luiz Gonzaga. Foi uma época em que a música brasileira se projetou muito. Naquela época, as gravadoras preferiam receber fitas do exterior, prensar e vender, ao invés de gravar disco de música brasileira. As novelas também contribuía para isso. Elas tinham trilha sonora nacional e internacional. A nacional tocava em 20 capítulos e a internacional tocava em 100 capítulos. Mas os sambistas seguiram lutando, Noel Rosa, Ismael Silva, Atilaf Alves, Sinval Silva, Zé com Fome, Geraldo Pereira. Essa turma que tocava o samba para a frente. E os que vieram depois também. Eu, Monarco, Ney Lopes, a turma da Portela. Eu me preocupo porque hoje não existe mais esse time de gente tentando manter o samba. O Fundo de Quintal, Zeca Pagodinho, Dudu Nobre, Almir Guineto, Jorge Aragão, são poucos. Dizer que o samba está bem porque o Zeca vende 1 milhão de cópias não é correto. Depois de tanto tempo o samba está sendo tombado — desabafa Nelson.

Samba do operário

Outro samba marcante cantado por Nelson Sargento é o **Samba do Operário**, escrito por seu pai de criação Alfredo Português, que viera de Portugal para o Brasil, perseguido.

— Esse samba foi feito da seguinte maneira: era 1º de maio e o Cartola estava lá em casa. Conversa vai, conversa vem, ele e o Alfredo começaram papear sobre a situação do operário. Ai o Alfredo falou: 'Vamos fazer um samba?' e o Cartola respondeu: 'Manda a letra'. Ele pegou e fez a primeira parte. Mas não cogitaram de fazer a segunda parte. Depois que o Alfredo fez a segunda parte do samba eu terminei, ao invés do Cartola.— explica.



E não é a toa que Nelson gravou o **Samba do Operário**, ele conhece muito bem o valor do trabalho.



— Eu sabia que samba era um negócio de valor, mas não sabia o quanto. Babau da Mangueira (1914-1993) uma vez escreveu: 'Trabalho, não tenho nada e não saio do miserê'. Foi durante a ditadura militar que esse movimento ganhou mais força. Chico Buarque, Geraldo Vandré, entre outros, foram os grandes inimigos da ditadura. — conta — O Vandré fez músicas de arrepiar, embalou aqueles estudantes engajados na luta contra a ditadura e fez muito eco.

Como pintor de paredes Nelson, acidentalmente despertou interesse pela arte e começou a pintar quadros primitivistas. Quando mostrou algumas pinturas ao jornalista Sérgio Cabral (o pai), foi elogiado e incentivado a continuar pintando, o que faz até hoje.

— Eu gosto de pintar os morros, as escolas de samba, os ritmistas, as baianas. Esse é o tema da minha pintura — conta.

om/ch Pensamentos e parceria

Atualmente, o parceiro de Nelson é o cantor e compositor Agenor de Oliveira, que produzirá seu próximo disco e foi o editor do seu último livro, **Pensamentos**, onde Nelson enfatiza os ditados populares, aprofundando seus significados através de breves reflexões.

— Por exemplo, o que é jogo de cintura? É livrar-se com sabedoria de alguma coisa que te incomoda — explica bem humorado. — O livro foi lançado há cerca de três anos e o editor é o Agenor, um compositor, que é o meu parceiro atual e tem uma gravadora chamada Olho do Tempo, inclusive eu farei meu próximo disco com ele. Essas grandes editoras não querem publicar o trabalho de alguém desconhecido, então ele me ajudou e a gente editou o livro. Fizemos apenas 3 mil cópias. O meu outro livro de poesias eu mesmo juntei dinheiro e publiquei. Todos os meus trabalhos são independentes: quadros, livros e sambas. Porém, o independente de hoje em dia depende de tudo e de todos — desabafa.

◀ Anterior (/no-41/1565-capitales-da-areia-coletividade-e-transformacao)

Próximo ▶ (/no-41/1563-estilo-tradicao-e-alegria-de-jorginho-do-pandeiro)

NÃO SAIA AINDA... O jornal **A Nova Democracia**, nos seus mais de 18 anos de existência, manteve sua independência inalterada, denunciando e desmascarando o governo reacionário de FHC, oportunista do PT e agora, mais do que nunca, fazendo-o em meio à instauração do governo militar de fato surgido do golpe militar em curso, que através de uma análise científica prevíamos desde 2017.

Em todo esse tempo lutamos e trouxemos às claras as entranhas e maquinações do velho Estado brasileiro e das suas classes dominantes lacaias do imperialismo, em particular a atuação vil do latifúndio em nosso país.

Nunca recebemos um centavo de bancos ou partidos eleitores. Todo nosso financiamento sempre partiu do apoio de nossos leitores, colaboradores e entusiastas da imprensa popular e democrática. Nesse contexto em que as lutas populares tendem a tomar novas proporções é mais do que nunca necessário e decisivo o seu apoio.

Se você acredita na Revolução Brasileira, apoie a imprensa que a ela serve - Clique Aqui (<https://www.catarse.me/apoieoand>)



OUÇA AO VIVO

São Paulo

Sob Medida

Uma hora com o melhor da MPB



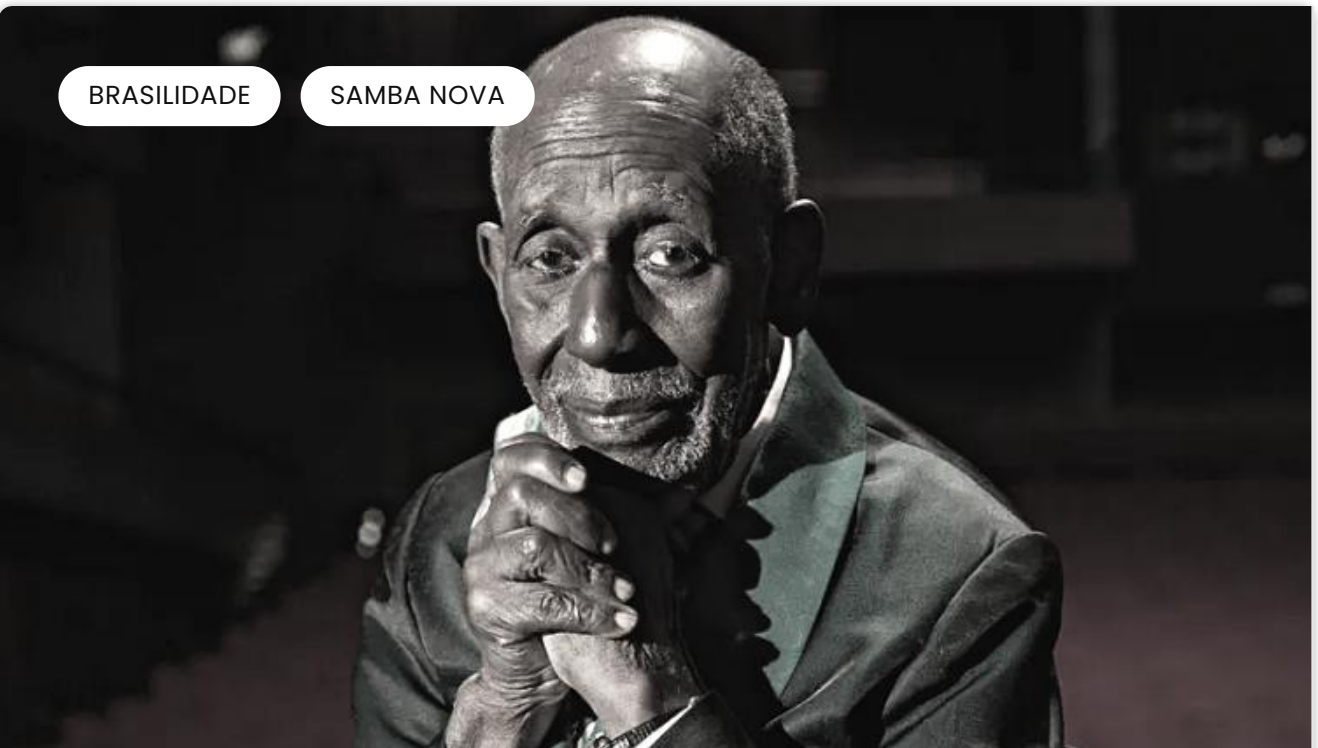
NOTAS MUSICAIS ▾

ESPECIAIS ▾

PROGRAMAS ▾

PODCASTS

PROMOÇÕES



Um ano sem Nelson Sargento

Maio 27, 2022

Esse site utiliza cookies para melhorar sua experiência, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse.

Ao navegar neste site, você aceita a nossa política de monitoramento. Para mais informações leia nossa Política de Privacidade.

ACEITAR



ouça este conteúdo

readme

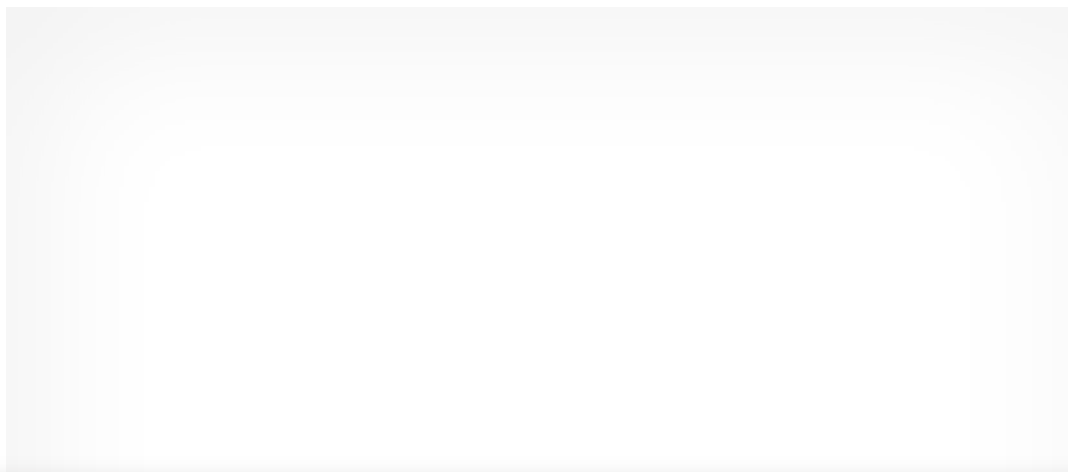


Hoje, dia 27 de maio, completamos um ano sem **Nelson Sargento**. O sambista, compositor, cantor, pesquisador de música popular brasileira, artista plástico, ator e escritor brasileiro nos deixou em 27 de maio de 2021, aos 96 anos, por complicações da Covid-19.

Nelson Sargento nos deixou há 1 ano por complicações da Covid | Foto: Claudia Martini/Enquadrar/Estadão Conteúdo/Arquivo.

Nascido **Nelson Mattos**, no Rio de Janeiro de 1924, ganhou o apelido artístico "**Sargento**" por conta da patente que alcançou por ter servido no Exército Brasileiro na segunda metade dos anos 1940.

PUBLICIDADE



Esse site utiliza cookies para melhorar sua experiência, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse.

Ao navegar neste site, você aceita a nossa política de monitoramento. Para mais informações leia nossa Política de Privacidade.

ACEITAR



Nelson Sargento morou no Morro da Mangueira desde os 12 anos de idade e tornou-se um dos principais sambistas de todos os tempos da **Estação Primeira de Mangueira**, escola que integrou e presidiu a Ala de Compositores, bem como se tornou Presidente de Honra.

No Carnaval de 1949, **Sargento** venceu a seletiva de sambas-enredo da **Mangueira** com **Apologia ao Mestre**, parceria com seu padrasto Alfredo Lourenço, e escola de samba se consagrou campeã do desfile daquele ano. A parceria rendeu, para o desfile seguinte, o samba-enredo **Plano SALTE – Saúde, Lavoura, Transporte e Educação**, que garantiu um novo campeonato à escola.

Em 1955, Nelson e Alfredo Lourenço compuseram o samba-enredo **As Quatro Estações do Ano** ou **Cântico à Natureza**, considerado um dos mais belos sambas-enredo já realizados. Três anos depois, Nelson foi eleito presidente da Ala de Compositores da **Mangueira**, posição que lhe permitiu maior convivência e aprendizado com os sambistas veteranos da escola, como Carlos Cachça, Saturnino, Aluisio Dias, Babaú e, principalmente, **Cartola**, de quem se tornaria um discípulo ao guardar na cabeça os versos que o mestre compunha de maneira descompromissada, além de completar outras das suas composições

Esse site utiliza cookies para melhorar sua experiência, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse.

Ao navegar neste site, você aceita a nossa política de monitoramento. Para mais informações leia nossa Política de Privacidade.

ACEITAR

depois, integrou os conjuntos **A Voz do Morro** e **Os Cinco Crioulos**.

Aos poucos, algumas de suas composições passaram a ser gravadas por artistas como Paulinho da Viola, que lançou **Minha Vez de Sorrir** (parceria de Sargento com Batista da Mangueira), em 1971, e **Falso Moralista**, em 1972, dois dos sambas mais conhecidos de Nelson. Em 1978, **Beth Carvalho** lançou **Agoniza Mas Não Morre**, que se tornou a composição de maior sucesso do sambista.



Agoniza Mas Não Morre
Nelson Sargento



Ao longo da sua vida, **Nelson Sargento** compôs mais de 400 canções. Somente em 1979, aos 55 anos, Sargento gravou o seu primeiro álbum solo: **Sonho de Sambista**.

Além da carreira musical, **Nelson** foi artista plástico e poeta, tendo publicado os livros **Prisioneiro do Mundo** e **Um Certo Geraldo Pereira**. Também fez participações nos filmes **O Primeiro Dia** e **Orfeu**.

Em 27 de maio de 2021, o sambista – que já tinha recebido

Esse site utiliza cookies para melhorar sua experiência, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse.

Ao navegar neste site, você aceita a nossa política de monitoramento. Para mais informações leia nossa Política de Privacidade.

ACEITAR



Para sempre uma das principais figuras do nosso samba,
viva **Nelson Sargento!**

Nelson Sargento - Encanto Da Paisagem (Ao Vivo)



Compartilhar isto em:



<https://novabrasilfm.com.br/notas-musicais/brasili>



Esse site utiliza cookies para melhorar sua experiência, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse.

Ao navegar neste site, você aceita a nossa política de monitoramento. Para mais informações leia nossa Política de Privacidade.

ACEITAR

O que está procurando...

Filtrar por categoria

Nelson Sargento

★★★★☆ 3.50 (2)



Nome Artístico

Nelson Sargento

Nome verdadeiro

Nelson Mattos

Data de nascimento

25/7/1924

Local de nascimento

Rio de Janeiro, RJ

Data de morte

27/5/2021

Local de morte

Rio de Janeiro, RJ

Dados biográficos

Compositor, Cantor, Esantor, Pinteiro

Nasceu na Santa Casa de Misericórdia

Filho de Rosa Maria de Condeira

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA
MÚSICA POPULAR BRASILEIRA
 (https://dicionariompb.com.br/)

de Matos (cozinheiro-chefe do Armazem Dragão Secos e Molhados, da Rua Mauock Lobo). Sua mãe, com a separação do primeiro marido, uniu-se a Arthur Pequeno, que morava no Morro do Salgueiro.

Aos nove anos, morava no Morro do Salgueiro, com mais 17 irmãos, onde desfilava na Escola de Samba Azul e Branco.

Leia
mais

Dados artísticos

Compôs em 1949, "Apologia aos mestres" (c/ Alfredo Português), samba que deu o título à Escola de Samba Mangueira. A composição exaltava Miguel Couto, Rui Barbosa, Oswaldo Cruz e Ana Néri. Por essa época, foi o responsável pela entrada de Darcy da Mangueira, Pelado, Cícero e Batista na ala de compositores da escola.

No ano de 1955 outro samba-enredo de sua autoria, desta vez em parceria com Alfredo Português e Jamelão, "Cântico à natureza", classificou a escola em 2º lugar no desfile do Grupo Especial da época. De acordo com o escritor Hiram Araújo, no livro "Carnaval – seis milênios de história". a composição também ficou conhecida com o título de "Quatro estações do ano" ou

Leia
mais

Discografias

2020

Independente

CD

Sucesso de Mistura: Dona Ivone Lara, Nelson Sargento e Nelson Cavaquinho

(Compilação com vários intérpretes)



Sucesso De Mistura

Dona Ivone Lara, Nelson Sargento, Nelson C



2012

CD

Ver
todas

Obras

**DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA
MÚSICA POPULAR BRASILEIRA**

(https://dicionariompb.com.br/)

A cara do Brasil | (c/ Arnaldo de Oliveira)

A felicidade se foi

A mesma fantasia

[Ver
todas](#)

Shows

2011

Teatro de Arena, Caixa Cultural, Rio de Janeiro

"Pensamentos cantados" (c/ Agenor de Oliveira)

2003

Eliane Faria convida Noca da Portela, Nelson Sargento, Tia Surica, Walter Alfaiate e Rico Doriléio. Projeto Encontro Notáveis. Teatro do

[Ver
todos](#)

Bibliografia Crítica

ALBIN, Ricardo Cravo. Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira – Criação e Supervisão Geral Ricardo Cravo Albin. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, Instituto Cultural Cravo Albin e Editora Paracatu, 2006.

ALBIN, Ricardo Cravo. Driblando a censura – De como o cutelo vil incidiu na cultura. Rio de Janeiro: Editora Gryphus, 2002.

Conheça o ICCA (<http://instagram.com/abra-o-icca/conheca-o-icca/>)

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA
MÚSICA POPULAR BRASILEIRA
(<https://dicionariompb.com.br/>)

[Agradecimentos \(/agradecimentos\)](/agradecimentos/)

[Parceiros \(/parceiros\)](/parceiros/)

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA
MÚSICA POPULAR BRASILEIRA
(<https://dicionariompb.com.br/>)

Digite seu e-mail para receber novidades

Cadastrar →



Dicionário Cravo Albin Da Música Popular Brasileira © 2021

Agência OD (<https://Agenciaod.Com.Br/>)



nelsonsarg...

Enviar mensagem

Segui

1 5 4



111 publicações

1,448 seguidores

286 seguindo

Nelson Sargento

Artista

Perfil Oficial do Eterno Sambista Nelson Sargento

Adm @ronaldomattos

21967331360

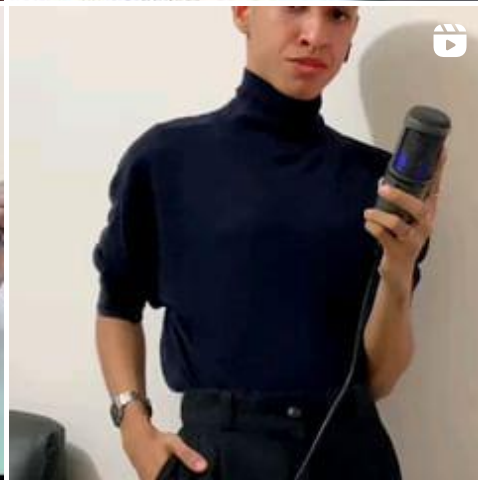
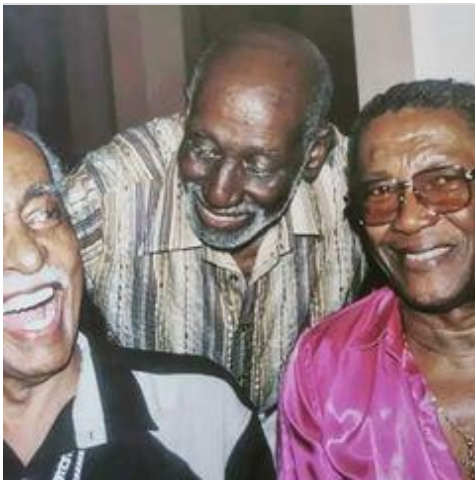
#SambaAgonizaMasNãoMorre #TerreiradoSambaNelsonSargento

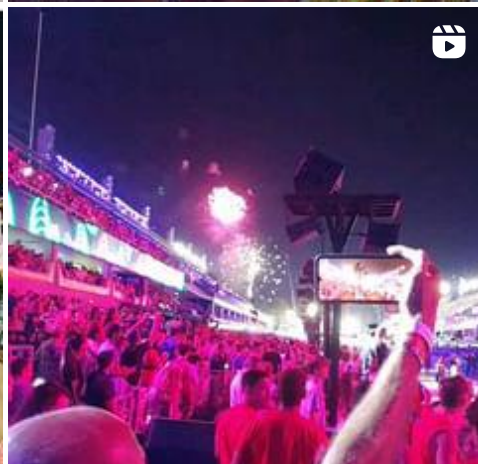
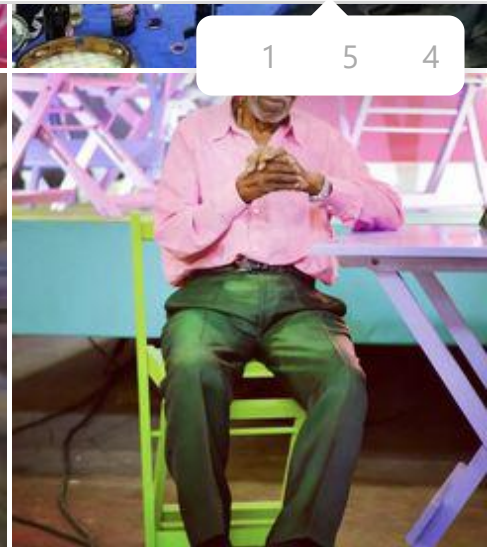
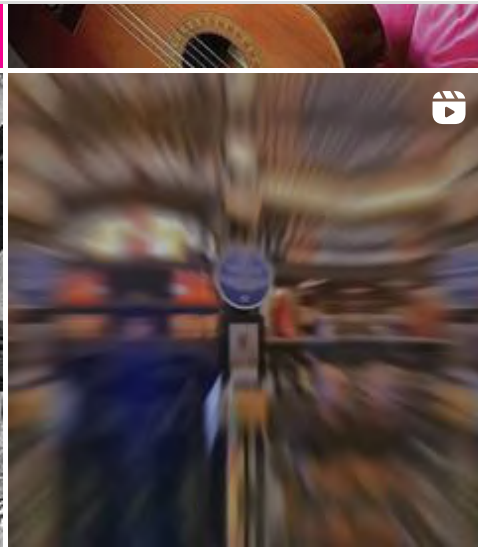
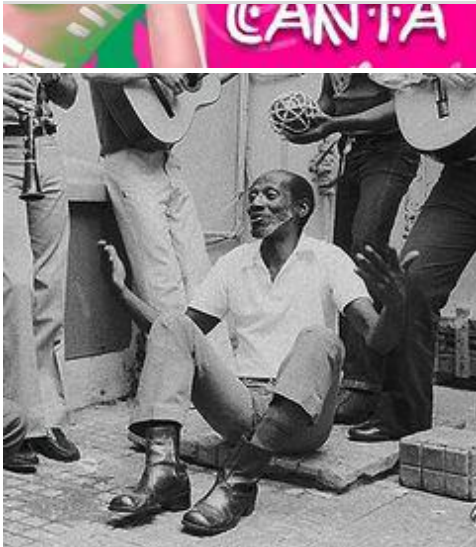
PUBLICAÇÕES

REELS

VÍDEOS

MARCADOS







[Meta](#) [Sobre](#) [Blog](#) [Carreiras](#) [Ajuda](#) [API](#) [Privacidade](#) [Termos](#) [Principais contas](#) [Hashtags](#) [Localizações](#)
[Instagram Lite](#) [Carregamento de contatos e não usuários](#)

Português (Brasil) ▾ © 2022 Instagram from Meta